



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**JAILTON GALDINO DOS SANTOS**

**PROTAGONISMO E VISIBILIDADE PRODUTIVAS DO CORPO NEGRO-GAY NO  
ROMANCE *QUERIDO EX*, DE JUAN JULLIAN**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

**JAILTON GALDINO DOS SANTOS**

**PROTAGONISMO E VISIBILIDADE PRODUTIVAS DO CORPO NEGRO-GAY NO  
ROMANCE *QUERIDO EX*, DE JUAN JULLIAN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Literatura e Interculturalidade.

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237p Santos, Jailton Galdino dos.  
Protagonismo e visibilidade produtivas do corpo negro-gay no romance Querido ex, de Juan Jullian [manuscrito] / Jailton Galdino dos Santos. - 2023.  
107 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras e Artes - CEDUC. "

1. Corpo. 2. Negro. 3. Identidade. 4. Produtividade do poder. 5. Orientação sexual. I. Título

21. ed. CDD 801.95

**JAILTON GALDINO DOS SANTOS**

**PROTAGONISMO E VISIBILIDADE PRODUTIVAS DO CORPO NEGRO-GAY NO ROMANCE *QUERIDO EX*, DE JUAN JULLIAN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Literatura e Interculturalidade.

**Área de concentração:** Literatura e Estudos Interculturais.


Aprovado em: 27/03/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. José Veranildo Lopes da Costa Júnior  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



---

Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Ao meu amigo Nilton Souza, que tão  
precocemente transformou-se em estrela. Não!  
Transformou-se em constelação.  
(in memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

Infinitamente a Deus, pela vida, saúde e família.

Aos meus pais, Lucileide dos Santos e João Galdino, por acreditarem que a educação era e é a melhor opção para trilhar as oportunidades que eles não tiveram; também pelo cuidado, afeto e amor que a mim é atribuído todos os dias.

Ao meu irmão, Pablo Douglas, que um dia espero que tenha as mesmas oportunidades de ingressar em uma universidade pública, tornando-se mais um cidadão a portar um diploma de nível superior e, posteriormente, de mestrado.

A Lucas Pimentel, por seu companheirismo e por sua ajuda na compra dos livros para esta pesquisa.

A minha inspiração, Antonio Carlos Neto, que sempre respondeu aos meus questionamentos e me ajudou tanto para que eu chegasse ao Mestrado.

A Danilo Alves, Thatyane Cordeiro, Thuenne Barros, Gustavo Diniz, Edson de Souza, Renan Lima, Fernando Thiago, Henrique Deantoni, Ana Clara Braga, Maria Rita, Yago Barros, Felipe Araújo, Walber Silva e Valquíria Lopes pela irmandade de almas.

Aos meus familiares, sobretudo ao meu tio Pedro e aos meus primos Luciano e Larissa.

A minha querida Madrinha, Vitória Alves, que se emociona a cada objetivo novo que alcanço.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio de Pádua, por inicialmente acreditar em meu projeto, me acompanhar ao longo do processo de pesquisa, com empenho e dedicação.

Aos professores do Curso de Mestrado em Literatura e Interculturalidade da UEPB, que contribuíram direta ou indiretamente, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa, mesmo em um momento como a pandemia de Covid-19, durante o qual só tivemos a troca de conhecimentos virtualmente.

A professora Dra. Sueli Meira Liebig presente na minha qualificação de mestrado, como também, aos professores Dr. José Veranildo Lopes da Costa Junior e Dra. Francisca Zuleide Duarte presentes na defesa desta dissertação.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), à bolsa de estudos financiada pela CAPES, que me proporcionou os meios necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

Enfim, tenho gratidão a todos que, de certa forma, tenham contribuído para a realização de mais este sonho.

## RESUMO

Neste texto, disserto sobre o corpo negro-gay representado no romance *Querido Ex, (que acabou com a minha saúde mental, ficou milionário e virou uma subcelebridade)*, publicado em 2020, pelo carioca Juan Jullian. Centro a discussão na relação corpo negro-gay do protagonista da narrativa, bem como na solidão do mesmo, que é superada ao longo do romance. O modo de abordar a questão é pautado no conceito de produtividade de Michel Foucault (1988, 2004), porque entendo que a representação deste indivíduo não pode ser vista unicamente na chave de leitura não afirmativa. Como pressupostos teóricos, além do já citado, adoto os estudos de Hall (2006), Dalcastagnè (2008), Silva (2012), entre outros, para refletir sobre negrura, corpo, identidade, gênero e sexualidade. Defendo que o protagonismo na literatura contemporânea, de personagens à margem da sociedade contribui para dar visibilidade a estes sujeitos, rompendo com o sistema hegemônico da sociedade branca e cis-heteronormativa. Portanto, esta pesquisa é pautada em discussões que buscam entender o protagonismo de negros-gays no romance contemporâneo e com a necessidade na escrita de narrativas que tragam sujeitos à margem para o centro das discussões.

**Palavras-Chave:** Corpo. Negro. Gay. Identidade. Produtividade do Poder.

## RESUMEN

En este texto, disertó sobre el cuerpo negro-gay presente en el libro *Querido Ex, (que acabou com a minha saúde mental, ficou milionário e virou uma subcelebridade)* publicado en 2020, por el autor carioca Juan Jullian. Centro la discusión con relación a el cuerpo negro-gay del protagonista de la narrativa, como también en la soledad de él, que se supera a lo largo del romance. La manera de abordar la cuestión es pautada en el concepto de productividad de Michel Foucault (1988, 2004), porque comprendo que la representación de este individuo no puede ser mirada únicamente por medio de la lectura no afirmativa. Como propuestas teóricas, además de lo antedicho, adopto los estudios de Hall (2006), Dalcastagnè (2008), Silva (2012), entre otros, para reflexionar sobre negrura, cuerpo, identidad, género y sexualidad. Defiendo que el protagonismo en la literatura contemporánea, de personajes olvidados por la sociedad, contribuye para la visibilidad a estos sujetos, rompiendo con el sistema hegemónico de la sociedad blanca y cis-heteronormativa. Por lo tanto, esta investigación se basa en discusiones que contribuyen a la comprensión del protagonismo de los negros-gays en el romance contemporáneo y la necesidad de componer narrativas que traen temas de los márgenes al centro de las discusiones.

**Palabras clave:** Cuerpo. Negro. Gay. Identidad. Productividad del poder.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. RELAÇÕES DE PODER E AS PRODUÇÕES DE SENTIDOS DO CORPO NEGRO-GAY.....	13
2.1 Apontamentos sobre corpo e literatura.....	13
2.2 Raça/Etnia, gênero, sexualidade e identidade: uma análise sobre o corpo e suas expressões.....	26
2.3 Literatura: negros e gays protagonizando narrativas.....	35
3. (AUTO)REPRESENTAÇÃO: A VOZ NEGRA-GAY NO ROMANCE <i>QUERIDO EX</i> .....	45
3.1 O protagonismo negro-gay no romance de Juan Jullian.....	45
3.1.1 Conhecendo o romance.....	47
3.1.2 A estrutura da obra.....	48
3.1.3 Negro-gay: a voz que narra.....	50
3.2 Emancipação do corpo negro e gay a partir do conceito de produtividade no romance <i>Querido ex</i> .....	57
4. NEGRO-GAY: DA SOLIDÃO À VISIBILIDADE EM <i>QUERIDO EX</i> .....	69
4.1 Corpo solitário: em busca de afirmação da identidade negra-gay em <i>Querido ex</i> .....	69
4.2 Memória, luto, melancolia e desejo: diegese de um <i>millennial</i> pós-moderno.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	100

## 1 INTRODUÇÃO

As relações entre os estudos literários e interculturais admitem diversas interpretações sobre as interações de diferentes grupos étnicos e suas culturas. A literatura permite problematizar o social e assim gerar discussões sobre aspectos relevantes de agendas políticas que são debatidos na e pela sociedade. Todavia, quando ela é escrita por autores negros e gays e/ou que apresenta em sua narrativa estes personagens específicos, parece desafiar percepções negativas da sociedade em relação ao racismo e à homofobia direcionadas a ambos os grupos. Porém, ao observar as produções literárias de romances nacionais, há uma dada invisibilidade ou sombreamento de autores negros e gays<sup>1</sup> na literatura brasileira, o que limita o número de vozes e de lugares de fala em torno dessas questões.

A ausência do corpo negro e gay na literatura brasileira, de seu início até a contemporaneidade, é consequência de uma série de forças, desde a homofobia internalizada até as pressões sociais que reforçavam a invisibilidade dessa população, algo que ainda vinha do pensamento colonialista de outros tempos e cujos resquícios são vistos ainda hoje. Dalcastagnè (2005), em seu artigo intitulado “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, analisa a presença de grupos marginalizados em romances brasileiros em uma pesquisa realizada entre os anos de 1990 e 2004. A estudiosa afirma que o campo literário nacional é um ambiente de exclusão, já que a maioria dos autores são homens, brancos, de classe média e que vivem nos grandes centros urbanos. Eles criam suas narrativas de acordo com as suas realidades, assim, quando mulheres, negros, pobres etc. são representados, estes não têm vozes e, por vezes, são representados por uma ótica estereotipada.

Uma das principais formas de exclusão dos corpos de negros e gays na arte/na produção cultural é sua invisibilidade. Muitas vezes, os indivíduos não são representados nos textos literários ou apenas são mencionados como figuras trágicas,<sup>2</sup> marginalizadas<sup>3</sup> e/ou

---

<sup>1</sup> Será utilizado ao longo do texto a expressão *gay*, embora haja outros termos para ser referido a estes corpos, como, por exemplo, homoeróticos, homossexuais, *queers*, entre outros, que possuem diferentes sentidos semânticos. O termo *gay* que será empregado ao longo desta dissertação é em referência aos estudos da literatura *gay* desenvolvidos por Antonio de Pádua Dias da Silva, ao qual será recorrido como aporte teórico. O pesquisador torna expansivo o uso do termo, apesar de ter consciência dos limites políticos que isso implica. Justifica o uso pelo didatismo do uso de um único termo que abranja um corpo maior de sujeitos.

<sup>2</sup> Exemplo de obras que apresentam o corpo *gay* de forma trágica é o romance *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, e o filme *O Segredo de Brokeback Mountain* (2005), inspirado no conto “Brokeback Mountain”, de Anne Proulx, narrativa publicada originalmente em 1997.

<sup>3</sup> Na obra *Crítica da Imagem Eurocêntrica*, de Hella Shohat e Robert Stam (2006), percebe-se como as mídias estereotipam o corpo negro, por exemplo, quando os apresentam como delinquentes, o que traz sérios impactos para a comunidade negra.

sexualizadas,<sup>4</sup> limitando suas histórias às experiências de opressão e violência. Isso reflete uma falta de reconhecimento da diversidade da experiência humana e uma incapacidade de enxergar a complexidade dos seres humanos. Além da invisibilidade, os corpos negros e gays também são excluídos pela negação de sua existência. Essa negação acontece de duas maneiras: pelo rechaço e depreciação da orientação sexual e pela cor da pele.

A população negra, historicamente marcada pelo genocídio de seu povo, pelo trabalho escravo e pelo racismo, segue ainda sendo invisibilizada pela sociedade atual. A escravidão perdurou por séculos; trabalhos como a produção de açúcar, a extração nas minas de ouro ou o cultivar a terra nas lavouras de café tinham como mão de obra os negros sequestrados do continente africano, como apontam Santos e Alves (2015). Mesmo após o fim do período escravocrata os negros tiveram dificuldade para serem integrados à sociedade por não ter havido uma política de alocação desses sujeitos no corpo social, como deveria ser, e isso resultou na partida, em massa, deles, para setores geográficos e culturas marginais, nos grandes centros urbanos.

Já a população gay negra norte-americana, durante o século XX, mais precisamente no ano de 1969, teve em sua história e de sua comunidade o episódio conhecido como A Revolta de Stonewall, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Diversos protestos e manifestações aconteceram devido às ações truculentas dos policiais no estabelecimento *Stonewall Inn*, um conhecido bar frequentado por pessoas que socialmente eram excluídas ou marginalizadas. O episódio marcou tanto o movimento LGBTQIAP+<sup>5</sup>, que em diversos lugares do mundo decidiu-se que o 28 de junho ficou conhecido como o dia do Orgulho Gay.

Como fica evidente, tanto a população negra como a não heterossexual ou gay, de acordo com a terminologia aqui usada, em suas bases históricas foram movidas, inicialmente, por processos de enfrentamento e/ou ruptura com o corpo social majoritário e hegemônico. E esses dois aspectos serão os que delinearão a leitura que faremos do romance *Querido Ex*, (2020). Ao longo dos capítulos, discutirei a experiência de ser um corpo gay e negro pelo protagonista-autor do romance em estudo, aprofundando questões de ordem cultural e social

---

<sup>4</sup> A escritora e ensaísta Conceição Evaristo aborda a questão da sexualização de negros em seus livros, como *Becos da Memória* (2017) e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011). Em seus textos, ela discute como a sexualização dos corpos negros, principalmente dos corpos das mulheres negras, tem sido naturalizada e romantizada na sociedade brasileira, contribuindo para a invisibilidade e a desvalorização.

<sup>5</sup> Várias mudanças ocorreram ao longo dos anos envolvendo a sigla que representa o movimento no Brasil. Atualmente uma das siglas que mais abrange o movimento é a sigla LGBTQIAP+ que representa o movimento político e social, tal movimento defende entre várias pautas a diversidade, mais representatividade e direitos para a população, sendo a sigla formada a partir dos indivíduos que se reconhecem como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais e o + que representa outras identidades de gênero e orientações sexuais que não seguem o padrão cis-heteronormativo.

que se tornam importantes fontes de discussão para a interpretação do que é viver às margens de tudo e encontrar modos de escapar de ideologias racistas e homofóbicas.

Em se tratando da produção cultural/artística gay, Antônio de Pádua Silva (2012) aponta que os critérios políticos e estéticos são determinantes para a construção e manutenção da literatura gay, como também para a sua história, apesar desses conceitos flutuarem do ponto de vista semântico, principalmente o conceito de estética, ligado a outros termos como beleza e, portanto, tudo que está no entorno do conceito parece ser relativizável. O texto literário de temática gay pode ser analisado tanto pelo caráter político, como pelo fator estético. É ainda Silva (2012) quem diz que, independentemente de qualquer fator, o significado de Arte e Literatura estão vinculados entre si, não levando em conta os fatores políticos, sociais, entre outros. Já Oliveira e Simões (2018) apontam que também houve um atraso na construção da produção literária gay, sendo pesquisada com mais comprometimento após a década de 1960 e influenciada pelas lutas por liberdade e dos estudos de gênero da década de 1990. Silva e Carvalho (2015) pontuam que a literatura gay acaba ficando restrita ao âmbito acadêmico, sendo pouco trabalhada nos estudos literários dos espaços escolares.

Nos últimos anos, questões identitárias têm tido cada vez mais visibilidade na academia, tornando-se recorrente em debates e estudos, por conta de mudanças políticas, sociais e culturais, sendo possível perceber uma produção que observa e entende as mais plurais identidades, sejam elas de classe, de raça/étnica, de gênero etc. mas, percebe-se que as populações negras e LGBTQIAP+ tem características muito próximas, como aponta Marques (2016):

[...] os campos de estudos sobre populações negras e LGBTs vivem proximidades, primeiro, por terem como tema de suas pesquisas sujeitos estigmatizados, discriminados e tratados de modo desigual nos mais variados âmbitos da vida. O seu nascedouro enquanto pesquisa é no mesmo berço dos estudos eugênicos e criminológicos, com bases extremamente racistas e sexistas, que identificavam negros como potenciais marginais e homossexuais como desviantes e/ou doentes. (MARQUES, 2016, p. 18)

Portanto, as pesquisas que envolvem os dois grupos em estudo, ambos estigmatizados, não se distanciam um do outro, já que são tratados por uma ótica desigual por serem quem são. Podemos compreender que essa relação se dá através da interseccionalidade, já que é um conceito sociológico que nos permite observar como a sociedade é opressora e discriminatória. Carla Akotirene (2019, p. 27) aponta que “A interseccionalidade nos instrumentaliza a enxergar a matriz colonial moderna contra os grupos tratados como oprimidos [...]”. A noção de interseccionalidade das diferenças, segundo Patrícia Collins e Sirma Bilge (2000), confere aos

estudiosos o aprofundamento de questões coletivas ou de grupos, relacionadas a diversos marcadores culturais que estabelecem uma “condição de sujeito”. É o caso, por exemplo, do protagonista do romance em análise: um jovem negro e gay. Pela interseccionalidade, fatores como sexualidade, raça, condição social, idade, gênero são preponderantes para uma leitura aprofundada sobre o assunto.

Na sociedade contemporânea, cada vez mais escritores estão trabalhando para inverter o cenário de exclusão, criando representações diversas e complexas, a exemplo das obras *Devassos no Paraíso* (1986), de João Trevisan; *Morangos Mofados* (1982), de Caio Fernando Abreu; *Eu Sou Uma Lésbica* (1983), de Cassandra Rios; *Mosaicos Azuis Desejos* (2011), de Antonio de Pádua; entre outros. Entretanto, ao refletir especificamente em relação às obras que apresentam o protagonismo de homens negros-gays, são ótimos exemplos os romances *Querido Ex*, (2020) de Juan Jullian; *História de Amír* (2021), de Paulo Sérgio Morais, e *O Primeiro Beijo de Romeu* (2021), de Felipe Cabral. Essas últimas obras citadas podem ainda não ter alcançado um destaque no meio acadêmico e nos congressos de literatura, mas estão publicados, circulando, mexendo com percepções, mesmo não alcançando um grande público.

Deste modo, parto do pressuposto que a identidade do indivíduo especificamente negro-gay ainda é pouco visibilizada na literatura nacional e, quando esta se apresenta, pode trazer consigo uma visão estereotipada, sexualizada e/ou denunciativa. Observa-se que a sociedade segue sendo racista quando se trata de pessoas negras; já os gays estão sujeitos a sofrerem de atos homofóbicos, mas ao considerar a interpretação do sujeito que é negro e gay, é possível perceber que esse indivíduo pode ser afetado simultaneamente pelas duas condições, visto que a intersecção de identidades pode resultar em formas específicas de discriminação e opressão.

Parte da sociedade parece que ainda preserva e vê o corpo negro e gay como uma fonte de vergonha e estigma, devido aos pensamentos de herança escravocratas. Um desses pensamentos que ainda circulam no imaginário brasileiro é o de que o negro tem que ser másculo e viril (ambas caracterizações por causa da força bruta utilizada no trabalho pesado, e no modo de ver o negro como reprodutor); já nas igrejas, geralmente cristãs, existem os discursos sobre o ato sexual entre homens ser pecado. A partir desses estereótipos, é possível indagar: Como esses sujeitos conseguem ter suas identidades legitimadas?

O *corpus* desta pesquisa é pautado em uma análise do romance nacional *Querido Ex*, (que acabou com a minha saúde mental, ficou milionário e virou uma subcelebridade), do carioca Juan Jullian, narrativa que apresenta como protagonista um homem negro-gay que (se)narra através de cartas, relatando como o seu último relacionamento foi traumático e ao

mesmo tempo como foi importante para que houvesse o seu crescimento pessoal que resultaria na emancipação do corpo negro e gay. O romance ainda conta com momentos de humor, descobrimento e quebra de paradigmas. Percebe-se também questões relacionadas com saúde mental, HIV e aceitação, assuntos que surgiram ao longo do texto e serão tratados com a intenção de nortear algumas discussões, mas sem me distanciar do foco de estudo desta dissertação. O livro é narrado em primeira pessoa e viralizou em 2019 em seu formato e-book. Após isso, a Galera Record publicou em 2020 o formato físico da obra.

Assim, o objetivo geral é analisar como o corpo negro-gay é representado no romance de Juan Jullian, observando a relação entre corpo, identidade e sexualidade, tendo em vista, sobretudo, em como essa representação do indivíduo que é negro e gay permite um novo olhar acerca de um sujeito historicamente posto à margem pela sociedade. Com relação aos objetivos específicos, estes consistem em: a) Investigar como a literatura tem contribuído para a promoção da visibilidade e afirmação dos homens negros-gays, destacando o papel da literatura na construção de identidades e na promoção da inclusão social; b) Explorar as intersecções entre raça, sexualidade e gênero na construção de personagens negros-gays, incluindo as formas como essas identidades podem se complementar ou se confrontar na ficção contemporânea; e, por último, c) Discutir a relação entre o corpo de negros-gays masculinos e sua identidade, conforme os estudos de gênero e sexualidade.

A análise será embasada nos estudos de gênero, corpo, sexualidade e identidade e, em paralelo, pontuando discussões sobre protagonismo, discriminação e literatura contemporânea, o que permitirá uma melhor concepção acerca do objetivo geral e do *corpus* da pesquisa. Defendo que apesar da experiência amarga e dolorosa do protagonista em sofrer discriminação sexual e de cor, enxerga-se uma (auto)representação positiva do corpo e da identidade de sujeitos negros-gays, deixando de lado os estereótipos, caricaturas e preconceitos que envolvem questões ligadas à raça e à sexualidade destes sujeitos, quando me utilizo do conceito de produtividade foucaultiana (que discuto no primeiro capítulo desta dissertação). Este conceito nos induz a pensar num processo de representatividade para os corpos dos sujeitos que por muito tempo foram postos em um lugar de marginalização pela sociedade, de não pertencimento e não lugar ao marginalizar os corpos que estão em desacordo com os padrões brancos e heterossexuais. Dessa forma, criam-se estigmas e depreciação, invisibilizando a existência e a autonomia corporal e de desejo desses sujeitos.

Esta pesquisa traz à tona discussões que contribuem com a visibilidade de homens negros e gays no romance brasileiro, como também busca encampar e engrossar a crítica aos estereótipos e/ou racismo/homofobia estruturais presentes na obra literária aqui analisada, tão

atuais no dia a dia da sociedade contemporânea, que chega a ser real, não mais verossímil, nas experiências do protagonista do romance quanto ao ser negro e gay como muitos sujeitos negros e gays de realidade empírica. A organização desta pesquisa está estruturada em três (3) capítulos, além desta Introdução.

No primeiro capítulo, intitulado *Relações de poder e as produções de sentidos do corpo negro-gay*, discuto alguns conceitos que serão norteadores ao longo desta dissertação. Reflito sobre protagonismo, literatura, questões sobre representação e a construção de identidades na contemporaneidade, com o intuito de compreender como o corpo negro e gay é percebido pela sociedade e como é apresentado no romance. Como estratégia hermenêutica, corroboro Foucault quando diz que os poderes não apenas impõem e determinam, vigiam e punem, eles produzem relações que beneficiam, de certa forma, os envolvidos nas relações de poder. Além de Foucault, os estudos de Dalcastagnè (2008; 2012), Hall (2006), Miskolci (2006), Silva (2012), entre outros, se farão presentes no processo de discussões e para proporcionar uma melhor compreensão da construção do protagonista/narrador do romance de Juan Jullian.

No segundo capítulo, intitulado *(Auto)Representação: a voz negra-gay no romance Querido Ex*, a obra de Juan Jullian é analisada, a partir do personagem protagonista que é um homem negro e gay. Discuto sobre a autoria de Juan Jullian, que assim como o protagonista/narrador de sua obra, é negro e gay. Questiono como o corpo e a identidade do personagem principal do romance é afetada pelo antagonista (seu ex, referendado pelo título do romance, e endereçado pelas cartas que o protagonista escreve) e pelos outros personagens da obra, observando a sua importância para o entendimento da identidade dos indivíduos negros e gays. Para isso, me apoio no princípio de produtividade de Foucault (1988; 2004) analisando a questão racial e sexual no romance para além dos estereótipos, dos estigmas e do valor depreciativo.

No terceiro e último capítulo, sob título de *Negro-gay: da solidão à visibilidade em querido ex*, discorro sobre determinados temas cruciantes presentes no romance, sendo dividido em duas partes: a primeira aborda a solidão que o protagonista passa após o término do relacionamento e como este sentimento se faz importante na compreensão de sua identidade negro-gay; já na segunda parte, observo como a memória se relaciona com o luto, a melancolia e o desejo, proporcionando ao narrador do romance a sua visibilidade frente à sociedade. Desta forma, as reflexões acerca do protagonista serão de grande importância para a interpretação acerca de como o autor expressou a sua (auto) representação ao longo da narrativa.

## 2 RELAÇÕES DE PODER E AS PRODUÇÕES DE SENTIDOS DO CORPO NEGRO-GAY

Neste capítulo, a relação do corpo negro-gay numa sociedade hegemônica e heteronormativa será discutida de forma teórica. Para isso, me debruço primeiramente nos estudos sobre o corpo e sobre a literatura para entender mais a respeito de como os corpos ditos marginalizados são/estão apresentados em narrativas. Em seguida, a abordagem será sobre questões necessárias a respeito dos estudos de raça/etnia, identidade e gênero para a interpretação da concepção do corpo negro-gay masculino. Também objetivo aqui refletir sobre representação de corpos não padrões na sociedade de hoje e, por fim, discutir o protagonismo dos corpos negros e gays em obras literárias e a sua relevância para a construção de discursividades a esse respeito. Sendo assim, o referido capítulo tende a ser um aporte teórico necessário para a análise do romance presente nos segundo e terceiro capítulos.

### 2.1 Apontamentos sobre corpo e literatura

Diversos campos de pesquisa discutem o papel do corpo na sociedade, como por exemplo, a sociologia, a filosofia, os estudos *queer* e feministas, entre outros. Neste capítulo, as teorias utilizadas para compor as discussões têm como pretensão observar como este artefato e representante da subjetividade do indivíduo é lido na sociedade. Para isso, passo a discutir o poder e a produtividade foucaultiana, como também os estudos sobre identidade e sexualidade.

Michel Foucault dá ênfase aos estudos sobre o poder na obra *Vigiar e Punir* (1975<sup>6</sup>). Ele propôs a genealogia de poder<sup>7</sup> e, entre essas genealogias, destaco o poder disciplinar e o biopoder. O poder disciplinar é visto como uma forma de disciplinar o corpo, através da vigilância e da punição, procurando adestrar os indivíduos quando necessário. Já o biopoder assume duas formas de regulamentação: aquela que se refere aos dispositivos que disciplinam o corpo e, nisso, entra a questão da produtividade; como também aquela relacionada à população, que regulariza as massas, observando as taxas de natalidade, doenças etc., criando corpos ativos economicamente. Na sua *História da sexualidade* (1988) e em *Os anormais* (2004), o mesmo filósofo empreende uma árdua tarefa de analisar a produtividade gerada pelos

---

<sup>6</sup> Data da primeira publicação. Ao longo do texto será utilizado a data de publicação da obra que serviu de aporte para as discussões presentes na dissertação.

<sup>7</sup> Foucault também abordou outras formas de poder, como por exemplo, o poder pastoral, mas me deterei as discussões apenas do poder disciplinar e o biopoder.



discursos sobre os poderes instituídos. Quando normas e leis são alavancadas para favorecer grupos majoritariamente hegemônicos, grupos de menor prestígio social são levados a conviver com a experiência do estigma, do preconceito, do não lugar social.

Ao mesmo tempo que a experiência do poder central invade a cena social, os sujeitos de segunda categoria, ou os sujeitos rebaixados e lançados para os espaços periféricos da sociedade constroem estratégias ou rotas de fuga dentro dos mesmos esquemas normativos impostos pelos que estão ocupando os postos de poder. Isso favorece a experiência gay e negra, por exemplo, porque se o sujeito negro e gay era deixado à míngua social e cultural, por estar fora do padrão de existência e circulação pelos espaços brancos e heterossexuais, passam a existir, a serem nomeados, caracterizados, vistos e interpretados a partir de então. E toda uma lógica de existência e funcionamento de sua realidade advém com as normativas de vigilância e punição. A isso interpreto, segundo o olhar foucaultiano, como produtividade.

Assim, faz-se necessário entender que existe uma espécie de cerne que é comum entre o poder disciplinar e o biopoder. Pogrebinschi (2004), amparada nas ideias de Foucault, também elabora sua ideia de produtividade.

O que há de propositivo e não de meramente descritivo naquilo que Foucault escreve sobre o poder, o que há além daquelas duas categorias que se tornaram tão conhecidas e tão comentadas, o que há nesse conceito de poder abstrato e inominado que Foucault deixa entrever em vários momentos, potencializa a ideia de *produtividade* e de positividade até torná-la emancipadora, até convertê-la em emancipação. (POGREBINSCHI, 2004, p. 181, grifo nosso)

Compreendo que o conceito de produtividade vai além da produção econômica, porque ele produz nos indivíduos uma positividade, mesmo que para isso o corpo seja submetido a algum sistema de repressão, já que o sujeito produz e com esta produção gera saber. Na obra *Vigiar e Punir* (2004), Foucault entende que o poder que disciplina o indivíduo não pode ser descrito utilizando termos negativos.

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade, o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (FOUCAULT, 2004, p.160).

Sendo assim, na ótica de Foucault, o poder produz. Estas produções originam tantos os indivíduos, como também o conhecimento que eles utilizam. Entende-se, assim, que o poder que não produz apenas repressão, torna-se um poder que produz também inclusão, libertação, positividade, aceitação, emancipação etc. Será utilizado no segundo capítulo, além de outros

estudos, este conceito da produtividade foucaultiana (apresentada e discutida neste capítulo) para observar como o protagonista/narrador de *Querido Ex*, (2020) torna-se um indivíduo emancipado, mesmo inserido em um sistema de repressão por ser negro e gay.

Já as discussões acerca da intersecção entre gênero, sexualidade e etnia/raça tem encontrado cada vez mais o interesse de pesquisadores dentro da academia. Mesmo havendo muitos estudos sobre tais temáticas, a sociedade ainda trata alguns desses temas como tabu ou não dá a importância necessária para que haja discussões e conseqüentemente uma maior interpretação sobre como os sujeitos são. Como já dito, o foco de interesse nesta dissertação é no corpo negro e gay do protagonista do romance em estudo. Mas não se pode furtar de dizer que essa relação envolvendo raça e sexualidade faz parte do programa teórico dos estudos sobre interseccionalidade, como já discutiram Akotirene (2019) e Collins & Bilge (2000).

Os estudos antes desta perspectiva eram motivados por imagens e/ou fatores estanques, individuais ou não relacionados. A perspectiva da interseccionalidade propõe um redimensionamento desse campo de estudos, porque percebe que só é possível entender certas discussões em conjunto ou atravessadas por diversos marcadores culturais. Exemplo: estudar a questão da negrura, simples assim, soaria um tanto faltoso, porque a negrura vem acompanhada interseccionalmente da condição social (pobreza), do espaço urbano ocupado (periferia), da questão de gênero e sexual (heterossexual ou lesbiana, gay, trans), dentre outros marcadores. Quando essas intersecções são feitas, produzem efeitos capazes de gerar saber e poder. No campo literário, os Estudos Culturais, por exemplo, desde há muito abraçam essa dinâmica de produção de conhecimento.

Para Lizandro Calegari (2012), na contemporaneidade, os Estudos Culturais<sup>8</sup> procuram discutir na academia as produções que estão à margem da sociedade, tanto pela ótica social como pela ótica histórica. De fato, cada vez mais é possível encontrar materiais acadêmicos que estudam as literaturas concebidas para e pelas “minorias”.

Mulheres, gays e negros – esses grupos, ao lado de outros, por terem sido colocados à margem da sociedade, da história e da literatura, denunciam sua condição de exclusão, mas principalmente de sofrimento. Se, hoje, tais segmentos parecem surgir, ainda que às vezes timidamente, no âmbito das discussões acadêmicas, porque vinculados à produção artística, é devido ao fato de uma mudança de paradigmas e do entendimento de que avultam como parcelas que detêm uma outra história, ou seja, são indivíduos cujos relatos são portadores de uma acusação a um sistema de poder autoritário. (CALEGARI, 2012, p. 43)

---

<sup>8</sup> Stuart Hall contribuiu de forma significativa no campo dos Estudos Culturais, foi um dos fundadores da escola Birmingham. Suas contribuições expandiram os Estudos Culturais para o entender sobre raça e gênero, como também sobre cultura, identidade e representação.

Percebe-se, assim, que os sujeitos que por anos foram marginalizados pela sociedade, denunciam e buscam a visibilidade de suas identidades. As identidades<sup>9</sup> dos sujeitos são observadas e discutidas em decorrência das mudanças, sejam elas políticas, sociais ou culturais. Assim, os sujeitos reivindicam e propõem a interpretação da pluralidade das diversas identidades que os sujeitos possuem como, por exemplo, em relação ao gênero, classe, a questões étnicas/raciais, entre outras. Hall (2006), discute como a identidade deve ser observada.

A identidade não é tão transparente ou desproblematizada como gostamos de pensar. Por isso, em vez de pensarmos na identidade como um facto, que encontra representação a posteriori em práticas culturais novas, talvez devamos pensar na identidade como uma “produção”; algo que nunca está completo, que é sempre processual e sempre constituído no quadro, e não fora, da representação. Este ponto de vista problematiza a própria autoridade e autenticidade que o termo "identidade cultural" reclama. (HALL, 2006, p. 21)

Tendo em vista essa ideia de que a identidade deve ser pensada como uma produção, pode-se observar que no campo científico a identidade negra e a identidade gay vem alcançando popularidade há algum tempo, como também na mídia, seja através de produções audiovisuais ou produções literárias. Por exemplo, em relação à produção da literatura negra, Duarte (2010, p. 113) observa que “Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço [...]”. Já em “A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos”; Silva (2012) pontua que Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago, Adolfo Caminha, João do Rio e João Gilberto Noll, são vistos pela crítica especializada como os prováveis “pais” da dita literatura gay.

Silva (2012, p. 92) percebe ainda que “[...] nas duas últimas décadas, no Brasil, outros nomes têm surgido com obras de grande valor cultural, na perspectiva da temática gay”. Porém, quando se trata especificamente da identidade dos sujeitos negros-gays, na versão ou visão interseccional, como aludidos parágrafos atrás, é possível observar um cenário escasso quanto à produção que trata desses sujeitos. É o que afirma Moraes (2019, p. 12), “[...] tanto a identidade negra quanto a gay terem alcançado certa notoriedade dentro do campo científico, produções que tratem especificamente da identidade negra-gay masculina na esfera da literatura são ainda escassas no cenário acadêmico brasileiro”. Daí a importância de trabalhos como esse

---

<sup>9</sup> Lima e Cerqueira (2007, p. 02) referem-se ao termo identidade como “à sedimentação de significados”; assim o termo também se refere aos atributos físicos e culturais, aos papéis sexuais, naturalizados a ponto de definir um ser imutável e essencial, nomeável pelos outros.

ganharem visibilidade para poderem entrar na cena discursiva e proporcionar reflexões que levem a uma conscientização maior da problemática que é ser negro e gay em sociedades como a brasileira.

A comunidade negra, como também a comunidade gay sofreram e sofrem de atos ligados ao racismo, ao medo e à intolerância da sociedade. Tais atos não são apenas um recorte do passado, mas um apêndice também no presente. Na literatura, estes corpos tinham o seu protagonismo negado, ou narrado de modo estereotipado, servindo como um aporte para intensificar os já pré-existentes preconceitos. Discutindo este aspecto, Dalcastagnè (2008, p. 107) afirma que “[...] a diversidade na narrativa, além da importância estética, possui importância política”, ou seja, para além de toda uma discussão envolvendo aspectos relacionados ao fazer artístico e criativo, nos dias de hoje há grande importância em ler e julgar textos literários pelo grau de comprometimento que eles oferecem ao problematizar questões de gênero, sexuais, de raça, de periferia etc. Tudo isso engloba uma pauta política que deve constar na agenda discursiva dos estudiosos.

Fato é que o passado do Brasil deixou marcas que até os dias de hoje se fazem presentes, por exemplo, o período de escravidão. Mesmo passando-se mais de 130 anos desde a assinatura da Lei Áurea<sup>10</sup>, a comunidade negra foi deixada à margem da sociedade, não obtendo auxílio para que pudessem ter moradia e trabalho de qualidade, em outras palavras, para uma vida mais digna. Essa sensação de orfandade pelas políticas do poder público sobre a população negra sai da cena real e envolve-se na cena literária, porque os estudiosos de hoje entendem a importância de superar males sociais produzidos contra populações como a negra através da discussão aprofundada como as oferecidas por textos literários.

As poucas políticas públicas voltadas para o auxílio e igualdade da população afro-brasileira são questionadas por uma barulhenta parcela da população que acredita haver um favorecimento para as pessoas negras, pardas e indígenas, a exemplo das cotas raciais presentes em Vestibulares, no Enem<sup>11</sup>, em Concursos Públicos etc. A implementação das cotas raciais tem como fundamento a reparação histórica de desigualdades sociais, econômicas e educacionais que afetaram de forma contundente a população negra no Brasil. Para Carvalho e Lima (2021, p. 02) “com o fim da escravidão no Brasil, mesmo com o passar dos anos, há ainda visíveis diferenças sociais e econômicas entre a população negra e branca do País [...]”

---

<sup>10</sup> A Lei Áurea, assinada em 1888 pela Princesa Isabel, deu fim à escravidão no Brasil, apesar deste ter sido o último país independente a acabar com o trabalho escravo de negros.

<sup>11</sup> Exame Nacional do Ensino Médio, instituído em 1998, tem como objetivo avaliar o desempenho escolar de estudantes da educação básica, passando em 2009 a ser utilizado para o acesso de alunos ao ensino superior.

Com isso, Dalcastagnè (2008) observa que as obras literárias que narram os corpos negros na contemporaneidade seguem refletindo em suas narrativas poucos autores e personagens negros. A população afro-brasileira, sofrendo de estigmas e sendo invisibilizada, busca firmar sua identidade diante da sociedade hegemônica. Evelyn Dias Siqueira Malafaia (2018) indica que ao longo da história, o racismo foi uma forma de segregar, oprimir e dominar, como também, legitimou os privilégios das elites. Princípios pautados por pensamentos políticos e religiosos refletiram na ausência de uma literatura que abrangesse mais os indivíduos considerados como minorias. No século XIX, por exemplo, a literatura passou a tratar temas sensíveis para a sociedade da época, já que na segunda metade do século o realismo/naturalismo se fazia presente, assim, os escritores passaram a discutir, por exemplo, aspectos diversos da realidade social. Também colocou como protagonistas mulheres, pessoas negras, indígenas e, em alguns casos, pessoas não LGBTQIAP+.

Contudo essas obras foram produzidas, ainda, a partir de uma visão patriarcal e estereotipada. Mably Lopes Castro (2017) observa que a literatura brasileira é formada por uma perspectiva masculinizada, assim, não há um número estatisticamente representativo de escritas de grupos tidos como minoritários. E completa, “[...] índios<sup>12</sup>, negros e homossexuais, sempre que representados na literatura, partiam de um olhar masculino, branco e heterossexual.” (CASTRO, 2017, online). Já Suely Dulce Castilho (2004) pontua que a literatura com o negro como personagem central em sua narrativa é praticamente inexistente antes dos anos 1850, deste modo, ganhando uma certa visibilidade apenas após a abolição do tráfico de escravos.

A abolição do tráfico, ocorrida em 1850, forçou os escritores brasileiros a voltarem sua atenção aos escravos, em particular à maneira como eram tratados. Nos textos literários desse período, os escravos eram descritos com desgosto, piedade e de forma desumana. Nesse sentido, em 1856 surge o primeiro romance abordando a temática do escravo, intitulado *O Comendador*, na obra escrito por Pinheiro Guimarães. (CASTILHO, 2004, p. 104, grifo do autor)

Deste modo, entendo como foi tardia a abordagem de personagens negros que fossem representados de forma humanizada. Entretanto, a comunidade negra não foi a única a ter um atraso na representação de seus corpos na produção literária. Por exemplo, outro movimento que também busca por representação, por visibilidade para firmar a preservação de sua coletividade, de sua identidade e pelas conquistas por direitos civis, é o movimento LGBTQIAP+. Assim como o movimento negro, tentam legitimar a sua identidade diante da sociedade que por muito tempo tratou de marginalizar a identidade dos sujeitos que não se

---

<sup>12</sup> Leia-se “indígenas”.

identificassem com o modelo branco e cis-heteronormativo. Flávio Romani (2016) diz que o início da luta contra a criminalização dos atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo só veio acontecer de forma efetiva no século XX.

[...] Originou-se no século XX, na luta contra a criminalização dos atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo [...]. Com o passar dos anos, diversas conquistas relacionadas aos direitos civis de casais homossexuais foram incorporadas em diversos países, tendo como bandeiras a defesa dos direitos e o respeito à diversidade sexual. (ROMANI, 2016, p. 02)

O corpo também foi discutido através da obra *Fenomenologia da Percepção*, de Maurice Merleau-Ponty (1999, p. 122), como “[...] o veículo do ser no mundo”. Sua abordagem filosófica, em relação à corporeidade, é um meio para a existência; é por meio dele que ocorrem as experiências do ser no mundo. Como matéria, a estrutura física do homem é encarada como a morada onde habitamos. Ao longo da história, o corpo serviu como material de estudos para diversas áreas, das ciências naturais, sociais e filosóficas. Também foi lido de acordo com valores em diferentes épocas, como por exemplo, sociais, morais, religiosos etc. culminaram na constituição binária do masculino e do feminino. Silva (2007, p. 25) afirma que “um corpo nunca é o mesmo, a sua identidade é sempre diferida em cada experiência e a somatização constante dessas experiências de diferentes forças e intensidades faz o Corpo”.

João Paulo S. Medina (1994), em *O Brasileiro e seu Corpo*, observa este artefato através de uma ótica cultural, em que cada indivíduo constrói o seu diferentemente, como o corpo-orgânico, erógeno etc. Entre estes, podemos observar o que se relaciona com conflitos entre as classes privilegiadas e as periféricas ou de estratos sociais menos favorecidos. Observa-se que a corporeidade vai além de uma concepção biológica, sua interpretação também é concebida além do cultural, apontado por Medina (1994), mas também pelo social, o estético. O corpo visto pela ótica do social está sujeito aos regimes de normatividade estabelecidos pela sociedade. Estes regimes normativos determinam, por exemplo, o que se pode chamar de corpos periféricos, aqueles que estão situados à margem das sociedades. A estrutura corporal dos sujeitos, muito além do que diz a biologia, passa a ser lido com a intenção de observar os padrões que a sociedade estabeleceu ao longo de décadas, assim, os corpos que “não estão de acordo com as normas” são rechaçados.

Já observado pela ótica cultural, o corpo é submetido a um sistema de regras que podem ser distintas de acordo com a sociedade e sua época, assim, criam-se culturalmente experiências que podem ser vividas pelos sujeitos de acordo com as suas gerações. Diferentes culturas pelo mundo ditam como os indivíduos devem ser, o que devem usar, como portar, o que é certo e o

que é errado. O corpo sofre todos os tipos de mudanças e percepções, porque é nele que todas as inscrições culturais encontram o modo de existir, poder falar, se defender, circular, existir, ser e estar.

Ao observar como o corpo se relaciona com o estético percebe-se como os sujeitos se submetem a construírem corpos que são tidos como saudáveis, fortes e atraentes. Damian Farhat (2008) explica que, na Grécia, o corpo era valorizado, tendo cada região uma visão de como o corpo deveria ser. Por exemplo, em Esparta os jovens eram educados com maior destaque para as práticas corporais, buscando assim um corpo saudável e forte. Lá, o corpo era visto predominantemente com a ideia de ser belo, ideal de um guerreiro. Em outras partes da Grécia, tinham o objetivo de que todo culto ao corpo fosse para a prática dos Jogos Olímpicos, enquanto as classes mais baixas de gregos tinham suas preparações físicas com o objetivo de servir ao Estado em guerras.

Por muito tempo, o corpo masculino teve seus traços físicos definidos devido às atividades como a preparação para seguir a carreira militar ou a prática de esportes, criando identidades que socialmente tem seu valor hegemônico, representando os ideais de saúde, beleza, aceitação social. O uso pelas mídias, na atualidade, deste modelo idealizado de corpo tende a uma busca incessante de sujeitos que não se adequam a esse padrão, fazendo com que procurem uma adaptação ao que é considerado como ideal de beleza masculina. Richard Miskolci (2006) aponta que essa busca por uma adequação do padrão imposto pela sociedade institui variadas maneiras de controlar o corpo.

O sistema de gênero que dirige nossa sociedade assenta-se no biopoder para criar os sexos alojados em corpos que se diferenciam e se opõem e, assim, dão materialidade às representações que justificam a hierarquia que atribui ao masculino domínio e ao feminino a submissão. O sexo que apresentam como evidência se revela, assim, construção social e histórica. (MISKOLCI, 2006, p. 688)

Compreende-se, a partir dos estudos de Miskolci (2006), que as diferenças entre o feminino e masculino são frutos de construções sociais e históricas, ditando e criando uma hierarquia em relação aos gêneros. O corpo pode ser observado de diferentes maneiras, tanto quanto indivíduo, como também, sujeito social. A literatura, quando passa a utilizar os mais variados corpos para narrar histórias de pessoas à margem da sociedade, torna-se um importante aporte para não só entender no que se refere ao corpo, mas para discutir acerca de representatividade. Eliane Campello e Rita Schmidt (2015, p. 11) afirmam que “[...] por meio do corpo na literatura é possível tratar de problemas relativos à liberdade, à ética, à estética, à sexualidade, à medicina, ao direito”. Com isso, a literatura passa a narrar os diferentes corpos,

dentre eles, o dos indivíduos que será discutido neste trabalho, qual seja, o corpo de homens negros gays que são marginalizados há muito tempo na sociedade. Duarte (2008) considera que:

Literatura é, antes de tudo, linguagem, construção discursiva marcada pela finalidade estética. Mesmo fazendo-se a crítica do formalismo implícito ao preceito kantiano da “finalidade sem fim” da obra de arte, e mesmo compreendendo no literário outras finalidades para além da fruição estética, há que se ressaltar a prevalência do trabalho com a linguagem sobre os valores éticos, culturais, políticos e ideológicos presentes no texto. (DUARTE, 2008, p. 18)

Percebe-se, assim, que, de acordo com Duarte (2008), a literatura tem um papel fundamental na representação de valores, sejam eles estético, éticos, culturais, entre outros. Deste modo, a literatura contemporânea, por vezes, representa os valores de sujeitos que estão à margem da sociedade. Ela está há bastante tempo tentando representar estes corpos. Mesmo assim, Dalcastagnè (2012), em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, aponta para uma problemática em relação à representatividade das vozes de sujeitos que estão nas margens do campo literário. Já Lugarinho (2008) reflete sobre como e quando a crítica literária começou a perceber que a literatura tem um papel importante na construção de narrativas de grupos minoritários.

[...] a Literatura, considerada instituição cultural, social, política e, notadamente ideológica, legitimou a existência de comunidades que buscavam a constituição de suas identidades específicas – tais comunidades são consideradas dentro do amplo espectro dos grupos sociais, formado por populações inteiras (colonizadas ou não), classes sociais (oprimidos ou não), grupos étnicos (minoritários ou não), e comunidades sociais (organizadas em torno de algum ideal comum). Apenas no século XX, a crítica literária percebeu que a Literatura era canal, e instituição, de legitimação da produção literária de grupos minoritários. (LUGARINHO, 2008, p. 10)

De acordo com Lugarinho (2008), a crítica literária percebeu somente no século XX que a literatura era um canal para legitimar a produção literária dos grupos minoritários. Dando a entender que essa percepção é um atraso na legitimação destas produções, já que os sujeitos vistos como minoritários já produziam narrativas e discutiam sobre suas identidades, fosse através do autor que pertencia aos grupos tidos como minoritários, a exemplo da escritora Auta de Souza (1876-1901), uma poetisa negra brasileira; ou através do personagem/narrador que fazia parte destes grupos tidos como minoritários, como o personagem Amaro, da obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha (1895): negro, ex-escravo e mantenedor de uma relação de afeto e sexo com um companheiro, o branco Aleixo. Mas são nas narrativas contemporâneas que a vida e a subjetividade de muitos sujeitos são apresentadas. Estes sujeitos passam a ser



representados por vozes que por vezes colocam no texto muito sobre como é ser/estar colocado à margem.

Dalcastagnè (2012) aponta também que a ruptura da imagem de uma pessoa que socialmente foi estigmatizada tendo o perfil de servo causa estranheza. Faz sentido esta colocação, tendo em vista que os estratos sociais de prestígio, formados majoritariamente por brancos, sempre tiveram à sua disposição pessoas para mão de obra que, por conta da desigualdade social do Brasil, geralmente são negros ou pardos. Acostumou-se a enxergar este perfil em trabalhos braçais e não compondo narrativas, nem sendo conhecidos nacionalmente por conta de suas escritas literárias. Entende-se que a literatura é uma forma de transmitir os valores de uma época, e na contemporaneidade escrever sobre os que são invisibilizados pela sociedade é uma maneira de discutir o corpo e a identidade de cada sujeito, Culler (1999) apresenta ideias que vão de encontro a essa afirmação.

Para os membros de grupos historicamente oprimidos ou marginalizados, as histórias estimulam a identificação com um grupo potencial e trabalham no sentido de fazer do grupo um grupo, mostrando-lhes quem ou o que poderiam ser. O debate teórico nessa área enfoca mais intensamente a conveniência e a utilidade política de diferentes concepções de identidade: deve haver algo essencial que os membros de um grupo compartilham, se for para eles funcionarem como um grupo? Ou as afirmações sobre o que significa ser mulher, ou ser negro, ou ser gay são opressivas, restritivas e objetáveis? Muitas vezes o debate foi lançado como uma briga sobre "essencialismo": entre uma noção de identidade como algo dado, uma origem, e uma noção de identidade como algo sempre em processo, que nasce através de alianças e oposições contingentes (um povo oprimido ganha identidade a partir da oposição ao opressor). (CULLER, 1999, p. 113)

Os conceitos de Culler (1999) reforçam a importância de ter narrativas em que grupos de sujeitos que historicamente foram e são marginalizados possam ter suas identidades legitimadas. Dentre os mais variados sujeitos narrados podemos observar estando à margem os negros e gays, estes corpos já foram e são invisibilizados e tem suas histórias deslegitimadas ao longo dos anos. Anteriormente, através dos conceitos de Medina (1992) o corpo foi visto não apenas como estrutura biológica, mas também sendo lido socialmente, observando questões relacionadas com o cultural e com o estético. Em meio aos corpos que podem ser percebidos como marginalizados, destaca-se o corpo negro, por exemplo, ele é discutido por Oliveira e Simões (2018) como sendo um corpo subalternizado, e mesmo o corpo negro sendo masculino, ou seja, obtendo um certo favorecimento por seu gênero, este tem seu lugar como humano negado na sociedade majoritariamente branca.

Romani (2016) classifica que ambos os movimentos, negro e LGBTQIAP+, tem como objetivos a busca por direitos civis, respeito, como também a preservação do coletivo. De certo

modo, alguns estudiosos contemporâneos visam afirmar a voz de grupos que estão à margem, como por exemplo, a professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè. Porém, a figura da pessoa negra que é também gay sofre socialmente uma exclusão por conta de sua origem ou da sua condição natural. Nas palavras de Romani (2016):

Nas relações homoafetivas entre pessoas negras, as barreiras são multiplicadas; além do estigma social sofrido pelo homossexual em função de sua orientação sexual numa sociedade heteronormativa, existe ainda o preconceito e racismo que enfrentam por serem afrodescendentes. (ROMANI, 2016, p. 03)

Deste modo, Romani (2016) aponta que o sujeito que é negro-gay, além de ser rechaçado por sua orientação sexual, também está sujeito a sofrer racismo, já que a sociedade tende a valorizar o corpo cis-heteronormativo e branco. Pesquisadores do campo da literatura precisam observar as escritas de grupos tidos como minoritários, as produções que foram concebidas em décadas atrás e perceber a importância dessas narrativas na construção das identidades dos sujeitos. Exemplo disso são as narrativas gays, as quais Silva (2012) pontua que “[...] torna-se relevante, do ponto de vista político, a historicização dos textos que formam o ‘cânone gay brasileiro’, uma vez que a visibilidade dos sujeitos homoeróticos, nas atuais sociedades, ultrapassa os direitos adquiridos nos foros jurídico-legais”. (SILVA, 2012, p. 86).

Silva (2012, p. 87) entende que “[...] tanto o critério político quanto o estético são os determinantes para a construção e manutenção do conceito de gênero literário (literatura gay) e também de sua história [...]”. Desta forma, compreende-se que a leitura de textos de temática gay expõe ao leitor a subcultura gay e a forma como essa subcultura é pensada pela sociedade. Silva (2014) também discorre sobre a questão de poucas produções que apresentam o desejo gay em ficções nacionais.

É verdade que o número de títulos dessa ficção que aborda o desejo gay não corresponde a um montante considerável, se adotarmos a perspectiva linear ou histórico-diacrônica da produção literária e constitutiva do cânone literário brasileiro. Todavia, se considerarmos o aspecto sincrônico, datado, particularizado ou isolado, até porque essa produção se ajusta mais certamente a essa perspectiva, perceberemos que a década de 1980 marca, no Brasil, uma espécie de *boom* da tematização da subcultura e do desejo gays na ficção brasileira. Quanto à década de 1990 e aos primeiros anos do século XXI, vimos surgir e ir se solidificando, entre nós, essa literatura, firmando-se de forma bastante ‘amadurecida’, embora negada por uma parte de pesquisadores e desconhecida de outra. (SILVA, 2014, p. 66)

Sendo assim, de acordo com os apontamentos de Silva (2014), a literatura brasileira, a partir da década de 1980, marcou um período em que o tema da subcultura e do desejo gays surge com mais fervor no cenário literário do Brasil e que atualmente essa produção firmou-se,

porém, alguns pesquisadores negam a literatura gay por causa dos preconceitos e estereótipos que cercam a homossexualidade. Esses preconceitos podem levar alguns acadêmicos a acreditar que a literatura gay não é relevante o suficiente para ser estudada ou que é de interesse apenas para um público limitado. É o que Mendonça (2018) também explica:

A literatura LGBT, como é chamada, existe desde séculos passados, mas até pouco tempo se passava despercebida, escondida e ignorada. Atualmente existem grupos especializados em recuperar tais obras e tentar dar-lhes o valor que não receberam a sua época, porém, mesmo na contemporaneidade, ainda é muito difícil conseguir reconhecimento e oportunidade nas grandes editoras. (MENDONÇA, 2018, p. 02)

Ainda em relação à escrita de narrativas gays, Silva (2012), em uma imagem um tanto inusitada, compara a importância política de publicações de textos homoeróticos, naquele momento, com a “parada gay”<sup>13</sup>. A comparação se dá porque o vetor que moveu tanto a literatura gay quanto a parada gay em seus momentos iniciais foi a visibilidade. Era necessário que as pessoas LGBT saíssem às ruas, se expusessem, mostrassem a todos que não eram sujeitos invisíveis, que tinham vida e corpos que circulavam por todos os estratos sociais. Da mesma forma ocorreu com a literatura gay: não houve uma intenção de classificar, enquadrar ou criar um novo gênero literário. Politicamente falando, houve a necessidade de expor aos leitores como o universo gay era a partir da representação literária. Os preconceitos continuaram e continuam. Mas a visibilidade se torna patente.

O autor deixa claro que é uma comparação mal formulada, mas que viabilizou atualmente a legalização das relações entre pessoas do mesmo sexo, tanto para aqueles que ainda não querem ou não podem se assumir, como para os heterossexuais. Porque é nas paradas gays que os sujeitos LGBTQIAP+ ou simpatizantes com a causa se juntam para mostrar para a sociedade o valor que eles possuem, já que atualmente os demais indivíduos estão, ainda nas palavras de Silva (2012, p. 101), “[...] se abrindo para uma política de legalização das relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo”. Silva e Carvalho (2015), por exemplo, refletem que a leitura numa perspectiva homoerótica não deve ser restrita apenas aos leitores de mesma orientação, mas sim aberta a qualquer indivíduo que se envolva na leitura. E completam:

[...] o homoerotismo presente nos livros não é objeto de estudo literário apenas e sim um estudo cultural, porque não se analisa só a estrutura textual e linguística, mas as condições sociais e culturais que permitiram a obra vir a público, as políticas públicas a que fazem referência, a ideologia dominante e a do dominado – assim como qualquer outro tipo de literatura podemos notar essa pluralidade cultural dentro de obras do Brasil, quando refletimos sobre o índio, a mulher, os imigrantes italianos e as outras

---

<sup>13</sup> Também conhecido como parada do orgulho LGBT, consiste em um movimento de ação afirmativa a favor de direitos iguais, contra a discriminação e para celebrar o orgulho e a cultura da comunidade.

tantas minorias sociais que carregam até hoje marcas impressas pela colonização. (SILVA; CARVALHO, 2015, p. 02)

Os pensamentos de Silva e Carvalho (2015), sobre o homoerotismo na literatura, não se tratam daqueles entendidos unicamente como objeto de entretenimento e gozo estético, mas também se destaca por ser um estudo cultural, poder permitir aos estudiosos questionar interações advindas da ideia de poder e autoridade, além do tema estar em constante transformação. Este artefato cultural permite ainda pensar que, de fato, as obras refletem uma pluralidade cultural que está presente na narrativa devido ao seu período de escrita, assim, o texto tem muito a dizer sobre a sociedade e a cultura de um determinado tempo, seja através do período retratado ou da concepção da obra.

Na literatura, antes mesmo de haver estudos sobre raça, gênero e sexualidade, autores já abordavam na escrita temas sensíveis para a sua época. Não é difícil encontrar obras que quando trazem em suas narrativas a presença de pessoas negras e gays, estas são postas sob um olhar estereotipado. Exemplo disso é encontrado no romance *Bom-Crioulo* (1895<sup>14</sup>), de Adolfo Caminha. É preciso entender que os estereótipos e preconceitos encontráveis na obra são frutos dos pensamentos da época, podendo não ser os mesmos dos dias atuais. O romance traz como protagonista o ex-escravo fugido Amaro, que ao trabalhar em um navio da Marinha, apaixonou-se por um jovem marinheiro branco, chamado Aleixo. Os dois começam a viver em um quarto alugado na cidade do Rio de Janeiro, mas Amaro acaba sendo traído por Aleixo, assim, acaba matando-o.

A figura de Amaro é colocada pelo autor da obra como sendo de um ser irracional, possuindo uma brutalidade feroz, por causa do ato assassino estar vinculado, naquela perspectiva interseccional, a um homem negro, ex-escravo e homossexual ou pederasta, como se dizia na linguagem da época. Assim, é importante sinalizar novamente que esta obra foi escrita após a abolição, com isso, ela intensifica os pensamentos da sociedade daquela época, e traz sobretudo preconceitos relacionados à cor e à prática homossexual do protagonista. Por exemplo, em um trecho da obra, é descrito Amaro como sendo um selvagem.

Amaro soube ganhar logo a afeição dos oficiais. Não podiam eles, a princípio, conter o riso diante daquela figura de recruta alheio às praxes militares, rudo como um *selvagem*, provocando a cada passo gargalhadas irresistíveis com seus modos ingênuos de tabaréu; mas, no fim de alguns meses, todos eram de parecer que “o negro dava para a gente”. Amaro já sabia manejar uma espingarda segundo as regras do ofício, e não era lá nenhum botocudo em artilharia; criara fama de “patesca”. (CAMINHA, 1991, p. 33, grifo nosso)

---

<sup>14</sup> O ano de 1895 configura a data da primeira publicação da obra. Ao longo da dissertação, será utilizado, quando for recorrer à narrativa, o exemplar publicado em 1991 pela Biblioteca Carioca.

Deste modo, ao adjetivar Amaro como sendo selvagem, dá ao personagem a ideia de que ele é bruto, que é grosseiro, alguém que não foi educado, que pertence à ordem mais baixa do animal, o irracionalismo, fato que serve apenas para reiterar os pensamentos acerca da identidade negra da época em que foi escrita a obra. No mesmo trecho é possível perceber que Amaro não era visto como “gente”, levando-se meses até que ganhasse a afeição dos demais oficiais. Decerto que devemos perceber que a escrita possui uma visão estereotipada do que era ser negro no século XIX, não podendo servir de parâmetro para a atualidade.

A obra além de apresentar um personagem negro, também traz um protagonista que mantém uma relação homoerótica, termo utilizado por Silva (2012). Em relação ao homoerotismo pontuado na narrativa, Silva (2012) discorre que os estudiosos da literatura brasileira gay têm esta obra (*Bom-Crioulo*) como a precursora da literatura gay no Brasil; porém, tempos depois pesquisadores perceberam que outras narrativas, até anteriores do que a primeira publicação da obra *Bom-Crioulo* (1991), apresentavam ou colocaram em evidência o corpo gay. O que fica como saldo positivo dessa discussão é que a literatura que tematiza questões de ordem racial e sexual tem uma importância hoje como nunca. Isso se deve ao fato de as sociedades conviverem diariamente, por vezes em desarmonia ou desacordo com as performances de gênero e sexuais que existem fora da curva do padrão cis-heterossexual. Isso dá margem para que estudos, como este que está sendo defendido, alcancem patamares que possam auxiliar várias pessoas no que diz respeito à convivência, ao respeito e à aceitação das pessoas diversas, cujas cor da pele e orientação sexual não façam parte da norma convencional e prestigiada socialmente.

A seguir, será discutido por meio de estudos sobre raça/etnia, gênero e identidade, a maneira pela qual o corpo marginalizado é interpretado na sociedade atual.

## **2.2 Raça/etnia, gênero, sexualidade e identidade: uma análise sobre o corpo e suas expressões**

Anteriormente, foi visto que o corpo é submetido aos ideais da sociedade da época. Ele é lido em relação ao estético, ao físico, entre outras questões que são observadas de acordo com o contexto cultural do qual faça parte. Com isso, deixa de ser visto apenas como conformação biológica, ou seja, passando a ser também observado por uma ótica social, como também cultural. Guacira Lopes Louro (2004, p. 75) afirma que "[...] ao longo dos tempos, os sujeitos

vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura”.

Tudo isso porque o corpo traz em sua composição, tanto fisicamente como intrinsecamente, traços como a cor da pele, a fibra do cabelo, a religião professada, a performance de gênero, a orientação sexual ou a subjetividade do sujeito, entre outros. E tudo isso, na visão da estudiosa, sempre está em desacordo com a imagem do homem, branco, cristão e cis-heteronormativo. Nesse sentido, acabam sendo postos em uma posição inferior socialmente e, conseqüentemente, vulneráveis à exclusão e marginalização. Os sujeitos, dependendo do seu corpo, tem o seu valor, é o que atestam as palavras de Louro (2004, p. 75): “podem valer mais ou valer menos”. E é por conta dessa ideia que alguns corpos passam a ser punidos por serem vistos como uma minoria dentro da sociedade que segrega o que está em desacordo com o que é tido como normal ou aceitável.

Louro (1997) aponta que o feminino ou o masculino não são propriamente as características que os sujeitos possuem em relação ao sexo, mas como são representados ou valorizados, porque as mais diversas sociedades e momentos históricos constroem o lugar e as relações de como os sexos serão compreendidos. Os sujeitos acabam construindo suas identidades quando estes entendem como os seus gêneros se comportam diante da sociedade, Por exemplo, o gênero masculino é tido em muitas sociedades como o provedor do lar, incluindo ideais de virilidade, força e liderança. Em relação ao gênero feminino, este sofre diversas proibições, apenas porque ao longo de séculos foram criadas ideias de como uma mulher deve se portar.

As identidades de gênero vão se construindo e se transformando continuamente, como aponta Louro (1997, p. 28): “[...] em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos”. De fato, entende-se que, ao longo do tempo, as concepções e estereótipos do que é ser masculino ou feminino têm mudado, são mutáveis, especialmente em culturas menos sexistas. Tais mudanças não são em relação a ideias regressivas. Pelo contrário, avançam em perspectiva de melhoria e de afirmação social, visando desconstruir valores que marginalizaram sujeitos em termos de suas performances de gênero.

Os estudos sobre o corpo alinham-se entre gênero e sexualidade. A identidade sexual (ou subjetividade, como afirmam os estudos teóricos desta questão) pode ser expressa de diferentes formas, através do relacionamento com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos ou nenhum. Por outro lado, a identidade (papel ou performance) de gênero, entendida como masculina ou feminina, é construída a partir do contexto social e histórico, e as pessoas

se identificam com um gênero ou outro. Contudo, atualmente, alguns estudiosos defendem a desconstrução do binarismo de gênero, como Joan Scott, analisada por Louro (1997).

Os estudos feministas<sup>15</sup>, gays, *queers*,<sup>16</sup> entre outros, frequentemente observam os corpos e a relação destes com o meio cultural ao qual está inserido. Louro (1997) considera que os corpos são vistos de formas diferentes, dependendo da cultura que estes façam parte e que as divergências que existem entre os gêneros masculino/feminino são resultados do meio cultural, já que vão mudando com o passar do tempo. Assim, muito se discute na atualidade sobre o real papel das mulheres, que por muito tempo sofreram dos estigmas de que deveriam se casar, ser mães, cuidar do lar. Criou-se ao longo de séculos uma cultura de subalternizar o feminino, tendo em vista que elas não tinham direito aos estudos e ao voto. A violência com o corpo feminino também é algo a ser observado, pois é grande o número de feminicídio até os dias de hoje, mesmo havendo leis específicas para a sua proteção.

Butler (2003, p. 39) pontua que “[...] a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’ [...]”. Ou seja, devido ao comportamento dos sujeitos que se identificam como heterossexuais, é determinado o papel do que é ser homem, atribui-se a ideia que deve ser o provedor do lar, másculo, autoritário. E do que é ser mulher, condicionada a ser frágil, cuidadora do lar e dos filhos e subalterna ao homem. Ditando como deve ser o comportamento, os desejos e o que pode ser visto como normal ou anormal dentro daquilo que é aceitável por eles. Segundo Louro (2004):

Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem. (LOURO, 2004, p. 17)

De acordo com Louro (2004), tanto a conformidade como o ato de subversão dos padrões são comportamentos ou atitudes determinadas pela heterossexualidade. Já Butler (2003) discorre que essa concepção exige que certas identidades não possam “existir”, já que

---

<sup>15</sup> Os Estudos Feministas firmam-se como um campo de estudo e pesquisa acerca da questão de gênero numa ótica social e cultural, de raça, classe, sexualidade e outras desigualdades sociais.

<sup>16</sup> A origem para a palavra *queer* surge na língua inglesa com sentido pejorativo, assim como as palavras viado, bixa, boiola e tantas outras na língua portuguesa. O processo de ressignificação de termos pejorativos é uma forma de retirar o poder das mãos do opressor, assim o mesmo não exerce um protagonismo em relação à figura do oprimido, e se não há essa opressão, logo não existe a figura de um oprimido. Miskolci (2014) discorre que a teoria *queer* surge como mais uma ferramenta para a reflexão sobre o papel da heterossexualidade, percebendo-se, assim, como uma entidade e ou um regime político-social que dita como se deve viver.

não estão em acordo com as “normas da inteligibilidade cultural”. Há a ideia social e culturalmente imposta, que regulariza os gêneros e as sexualidades, e quando estes fogem do que se era esperado para os gêneros e a sexualidade convencional, recorrem para explicações científicas e/ou crenças religiosas como uma forma de deslegitimar aquele que se desviou do que foi condicionado a ser. Em relação a essa afirmação, Louro (2004) discorre:

A concepção binária do sexo, tomado como um “dado” que independente da cultura, impõe, portanto, limites à concepção de gênero e torna a heterossexualidade o destino inexorável, a forma compulsória de sexualidade. As descontinuidades, as transgressões e as subversões que essas três categorias (sexo-gênero-sexualidade) podem experimentar são empurradas para o terreno do incompreensível ou do patológico. (LOURO, 2004, p. 81)

Entendo, assim como Louro (2004), que a sociedade observa os corpos que não pertencem às concepções de gênero e que não se identificam como heterossexuais, tentando impor que sua existência não tenha fundamento ou simplesmente disseminando que tais comportamentos são advindos de uma patologia, geralmente atribuídos à problemas psicológicos. Louro (2004) afirma ainda que os gêneros são construídos no âmbito das relações sociais, tais relações implicam, como dito, anteriormente no “papel” que deve ser empenhado por cada gênero. Deste modo, gênero pode ser entendido como construtor da identidade dos sujeitos e na forma como as diferentes identidades podem ser lidas.

Os estudos culturais e feministas, por exemplo, compreendem que os sujeitos são plurais, que suas identidades podem ser apresentadas de formas distintas. Sendo assim, as os sujeitos podem ser observados de acordo com sua classe social, seu gênero, sua raça, sexualidade etc. De acordo com Hall (2003):

As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto. Toda identidade tem, à sua “margem”, um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado. (HALL, 2003, p. 110, grifo do autor).

Compreendemos que a identidade é vista por Hall (2003) muito mais como diferença do que como semelhança em relação aos sujeitos, que são essas diferenciações que aproximam os indivíduos a uma identificação. Silva (2000) caracteriza a relação entre identidade e relações de poder, pois existem nelas uma hierarquização, tornando difícil a convivência em harmonia.



A partir dessa identidade em que o poder é utilizado para classificar, cria-se uma diferenciação entre os indivíduos.

Silva (2000, p. 81) pontua que “a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas”. Ou seja, ao consolidar a identidade, os sujeitos criam marcadores da diferença, assim são produzidas identidades que são tidas como “melhores” que outras. Quando se afirma a identidade, cria-se um processo de incluir e excluir, assim, quando há a interpretação de se pertencer a uma determinada identidade, automaticamente não pertencemos há algumas outras.

As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2000, p. 82)

O pensamento de Silva (2000), de que as identidades são classificadas com diferentes valores pode ser observado em relação às diferenças sociais que existem com determinados grupos na sociedade que necessitam construir movimentos sociais, filosóficos, políticos e ideológicos para terem as suas identidades validadas frente aos grupos que detêm o poder hegemônico.

A comunidade negra, por exemplo, busca há bastante tempo a valorização de sua identidade, como também, que a sociedade respeite a cultura afro-brasileira e as religiões de matriz africana. Durante muitos anos, os negros foram submetidos aos sofrimentos causados pelos povos europeus, como também pelos americanos; sua cultura foi rechaçada, porque a igreja católica – matriz religiosa que domina as culturas ocidentais – a entendia como algo pecaminoso e bárbaro. Suas origens foram negadas e pouco mudou até os dias de hoje, pois na atualidade ainda há intolerância religiosa, seja por parte do catolicismo ou das várias denominações de origem protestante ou evangélica, em relação às matrizes religiosas africanas. Ao observar numa ótica histórico-social, o povo negro necessita constantemente lutar para que haja uma igualdade de direitos e para que sua comunidade possa acabar com os preconceitos. Segundo Silva (2000):

[...] quando utilizamos uma palavra racista como "negrão" para nos referir a uma pessoa negra do sexo masculino, não estamos simplesmente fazendo uma descrição sobre a cor de uma pessoa. Estamos, na verdade, inserindo-nos em um sistema linguístico mais amplo que contribui para reforçar a negatividade atribuída à identidade "negra". (SILVA, 2000, p. 93)

Silva (2000) discute que determinadas palavras ou expressões podem ser utilizadas no dia a dia, carregam consigo preconceitos em relação à comunidade negra. E isso marca, pela linguagem, um domínio do grupo branco sobre o negro, ferindo este em sua marca identitária. As identidades estão em constantes processos de mudanças, pois sofrem pela ação do meio, sendo construídas em decorrência das diferenças. A sociedade estigmatizou a identidade negra por conta de suas características físicas, sobretudo a cor da pele, da textura do cabelo. Não levou em consideração sua memória, ancestralidade, cultura e diversidade. Os estereótipos raciais, aos quais são submetidos a identidade negra, como, por exemplo, “a cor do pecado”, “preto é tudo igual”, é uma intenção de inferiorizar a existência das pessoas negras frente aos outros grupo étnicos não negros. No Brasil, por exemplo, essa identidade sofre desde o período colonial, tendo em vista a escravização do corpo negro.

Outra identidade que também precisa deixar de sofrer os preconceitos e estereótipos da sociedade é a identidade dos indivíduos gays. Para entender o outro ponto acerca desta identidade, que é deslegitimada na sociedade heteronormativa, precisa-se discutir a sexualidade. Os estudos de Michel Foucault firmaram-se em entender como se estrutura o poder e perceber que a sexualidade humana é uma espécie de dispositivo histórico que faz com que haja uma manifestação de instituições, governos etc. com a ideia de transgredir, como é possível observar no trecho abaixo:

[...] estamos em uma sociedade do "sexo", ou melhor, "de sexualidade": os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progeneração, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e para a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo. (FOUCAULT, 1988, p. 137)

Percebe-se assim que para Foucault (1988), a sexualidade na sociedade é o centro de tudo, o sexo é um meio para a concepção da vida, mas não apenas isso, é também vista pela ótica política como disciplinarização, em que existe a preocupação dos seres humanos em continuar se reproduzindo para que haja um futuro para a espécie humana. Foucault (1988) entende que o poder desenha o século XVIII como sendo o momento no qual começou a entender e discutir sexo e conseqüentemente sobre sexualidade, com isso surge a ideia do modelo de sexualidade normal, conseqüentemente é apontado o que seria essa sexualidade. De acordo com Foucault (1988):

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que

a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 99)

É interessante observar como o filósofo entende sexualidade, já que sua visão é de que o Estado se “apropria” da sexualidade e a utiliza como um mecanismo para controle dos indivíduos, conseqüentemente da população. A questão de a sexualidade ser observada como um dispositivo, estabelece uma relação entre saber e poder, o saber (científico) surge também como mais um dos poderes responsáveis por controlar os indivíduos. Essa relação corresponde-se como “um agente de transformação da vida humana” (FOUCAULT, 1988, p. 133). Produzindo-se, assim, normatizações que por séculos eram vistas nas relações praticadas por heterossexuais e monogâmicos, a partir do matrimônio, colocando à margem os indivíduos que não se identificam com as sexualidades normativas, a exemplo dos homossexuais.

Foucault discute de forma mais complexa a questão da sexualidade considerada como anormal em *Os anormais*<sup>17</sup>(2001), a partir de estudos historiográficos, em que alguns sujeitos eram caracterizados como fora da norma, por exemplo, leprosos, criminosos, homossexuais, e/ou outros indivíduos que não tinham suas sexualidades consideradas “normatizadas” em relação ao restante da sociedade. É importante salientar que a homossexualidade não era sequer considerada uma orientação sexual até o final do século XIX. Os estudos foucaultianos sobre o nascimento da “espécie homossexual” que, produtivamente, rebaixa o sujeito, depreciando-o, marginalizando, adoentando-o, mas o traz à luz, tira-o do obscurantismo e revela-lhe enquanto “identidade” a ser chamada por um nome, que o faz existir dentro de uma economia da política dos desejos.

Para uma melhor interpretação da criação da ideia de “anormal”, Foucault (2001), discute que é o indivíduo que de certa forma viola as leis, tanto sociais, como as biopolíticas, por exemplo, quando um sujeito sente desejo em um corpo do mesmo sexo, isso é visto como um desvio. O que por si só já é suscetível de vigilância, punição ou até passar por meios que “normalizam” estes corpos. Isso pode ainda ser considerado como um dano para a sociedade por colocar seus interesses acima dos princípios da sociedade, tido como um “monstro humano” que, segundo Foucault (2001), é “[...] em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza”. (2001, p. 69).

---

<sup>17</sup> Obra composta por onze aulas, ministradas entre janeiro e março de 1975. Os textos tratam do monstro humano, o indivíduo a se corrigir e o onanista.

A identidade gay tenta firmar-se em meio à sociedade cis-heteronormativa. É importante frisar que a identidade gay não se dá apenas como a representação da sexualidade do sujeito, ela é também um misto cultural e social, pois estes corpos são afetados socialmente e colocados à margem apenas por sua existência. A sexualidade humana, ao longo da história, foi motivo para que houvesse discussões e pesquisas em âmbitos acadêmicos, mas também algumas entidades religiosas passaram a coibir e reprimir sexualidades consideradas pecaminosas.

Matheus Belin (2020), em seu artigo “História da homossexualidade no Brasil: abusos, perseguições, repressões e o avanço do movimento LGBT+”, cria uma linha do tempo com a intenção de observar aquilo que vai além das perseguições, abusos e as conquistas que a comunidade LGBTQIAP+ adquiriu ao longo dos anos no Brasil. Com isso, entende-se que desde a colonização do Brasil, alguns indígenas já tinham relações homossexuais ou não se comportavam como indivíduos heterossexuais, e estes foram vistos pelos portugueses como sodomitas. É importante salientar que a categorização ocidental moderna em relação à orientação sexual não existia nas culturas dos povos indígenas antes da chegada dos colonizadores europeus. Mesmo assim eles trataram, juntamente com a igreja católica, “salvar” as almas que foram desviadas do que seria o “natural”, usando assim a ideia de que essas práticas seriam pecaminosas para que houvesse o arrependimento e, conseqüentemente, a busca por salvação de suas almas. Tais acontecimentos são tratados também na obra de João Silvério Trevisan, *Devassos no Paraíso* (2018), uma obra de grande importância no contexto da história social e política do Brasil. O livro aborda a perseguição e a opressão que as pessoas da comunidade sofreram ao longo da história do país, desde a chegada dos portugueses até os dias atuais. A obra é uma contribuição significativa para o estudo das relações de gênero e sexualidade no Brasil, bem como para a compreensão da luta pelos direitos humanos e pela igualdade social.

Ao longo da obra, o autor investiga a forma como a sociedade brasileira construiu, ao longo do tempo, diferentes padrões de comportamento e identidade sexual, e como essa construção se relaciona com a violência e a opressão sofridas pelas pessoas LGBTQIAP+. ele destaca ainda o papel da Igreja Católica, da medicina e da justiça na construção de uma moralidade sexual que reprimia e criminalizava comportamentos que se desviavam da norma heterossexual. Além disso, o livro também analisa a luta pelos direitos da comunidade no Brasil, desde o surgimento dos primeiros movimentos sociais e faz uma análise das relações entre gênero e raça, mostrando como a opressão das pessoas LGBTQIAP+ está ligada a outras formas de opressão, como o racismo e o sexismo.

A comunidade gay, mesmo havendo diversas conquistas no que se refere aos direitos civis como, por exemplo, a criminalização da homofobia, ainda sofre por conta do preconceito de vários outros sujeitos. Mas a repressão da homossexualidade ao longo da história brasileira deixou marcas em nossa sociedade. Alguns indivíduos mesmo sabendo que são gays, por exemplo, não conseguem assumir sua sexualidade por medo de represálias, tanto pela família como pela sociedade. Existe na atualidade uma representatividade mais ativa em diversas mídias, o que favorece uma maior aceitação social, mas que não isenta pessoas LGBTQIAP+ de sofrerem preconceitos de outras partes da população que mantêm pensamentos mais retrógrados em relação às diferentes orientações sexuais e identidades de gênero.

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (SEDGWICK, 2016, p. 22)

Concordo com a pesquisadora norte-americana Sedgwick (2016), em relação ao “armário gay”, porque mesmo que o indivíduo seja assumidamente gay, segue por vezes camuflando sua identidade em determinados ambientes, já que por medo de retaliações, é mais seguro manter uma postura em que sua orientação sexual não seja tão identificável, o que pode ser considerado como um mecanismo de proteção. Vale ressaltar que este lugar de armário não é exclusivo de pessoas gays, assim como aponta Sedgwick, cabendo as mais variadas identidades que não se encaixam na cis-heteronormativa.

Na literatura brasileira, acredita-se que o primeiro ato sexual entre homens data a partir do século XIX na obra de Ferreira Leal, *Um Homem Gasto*, de 1885. Porém, as narrativas escritas a partir da segunda metade do século XIX apresentam os homens gays como sujeitos anormais e que causam motivos de preocupação na sociedade, como aponta Silva (2020). A invisibilidade da identidade gay na literatura nacional parte também da ideia de que autor e obra compartilham suas identidades; a ideia é que ao escrever sobre a homossexualidade, o autor também estava sujeito a ser homossexual, como aponta Warley Matias de Souza (2010).

Entendo que, desta forma, todo o processo de negação da identidade negra e da identidade gay diante da sociedade cis-heteronormativa e no campo literário resultou em uma falta de narrativas que protagonizam estes corpos e suas identidades. Com isso, percebe-se ainda que quando se trata de um indivíduo que é negro e gay sua identidade é mais invisibilizada ainda, já que sua existência parece ferir a ideia de uma sociedade branca e cis-hétero, conforme quer o pensamento hegemônico.

Os tipos de repressões, como vistas anteriormente, que parte da sociedade, infligem aos corpos negros e gay – seja através da ausência de suas representações na sociedade ou por conta do preconceito praticado contra os indivíduos que não se encaixam em uma perspectiva branca e cis heteronormativa – podem causar problemas de cunho psicológico, como será visto a partir do romance *Querido Ex*, (2020).

Na próxima seção, será discutido como a sociedade percebe os corpos que não se enquadram nos padrões estéticos dominantes, como eles são representados nas diferentes mídias. Refletiremos também sobre a importância da visibilidade de negros e gays na literatura, não apenas como personagens, mas também como autores, para que suas identidades sejam representadas na contemporaneidade.

### **2.3 Literatura: Negros e gays protagonizando narrativas**

Uma parcela da sociedade busca atualmente representar os diversos corpos e suas diversas identidades através de narrativas, sejam elas literárias ou audiovisuais, para que haja mais inclusão e representatividade de corpos que não seguem a ideia dos padrões que a própria sociedade estabeleceu ao longo de muitas décadas.

Os negros, por exemplo, por muitos anos eram apresentados com maior destaque, na literatura, nos filmes e novelas quando estas mídias tinham como principais temáticas a escravidão ou o subúrbio das grandes cidades. Santana, Silva e Angelin (2018, p. 53) discutem sobre a representatividade de negros nas mídias e enfatizam que “[...] sua imagem aparece sempre relacionada a estereótipos que reforçam o preconceito e o racismo”. Já os gays eram representados por estas mídias como sujeitos possuidores de trejeitos femininos, cômicos e/ou pervertidos. Na obra *A Personagem Homossexual No Cinema Brasileiro* (1995), de Antônio Moreno, é possível identificar no cinema o início da representação do estereótipo relacionados aos homossexuais.

O cinema brasileiro chegou ao ponto de apresentar o gay da tela, carnavalizado, afetado, por vezes, malicioso, vivo, porém sempre extremamente ridicularizado e até diminuído como pessoa humana. E isso, como se estivesse mostrando o homossexual da vida real, aquele que convive com a plateia, com a sociedade. Os gays, ao incorporarem as afetações propostas nos filmes, põem o cinema em primeiro plano, e de volta o cinema usa este estereótipo por ele criado, como sendo próprio do mundo gay. (MORENO, 1995, p. 06)

Estas representações ajudaram na disseminação de estereótipos destes sujeitos. A sociedade limita-se a pensar na pluralidade destes corpos e não os reconhecem quando fogem

destas ideias que eram empregadas a eles. Além das questões levantadas anteriormente, a mídia difundia a imagem de pessoas geralmente brancas, cisgênero, heteronormativas e pertencentes às classes altas. Sejam nas propagandas, revistas ou televisão, não que essa prática tenha cessado, mas hoje é possível notar outros corpos sendo representados com mais frequência nas mídias. Contudo, com a prática de representar por muitas décadas apenas os corpos tidos como padrões, as diferentes mídias ditavam como os corpos deveriam ser e se comportar.

A sociedade frequentemente associa o corpo padrão a uma imagem de perfeição e beleza, que muitas vezes é retratada nos meios de comunicação e na cultura popular. Esse corpo é geralmente considerado como magro, alto, branco, com características faciais simétricas e uma aparência jovem. Essa visão idealizada do corpo pode levar a padrões irrealistas de beleza e uma pressão social para que as pessoas alcancem esse padrão. Segundo Dourado (2018):

A mídia faz uso de estratégias estudadas, intensas, repetitivas e manipuladoras para alcançar seu objetivo, que quase sempre é incentivar o consumo, seja de um bem, de um alimento, de uma vestimenta, de um estilo de vida... A todo o momento é possível visualizar em revistas, canais de televisão ou internet a associação do padrão de perfeição corporal a algum tipo de anúncio publicitário. As pessoas passam a ser escravas e seguidoras, submetendo-se à rigorosa e impiedosa disciplina da indústria do corpo. (DOURADO et al., 2018, online)

Deste modo, quem não se encaixa nos padrões de beleza impostos pela mídia acaba buscando meios de moldar o seu corpo de acordo com o que é difundido nos canais midiáticos. A identidade gay é percebida pela sociedade tanto por suas particularidades, como por exemplo, o estilo de vida, sua cultura, como por sua orientação sexual. O corpo gay é estereotipado com traços “femininos” que ferem a ideia do que é socialmente um homem viril, essa concepção é resultado de uma sociedade que tem sua estrutura baseada no sistema patriarcal e no machismo estrutural. Martins, Santos e Teixeira (2016, p. 372) entendem o “Patriarcado como a supremacia do homem nas relações sociais”. Ou seja, o patriarcado é observado como um sistema sociopolítico, fruto de uma cultura machista, que opera favorecendo os homens, sobretudo o homem branco, cisgênero e heterossexual, dando-lhes um poder de dominância em vários setores da sociedade.

O corpo gay, como também o corpo negro, experimentam uma rejeição das diversas mídias, porque seus corpos são colocados em um lugar de não pertencimento dentro da sociedade, que atualmente tenta representar os mais variados corpos e identidades em suas narrativas, mas por muitas décadas houve essa invisibilidade de corpos postos à margem. Lucas Motta Veiga (2018), em seu artigo “As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil”, relata sua experiência de não se ver representado.

Ter crescido vendo os super-heróis sendo representados por homens brancos; seus personagens favoritos das novelas ou de muitos filmes serem brancos; as pessoas que ocupam lugares de poder na sociedade serem brancas; a pornografia gay em revista ou em audiovisual ser predominantemente composta por bichas brancas; os filmes de temática LGBT serem majoritariamente protagonizados por pessoas brancas, tudo são experiências de rejeição que as bixas pretas vivenciam, ainda que de modo inconsciente. Sua imagem não é representada, seu corpo quando aparece é, quase sempre, em posição subalterna ou de modo pejorativo. Sendo os diversos dispositivos midiáticos um dos principais vetores de produção do desejo e estando a bixa preta numa condição de rejeição dentro desses dispositivos, o lugar que lhe é relegado na economia do desejo é um não-lugar. (VEIGA, 2018, p. 84)

Entendo a fala de Veiga (2018), porque a representação do corpo gay sempre pareceu distante de minha realidade. Quando criança ou adolescente, lembro-me de que a sociedade não discutia o assunto, a TV colocava personagens gays como alívio cômico, os desenhos animados não apresentavam corpos gays, não havia obras literárias nas escolas que trouxessem o tema à tona. Crescer no Brasil como gay foi um processo difícil para entender de fato quem sou. Porém, as críticas de Veiga (2018) também se dão pela falta de representação do corpo negro e gay, essa denúncia da ausência de representação destes corpos em suas narrativas é válida, porque além da homofobia, o racismo era e é fator determinante no não acolhimento desses corpos.

Quando reflito sobre o corpo negro, percebo que ele ainda possui marcas, desde as agressões e explorações advindas do período escravocrata, até a marginalização de seus corpos na atualidade. A sociedade teve como alicerce uma cultura patriarcal, em que a exploração dos indivíduos negros era comum, assim surge o racismo estrutural, ou seja, o racismo é um preconceito que tem suas origens no processo histórico e político. O corpo negro ainda pode ser submetido aos preconceitos relacionados há uma crença de que existem raças, este se configura como racismo, uma ideia de que essas raças são hierarquizadas e que haveria raças inferiores ou superiores em relação as outras. Assim, as características de um sujeito em relação ao seu fenótipo justificam os atos indesejados, já que uma parcela da sociedade agrega valor ao corpo branco e desqualifica aqueles que não seguem os mesmos padrões ou os mesmos ideais.

Percebe-se, assim, que cada corpo marginalizado acaba por sofrer da sociedade algum tipo de violência. Com os gays e outros indivíduos que não se identificam como heterossexuais, não é diferente. Daniel Borrillo (2019), no livro *Homofobia e Educação*, explica que a homofobia é uma atitude hostil para com os homossexuais e faz um apanhado histórico da origem dessa terminologia.

O termo parece ter sido utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1971, mas foi somente no final dos anos 1990 que ele começou a figurar nos dicionários europeus. Embora seu primeiro elemento seja rejeição irracional ou mesmo o ódio em



relação a gays e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida a isso. [...] ela é uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido a sua diferença, esse outro é posto fora do universo comum dos humanos. (BORRILLO, 2019, p. 15)

Observa-se que há bastante tempo o termo homofobia já caracteriza o ato de preconceito relacionado aos sujeitos gays, e mesmo se tornando uma atitude tão discutida na sociedade atual, não é difícil deparar nos noticiários relatos de atos homofóbicos, como também com a prática de racismo em relação às pessoas negras. Desta forma estes corpos buscam ser representados e, mais do que isso, serem respeitados. Dalcastagnè (2012) discorre sobre o lugar de fala dos sujeitos, ela explica que a literatura representa realidades, mas que essas representações não são representativas de fato, se observado por uma ótica social.

O problema da *representatividade*, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 10, grifo do autor)

Entendo, assim como Dalcastagnè (2012), que os indivíduos têm um maior poder para o uso da fala, e assim tratar de assuntos relacionados com a opressão de corpos marginalizados, não o fazem. As minorias da sociedade ocupam ainda poucos espaços políticos, por conta disso, não há muitas vozes que possam representar os corpos destes sujeitos nestes espaços, e sobretudo, estes indivíduos são invisibilizados na sociedade, são mantidos em um *lugar silenciado*, como é visto por Djamila Ribeiro (2017).

Atualmente, a produção artística desempenha o papel de retratar uma ampla variedade de corpos. Segundo Dalcastagnè (2012, p. 149), “[...] a literatura é um artefato humano e, como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade”. Desse modo, assim como outras formas de mídia, o campo literário exclui grupos marginalizados, o que leva Dalcastagnè (2012) a concluir que a literatura não é superior a outros meios de representação, como cinema, jornalismo ou televisão, e não é neutra. Calegari (2012), por sua vez, argumenta que se a produção das minorias não está presente em um determinado cânone literário, é porque essa produção não foi concebida para ser considerada literatura.

Em se tratando do conceito de literatura, é preciso pensá-lo dialeticamente. Ou seja, a partir de um conjunto de obras consideradas canônicas, define-se o conceito de literatura, e tal conceito, por sua vez, vai ditar o que é e o que não é literatura. Assim, se a produção minoritária permaneceu excluída de um determinado cânone é porque não figura ou não é concebida como literatura, logo não participa do conceito de literatura. (CALEGARI, 2012, p. 31)

Por isso, a literatura é um produto social que reflete os valores e pensamentos de uma sociedade, cultura e época. Por isso, muitas vezes, a literatura exclui os sujeitos que estão à margem da sociedade por questões políticas. O fato de obras concebidas em outras épocas não incluírem corpos marginalizados é uma evidência dessa exclusão. E quando os trazem, é sob um olhar estereotipado e/ou preconceituoso. Assim, pode-se utilizar este problema para debater e estudar na atualidade a ausência de corpos marginalizados da sociedade e continuar refletindo sobre o cenário atual do campo literário brasileiro, para que o processo de escrita possa ser mais inclusivo com os mais variados corpos e identidades.

Com isso, entendo a literatura como um aporte em que se trabalha as mais variadas narrativas do cotidiano dos sujeitos, representando suas culturas, suas sociedades e o tempo ao qual foram produzidas. Mas ela pode ser de difícil acesso à uma grande parte dos leitores, já que alguns sujeitos não conseguem ter uma obra literária por falta de condições financeiras e/ou por não ter próximo de si uma biblioteca pública e quando conseguem fazer a leitura de um texto, este pode apresentar uma leitura complexa, tendo em vista a sua escrita mais rebuscada, ao qual o leitor pode não ser familiarizado. A literatura apresenta um papel importante na construção dos sujeitos, ela faz parte da formação dos indivíduos, auxilia na edificação de pensamentos, o que permite a reflexão sobre temas sensíveis da sociedade, e desconstruir pensamentos arcaicos.

Culler (1999) afirma que as literaturas tidas como canônicas cederam espaço para que outras literaturas consideradas minoritárias e/ou marginalizadas tivessem a atenção de teóricos dos Estudos Literários. De fato, consegue-se observar como alguns autores, sejam eles negros ou gays, por exemplo, estão conseguindo quebrar paradigmas e narrar histórias com protagonistas também negros ou LGBTQIAP+, mas não só isso, suas obras estão sendo estudadas e discutidas em âmbitos acadêmicos. Pode ser citado, como exemplo, a escritora mineira Conceição Evaristo, romancista negra, o baiano Itamar Vieira Junior, escritor negro, e o paulistano João Silvério Trevisan, romancista assumidamente gay.

[...] algumas lutas por direitos civis desembocaram também na literatura, fazendo com que mulheres, negros, homossexuais, índios começassem, timidamente, a se revelar na condição de escritores. Mas, como vimos, ainda não foram incorporados de fato. Séculos de literatura em que mulheres permaneciam nas margens, condicionaram-nos a pensar que a voz dos homens não tem gênero e, por isso, existiam duas categorias, a literatura, sem adjetivos, e a literatura feminina, presa a seu gueto. Da mesma forma, aliás, que, por vezes, parece que apenas os negros têm cor ou somente os gays carregam as marcas de sua orientação sexual. Romper com essa estrutura de pensamento é muito mais difícil quando não se percebe, ou não se assume, que nosso olhar é construído, que nossa relação com o mundo é intermediada pela história, pela

política, pelas estruturas sociais. E que, portanto, toda e qualquer apreciação literária é regida por interesses, por mais difusos que eles sejam. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 193)

Dalcastagnè (2012) ajuda a refletir sobre como a literatura começou, de certa forma, a abrir espaços para que indivíduos, que por séculos foram marginalizados, pudessem dar vida aos seus pensamentos, as suas dores, a sua existência, através das palavras. Mas mesmo que haja as escritas de autores marginalizados, estes ainda são excluídos, não existe de fato uma total incorporação destes autores no campo literário, assim como não existe uma incorporação destes sujeitos na sociedade, por motivos como a origem dos sujeitos, as temáticas incorporadas ao campo literário e representacional, por preconceito não declarado, dentre outros.

Já Maciel (2017) percebe que a literatura negra<sup>18</sup> pode ser entendida como a resistência ao silenciamento<sup>19</sup> que a sociedade impôs aos negros e a desvalorização, enfrentando uma herança patriarcal e racista que é a base da sociedade. Sendo o Brasil uma nação multiétnica e que os estudos apontam para um país de maioria afrodescendente, custa acreditar que a visibilidade de autores e personagens negros só venha ocorrer há pouco tempo se levado em consideração o final do período escravocrata. Duarte (2013) indica que o negro aparece por vezes muito mais como tema nas narrativas do que como a voz autoral, e isso permite a reflexão de como a literatura pode ser excludente, deixando à margem tantas vozes de autoria negra, porque a sociedade contemporânea ainda segrega a população negra. Nestas discussões, pode-se ter também a contribuição de Calegari (2012), que aponta como, na maioria das vezes, os negros foram avaliados por uma ótica racista, mesmo destacando-se em diferentes áreas.

Apesar da enorme presença e contribuição dos negros em diversos âmbitos da economia, da política, da literatura e da cultura brasileira, eles, na maioria das vezes, foram avaliados sob uma ótica racista. No início do século XX, circularam em solo nacional inúmeros pensamentos preconceituosos e autoritários oriundos de intelectuais como Miguel Reale, Gustavo Barroso e Oliveira Vianna. Este último (1956), a rigor, formulou a ideia de que o aperfeiçoamento social do país seria possível graças a um processo de branqueamento. Com menos negros, o Brasil seria mais forte. (CALEGARI, 2012, p. 41)

As considerações feitas por Calegari (2012) possibilitam uma reflexão acerca dos pensamentos arcaicos disseminados por alguns intelectuais brasileiros daquela época, que

<sup>18</sup> Será utilizado ao longo do texto a expressão Literatura Negra que a entendo, através do estudo de Maciel (2017), como sendo uma expressão que exalta a identidade negra.

<sup>19</sup> O silenciamento refere-se ao processo de suprimir ou impedir a expressão de ideias ou opiniões, sejam elas por meio de censura, ameaças, repressão, punições ou outros meios. Isso pode ocorrer em diferentes contextos, como na política, na mídia, nas redes sociais e até mesmo em instituições acadêmicas ou empresas. O silenciamento pode ser realizado por grupos ou indivíduos com poder ou autoridade, e pode ter efeitos negativos na liberdade de expressão e na democracia.

colaboravam para a disseminação de ideias preconceituosas e a desinformação, como a defesa da redução da população negra no país. Alguns destes pensamentos evoluíram para o que é chamado de mito da democracia racial, essa ideologia nega que haja no país desigualdades sociais. Nesse sentido, Dagoberto Buim Arena e Naiane Rufino Lopes (2013) explicam que esse mito é sintetizado a partir da obra do sociólogo Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (1933), que defendia a tese da miscigenação racial como elemento fundamental da formação da identidade cultural brasileira. Além da arquitetura da casa-grande ser um reflexo do sistema político e social patriarcal do Brasil. A obra também apresenta a figura de escravos submissos e senhores bons. Uma realidade que compõe um enredo diferente ao que se discute em relação ao período escravocrata, essa ideia dificulta a desconstrução do racismo. A literatura representando valores de uma época expõe os pensamentos que podem perpassar para outras gerações, apostar na ilusão da harmonia entre os grupos étnicos formadores da cultura brasileira, quando, na verdade, o que mais é visto hoje é a propagação de ideias contrárias à aceitação das populações indígenas, negras e LGBTQIAP+ como identidades autônomas e respeitadas.

Teóricos e críticos ainda discutem sobre qual é a melhor terminologia para se referir à escrita negra: a expressão “Literatura Afro-Brasileira” se refere à origem dos escritores negros do Brasil. Além da temática, que podem em suas narrativas pautar a história do povo afro-brasileiro, a literatura afro-brasileira também glorifica heróis do período escravocrata. Outros estudiosos, a exemplo de Maciel (2017), sugerem o termo “Literatura Negra”.

A literatura negra representa a expressão imaginativa dos escritores negros, tanto na exaltação da especificidade identitária, como inclusão histórico-social, e um meio de denúncia e resistência ao racismo. Neste entendimento, a literatura afro-brasileira é uma contranarrativa, já que é comprometida com a reescrita da história, a partir do ponto de vista da classe que foi subalternizada. (MACIEL, 2017, p. 237)

Assim, observa-se que a Literatura Negra exalta a identidade negra, enquanto a Literatura Afro-Brasileira tem como compromisso reescrever a história sob a ótica de quem foi subalternizado, a saber, a população afro-brasileira. A questão é que independente do termo empregado, a escrita negra é de grande importância para representar estes corpos. Para que houvesse a opressão dos negros, sua cultura ancestral foi depreciada, negada, condenada. Foram anos de silenciamento e de uma visão de inferioridade da sua identidade negra como discorre Castilho (2004).

[...] a presença do negro na literatura brasileira, ao longo da história, foi marcada ou pelo silêncio, como no período anterior à abolição, ou pela afirmação de sua inferioridade, tanto biológica como cultural, a qual, dependendo do autor, varia de grau. No modernismo, o negro era visto como uma preocupação, devido ao entrave que ele representaria à instituição de uma “nação brasileira civilizada”. (CASTILHO, 2014, p. 107)

Mesmo com o silenciamento ao longo da história, as narrativas que trazem os corpos negros, por vezes abarcam as tradições culturais de seus povos, como também suas tradições religiosas. Weberson Lima (2021, p. 61) explica que “o negro passa a existir como sujeito dotado de faculdades humanas e virtudes a partir do século XIX, através de escritores que assumem a afro-brasilidade e tomam para seus textos o tom político e crítico diante do processo de escravização e suas sequelas”. Antes deste período a escrita era produzida por mãos brancas que em suas ficções, ao representar o negro, tomava no texto os estereótipos de negatividade. A literatura negra constitui-se assim como uma reivindicação do seu lugar de fala, de sua visibilidade quanto à sua cultura e sua ancestralidade.

Outro corpo afetado pela ausência de narrativas representativas durante muitas décadas na literatura foram os gays. Como dito anteriormente, o seu corpo quando tratado em alguma narrativa tinha sua identidade estereotipada com os pensamentos da época da escrita de suas narrativas. Silva (2014) discorre que a dita literatura gay, ao problematizar os desejos e performances dessa população, possui um teor particular, que a torna única, mas que isso não a torna menos ou mais importante que toda a tradição literária. Cada texto e gênero tem seu valor, independentemente dos juízos atribuídos a eles por pessoas, em cada época. Em contrapartida, Silva e Carvalho (2015) discutem que a homossexualidade está presente desde tempos longínquos, como prática cultural. Mas apontam que existe, em relação à crítica, uma tentativa de ignorar obras literárias que tenham em sua temática a homoerotização.

A homossexualidade como prática cultural persiste ao tempo e está presente desde os primórdios do mundo nas sociedades antigas, como Grécia e Roma. Essa realidade também se faz na literatura, inclusive em literatura brasileira, autores como Adolfo Caminha, Ferreira Leal, Junqueira Freire, Machado de Assis, Guimarães Rosa, João Silvério Trevisan, Caio Fernando Abreu e Silviano Santiago fizeram uso dessa temática. Contudo, o referido tema muitas vezes é ignorado pelas críticas e teoria literárias – os estudos em contextos literários costumam se pautar numa perspectiva pós-colonial e cultural, mas são ignoradas as inclinações homoeróticas em obras literárias. (SILVA; CARVALHO, 2015, p. 10)

Em relação ao tema envolvendo o corpo gay, na cultura greco-romana, Kenneth James Dover (2007) conclui em sua obra *A Homossexualidade na Grécia Antiga* que os gregos eram favoráveis aos relacionamentos entre dois homens, podendo o homem mais velho ter relações

de sexo e afeto com um mais jovem, o que denota uma prática de suprir as necessidades para além das relações sexuais, porque envolvia aspectos pedagógicos relacionados ao campo da formação do sujeito. Com o passar do tempo, algumas sociedades começaram a condenar os desejos sexuais que envolvem pessoas do mesmo sexo. Sociedades pautadas pelas crenças religiosas buscaram justificar que tais atos são pecaminosos. Na literatura essas ideias acerca do corpo e da identidade gay emergiram em uma discriminação de autores que narravam estes sujeitos em suas obras.

Essa tendência contemporânea de fazer emergir questões gays, lésbicas, queer, homoafetivas reacende velhas discussões em torno de parte da produção autoral de escritores que não foram devidamente valorizados em sua época e, subsequentes, por questões não de ordem estética (em alguns casos, sim), mas de ordem ‘ética’, moral, religiosa e cultural, configurando forte preconceito e discriminação a autores e obras que buscaram refletir o tema do amor entre iguais, a exemplo de Abel Botelho, António Botto, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, João do Rio, Cassandra Rios, Capadócio Maluco, dentre outros. (SILVA, 2014, p. 62)

Percebe-se assim, de acordo com os apontamentos de Silva (2014), que a discriminação de autores e de obras são frutos de uma sociedade pautada em preceitos religiosos, éticos, morais, entre outros, determinando o que é “certo” ou “errado” e julgando quem não está de acordo com as normas estabelecidas por estes preceitos. Escrever narrativas que apresentavam o corpo gay era um motivo para que autores fossem considerados gays ou tivessem suas obras deslegitimadas. Rocha (2020), por exemplo, em sua pesquisa *Homoerotismo e cânone literário: a subjetivação homoerótica na obra de Luís Capucho*, aponta que no século XIX surge a obra *Bom-Crioulo* (1985), de Adolfo Caminha, referida anteriormente, que é considerada como a primeira escrita da chamada literatura gay no Brasil, e completa:

Foi também no século XIX, mais especificamente em 1869, que se originou a palavra que daria nome ao desejo das pessoas que, naquele período, se envolviam entre pares: “homossexualismo”. Antes disso, o termo “homossexualismo” foi criado devido a uma necessidade de classificar a pederastia como crime, dando margem para apropriação da nomenclatura pelo discurso médico ainda no mesmo século. (ROCHA, 2020, p. 26)

É importante a percepção de que a origem do termo “homossexualismo” surge, então, no século XIX, e foi utilizado até recentemente nas áreas da medicina e da psicologia, já que o sufixo “ismo” remete à doença, deixando a homossexualidade de ser considerada como doença, em 1990, pela Organização Mundial de Saúde. Claro que alguns sujeitos ainda utilizam o termo, em alguns casos para reforçar ideias preconceituosas. Já em relação a obra *Bom-Crioulo*, ela não seria de fato a primeira literatura gay, outras obras da literatura brasileira traziam em suas

narrativas a temática do desejo de pessoas do mesmo sexo, como por exemplo, textos como *O Ateneu*<sup>20</sup> (1888), de Raul Pompéia, e *O Cortiço*<sup>21</sup> (1890), de Aluísio Azevedo. No Brasil, a ideia de excluir os corpos gays ou curá-los influenciou na tentativa de “apagar” essa temática do cânone literário.

o homoerotismo presente nos livros não é objeto de estudo literário apenas e sim um estudo cultural, porque não se analisa só a estrutura textual e linguística, mas as condições sociais e culturais que permitiram a obra vir a público, as políticas públicas a que fazem referências, a ideologia do dominante e a do dominado – assim como qualquer outro tipo de literatura, podemos notar essa pluralidade cultural dentro de obras do Brasil, quando refletimos sobre o índio, a mulher, os imigrantes italianos e as outras tantas minorias sociais que carregam até hoje marcas impressas pela colonização. (SILVA; CARVALHO, 2015, p. 02)

Estudar a literatura gay permite a reflexão em relação a pluralidade cultural que envolve estes corpos, e tudo que ela representa para os indivíduos gays; podendo ser vista também como uma forma de sujeitos que não se identificam como gays entender que precisam respeitar estas identidades, como também respeitar qualquer outra identidade que não seja semelhante à sua. Quando pensamos na atualidade, Albino e Míguez (2021, p. 15) apontam que “Nos últimos anos, vêm-se desenvolvendo, principalmente no campo dos estudos literários, um grande número de pesquisas sobre a representação e a representatividade de sujeitos não-heterossexuais na literatura brasileira [...]”.

É preciso partir do pressuposto que a literatura gay é mais do que um conceito estético: ela é uma forma de legitimar uma identidade, é um projeto político e conseqüentemente é uma forma de resistência à intolerância da sociedade. Assim, a literatura negra e a literatura gay se configuram como aportes para discutir cultura, representatividade, identidade e corpo. Mas não apenas isso, é um meio necessário para que haja debates sobre racismo e homofobia, já que essas práticas ainda estão presentes na atualidade.

A seguir, será analisado o romance do autor carioca Juan Jullian (2020), observando a trajetória do protagonista/narrador, um indivíduo negro-gay em busca de superação.

---

<sup>20</sup> *O Ateneu* é uma obra que apresenta Sérgio, narrador-personagem que, ao deixar a família para prosseguir nos estudos em um respeitado colégio interno, com o passar do tempo começa a ter sentimentos e sensações que podem ser encaradas como uma possível homoafetividade.

<sup>21</sup> Em *O Cortiço*, personagens como Albino, Léonie e Pombinha têm suas sexualidades demonstradas ao longo da narrativa, seja por descrição do personagem ou pela descrição dos atos sexuais.

### 3 (AUTO)REPRESENTAÇÃO: A VOZ NEGRA-GAY NO ROMANCE *QUERIDO EX*

Após as discussões anteriores, sobre os estudos em relação ao poder, corpo e da literatura, e utilizando-se dos demais embasamentos teóricos, proponho a análise do romance *Querido Ex*, (2020), de Juan Jullian. Se faz importante compreender como são representadas as relações entre o protagonista, sua etnicidade e sua sexualidade. Assim, será analisada a figura do personagem negro e gay no romance, observando o processo de criação do narrador e levando em consideração a vida do escritor negro e gay Juan Jullian. Para isto, será necessário observar como o narrador percebe sua identidade e quais estereótipos podem ser identificados como fazendo parte de uma estética da discriminação no romance em pauta. Desta maneira, será discutido a relevância da obra em representar o corpo negro e gay atrelado ao conceito de produtividade foucaultiana, discutido anteriormente.

#### 3.1 O protagonismo negro-gay no romance de Juan Jullian

Antes de iniciar a análise do romance, considero importante discutir a respeito do autor, Juan Jullian. Desta forma, será possível observar semelhanças que existem entre o romance e a vida do autor e entender o seu processo de criação. Forster (2005, p. 38), em sua obra *Aspectos do Romance*, afirma que “Como o romancista é ele próprio um ser humano, existe uma afinidade entre ele e seu tema”. Isso significa dizer que os temas levantados por autores e autoras em textos literários não surgem do nada nem estão desconectados de quem os escrevem. Geralmente, os temas abordados em literatura dizem respeito a aspectos da vida pessoal de quem escreve o texto.

É importante salientar que Juan Jullian é um nome novo na literatura nacional. A obra aqui analisada é o seu romance de estreia. Jullian é carioca, sua formação acadêmica é em Relações Internacionais, especializou-se em Teoria *Queer* pela PUC-Rio e atualmente faz Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pós-Graduação em Escrita Criativa pelo Núcleo de Estratégias e Políticas Editoriais (NESPE). O autor tem 27 anos, além de escritor (tendo suas obras publicadas pela editora Record, através do selo Galera) é também roteirista da TV Globo, onde é responsável pelo desenvolvimento de série e outros projetos originais. Jullian também atuou como roteirista na Play9, escrevendo para marcas como Amazon Prime Video, Americanas e Globoplay. Ele possui ainda projetos de séries e longas em desenvolvimento com as produtoras Boutique Filmes e Beija-Flor Filmes, demonstrando sua versatilidade e criatividade na indústria do entretenimento.



Seu romance *Querido Ex, (que acabou com a minha saúde mental, ficou milionário e virou uma subcelebridade)*, publicado inicialmente em formato digital em 2018, ganhou em 2020 seu formato físico. A obra passou mais de cem dias como o título LGBT mais vendido da Amazon Brasil<sup>22</sup>. Em entrevista para o evento SUB NO AR,<sup>23</sup> em 2021, Jullian relatou que o famigerado episódio que ocorreu em 2019, com a tentativa de censura aos títulos LGBTQIAP+ na Bienal, fez com que sua obra viralizasse, chegando a vender aproximadamente 10 mil exemplares em 24 horas. Na ocasião o então prefeito Marcelo Crivella solicitou que a organização do evento recolhesse uma HQ da *Marvel Comics* intitulada “Vingadores – A Cruzada das Crianças” por considerar que havia conteúdo impróprio para menores de idade. O motivo seria a cena em que dois personagens masculinos se beijam.

Essa decisão do prefeito gerou uma grande polêmica e indignação de diversos setores da sociedade, que viram a ação como uma tentativa de censura. A organização da Bienal se posicionou contra a atitude de Crivella e reafirmou seu compromisso com a diversidade e a liberdade de expressão. Além disso, muitos visitantes da feira fizeram questão de demonstrar seu apoio à causa e compareceram ao evento com cartazes e bandeiras do arco-íris.

Ainda em entrevista, Jullian aponta a importância de se ver representado em narrativas, já que durante a sua infância não encontrou obras que tivessem personagens com identidades semelhantes a si mesmo. Inclusive, ressalta que foi através da cultura pop, do cinema e da literatura que pôde entender o seu lugar no mundo. E que as narrativas LGBTQIAP+ que consumia giravam em torno da dor, como se as histórias só fossem dignas de serem contadas se representassem os personagens sofrendo, seja por sair do armário ou ao contrair uma IST<sup>24</sup>.

O autor recorda que a primeira vez que viu uma representação positiva foi com o personagem Kurt Hummel, do seriado *Glee*<sup>25</sup>, que ao se assumir gay para o pai, se surpreende com a forma positiva com que ele encara sua sexualidade. Ao analisar a obra de Juan Jullian, pode-se perceber semelhanças na narrativa com a história do autor, pois o mesmo, assim como o protagonista de sua obra, é negro, gay, sua mãe é lésbica e moram no Rio de Janeiro. A seguir, será realizada uma apresentação geral sobre o romance em análise.

---

<sup>22</sup> Empresa multinacional de tecnologia de origem norte-americana.

<sup>23</sup> SUB NO AR é um projeto da empresa Submarino, tem como intuito falar sobre livros e autores através de *Lives* e *Podcasts*.

<sup>24</sup> IST são infecções sexualmente transmissíveis, tal terminologia é uma substituição da expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

<sup>25</sup> *Glee* é uma Série de televisão, do gênero musical, criada para a Fox. *Glee* tornou-se um fenômeno mundial ao contar a história de alguns estudantes da fictícia William McKinley High School, em Lima, Ohio.

### 3.1.1 Conhecendo o romance *Querido Ex, (que acabou com a minha saúde mental, ficou milionário e virou uma subcelebridade)*, de 2020

O livro *Querido Ex*, de 2020, é um romance epistolar<sup>26</sup> que narra, de forma não linear, o término de um relacionamento entre dois homens. É apresentado um protagonista/narrador, com mais ou menos 20 anos de idade que, após o seu relacionamento terminar, busca ajuda de uma psicóloga para superar o doloroso processo de separação. Seguindo as recomendações dela, o narrador (não nomeado na obra) escreve cartas sem a intenção de que o seu ex-namorado tenha acesso, apesar de todas serem endereçadas a ele. Esse modo de narrar é o que poderia ser estudado como romance epistolar, caso fosse enveredar por esta chave de leitura.

Chamado ironicamente de "Querido Ex", o antagonista, em minha leitura, é retratado como uma pessoa sem responsabilidade emocional ao terminar o relacionamento com o protagonista poucos dias antes de entrar no maior Reality Show do Brasil, no qual acaba ficando em terceiro lugar. Ao longo da narrativa, o narrador conta suas memórias e experiências, tanto antes quanto depois do término do relacionamento. Ao longo dos capítulos, o leitor testemunha a dor e o sofrimento do protagonista, que é consumido pela sensação de abandono. A situação é agravada pela fama repentina do ex, que aparece na televisão e se envolve com outro rapaz enquanto o protagonista tenta lidar com a situação.

Outros relatos do narrador são em relação a sua cor e a sua sexualidade, já que quando namorava com o antagonista, tinha que ouvir comentários em relação ao seu cabelo crespo, à cor de sua pele e em relação a sua aparência física. Também é perceptível um incomodo que sua sogra sentia ao ver o filho, descrito na obra como um homem branco, namorando um rapaz negro, o protagonista. Todo esse contexto aponta para questões que são desdobradas e reveladas nas cartas escritas, onde lemos a confissão do narrador, através de um relato sensível, dolorido por causa de muitas crueldades que foram feitas com ele, do ponto de vista verbal.

A relação do narrador com os pais também é discutida na obra: o pai é descrito como um sujeito que não aceita a questão de ter uma ex-mulher (a mãe do protagonista) lésbica. Ela chegou inclusive a solicitar a guarda do filho, já que o protagonista tinha dois anos de idade quando houve a separação dos pais, separação esta que ocorre em decorrência da mãe do protagonista se relacionar com outra mulher, a quem o narrador considera como outra mãe. Como se vê, não se trata de uma simples estória. O foco desta análise se centra no corpo negro e gay do protagonista, mas a sua história de vida é repleta de outras narrativas envolvendo a

---

<sup>26</sup> Entende-se como romance epistolar a obra escrita utilizando-se cartas para o desenvolvimento da história.

lesbianidade da mãe e a lesbofobia do pai. Mais tarde, encontra a homofobia na casa do namorado e o racismo presente em locais como escola e nos espaços privados.

Ao final, após perceber que superou o término do relacionamento, e tendo em vista que não deseja namorar por enquanto com ninguém, é finalizada a última carta escrita pelo protagonista. É perceptível, através dos relatos, o quanto ele estava feliz por desejar só o bem para o seu ex e por seguir a vida adiante. Contudo, a obra conta com uma carta resposta do antagonista, já que o protagonista acaba morrendo em um assalto na cidade do Rio de Janeiro.

### 3.1.2 A estrutura da obra

O romance é narrado em primeira pessoa<sup>27</sup>, o narrador é auto diegético, o qual Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (1996, p. 118) entendem que “o narrador [desse tipo ou com essa caracterização] da história relata as suas próprias experiências como personagem central [...] estrutura a perspectiva narrativa, organiza o tempo, manipula diversos tipos de distância, etc.”.

Cada capítulo da obra é escrito em formato de cartas. Foucault (1992, p. 149) entende que as cartas são “[...] mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro: ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros”. Estas cartas são desabafos do protagonista para o seu ex-namorado a pedido de uma psicóloga.

O gênero epistolar, no dizer de Marisa Lajolo (2002, p. 61), é aquele em que “a epístola define-se como poema dirigido a um amigo, amante ou mecenas”. Apesar de que, entende-se, que o gênero evolui e esse destinatário pode ser o próprio narratário a quem a voz narrativa se dirige. Numa perspectiva mais plural e avançada, o gênero por ser escrito em primeira pessoa e ter um destinatário específico; poderia, este, também ser o próprio ego da voz narrativa, se tivermos em conta que Jacques Lacan (1996), quando discute a noção de desejo que se expressa a partir de um eu, afirma que “eu” e “ego” são elementos distintos, porque o *eu* é um pronome que se estabelece em uma relação de diferenciação com o tu, instituídos unicamente no plano da conversação ou do diálogo. O ego, por sua vez, diz respeito àquilo que nos é próprio, que nos faz ser, que nos identifica enquanto sujeito no mundo e de desejo.

Logo, o romance, narrado em primeira pessoa através de epístolas, poderia também atender a todos esses requisitos, incluindo o de o narrador (e autor) dirigir-se a si como

---

<sup>27</sup> De acordo com a teoria das funções da linguagem, propostas por Roman Jakobson, a função emotiva, é associada diretamente ao Emissor. Transmite as emoções, os sentimentos, os pontos de vista etc. O discurso é predominantemente em primeira pessoa (Eu/Nós).

destinatário ou narratário de si mesmo, recurso retórico artificialmente construído para colocar em evidência toda uma construção do sujeito que é negro e gay e suas lutas internas e externas para se fazer conhecer a si e conhecer os outros através da escrita, da reflexão, da memória, da busca de imagens e cenas que sejam capazes de alavancar as questões viscerais do narrador sobre o seu corpo, o seu sexo, o seu gênero, a sua sexualidade. Voltar-se para si, endereçar-se a si mesmo de modo metafórico pode configurar um recurso retórico ou estilístico justo para tornar evidente as questões do entorno do sexo e da orientação sexual de pessoas pertencentes a minorias que ainda continuam sendo excluídas de vários setores sociais.

Uma vez que o endereçado das cartas do romance é o “Querido ex”, sem nome, essa apropriação retórica pode ser encarada como um modo sutil de ironia por parte do autor. Afinal, o uso do termo “querido” sugere uma intimidade e afeto que já não existe mais entre os personagens, e a ausência do nome do ex transmite uma sensação de distanciamento e frieza. Além disso, a escolha de escrever cartas para um ex-amor também pode ser considerada irônica, pois esse é um gesto romântico que normalmente se destina a um parceiro atual ou em busca de reconciliação. O protagonista, pode ser entendido inclusive como um narrador não-confiável. Este é um narrador que não se pode confiar plenamente, pois muitas vezes distorce os fatos e as emoções dos personagens.

No início de cada capítulo há o nome e um trecho da letra de uma música, a sugestão do autor é que o leitor possa, caso queira, ouvir uma música que tem a ver com o que será narrado especificamente na carta que segue. Ao longo de suas 174 páginas e 26 capítulos, não é citado o nome do protagonista, tampouco do antagonista, chamado apenas de Querido Ex. O antagonista tem o seu nome revelado apenas no primeiro capítulo da continuação da obra, intitulado *Maldito Ex*, (2021), de Juan Jullian. Em relação ao título do romance, mais precisamente no subtítulo, é percebido que já conta com informações importantes que o acesso será dado apenas ao decorrer da narrativa como, por exemplo, quando é dito que “acabou com minha saúde mental”, já que o leitor acompanha a busca do narrador por ajuda de profissionais para a retomada de sua condição normal de saúde mental.

O romance tem uma estrutura em que o tempo é cronológico<sup>28</sup>, pois cada capítulo é datado de acordo com o dia que a carta foi escrita pelo narrador/protagonista, inicia-se em 10 de março de 2018 e é finalizado em 15 de julho de 2022 pelo antagonista do romance. Mas a

---

<sup>28</sup> Tempo cronológico é visto por Nunes (1992), em sua obra *O Tempo na Narrativa*, como o tempo que firma o calendário.

obra é composta também por um tempo psicológico<sup>29</sup>, já que conta com várias lembranças e vivências das personagens. O Rio de Janeiro é o espaço ao qual se passa a maior parte da história, tendo São Paulo como ambientação apenas no último capítulo da obra.

### 3.1.3 Negro-gay: a voz que narra

Conforme mencionado anteriormente, a obra de Juan Jullian é narrada em primeira pessoa, o que confere um forte tom subjetivo à história. O narrador protagonista, ao expor suas dores e frustrações durante o processo de separação com seu até então namorado, permite que o leitor se identifique com suas emoções. Na primeira carta, já é perceptível que o relacionamento do protagonista terminou, o que instiga a curiosidade do leitor em relação aos motivos que levaram a tanto rancor.

Inicialmente, é possível inferir que o narrador seja um jovem adolescente, uma fase da vida comumente associada a um temperamento forte, rebeldia e desejo de viver intensamente. Entretanto, compreende-se que o narrador tem cerca de 22 anos e que o seu ressentimento é na verdade decorrente de um relacionamento de dois anos com o antagonista. Através das descrições fornecidas pelo narrador, é perceptível que a relação era abusiva, e essa percepção é reforçada pelas crenças em torno de como deveria ser um relacionamento na atualidade.

A questão do relacionamento abusivo é também algo a ser questionado e facilmente contestado, caso seja enveredado por uma linha de raciocínio em que a diegese da obra situa a voz narradora como a única detentora de pensamento, reflexão, fala, excluindo-se a voz do outro, do endereçado, de modo que o que se sabe sobre a relação dos dois é unicamente a partir do que o protagonista negro e gay conta. No primeiro capítulo, é percebido por qual motivo o protagonista chama o seu ex-namorado de Querido Ex. O narrador acredita que o nome do antagonista é indigno de ser pronunciado, como mostra no trecho a seguir.

Sim, é por essa singela alcunha que te chamarei hoje, amanhã e mesmo após a minha morte. Seu nome é menos digno de ser pronunciado do que o assassino dos pais do Harry Potter; ecoar as letras que o formam é equivalente a beber um copo do chorume deixado por caminhões de lixo após duas semanas de greve de coleta no Rio de Janeiro. Não, obrigado. Já botei muita coisa com gosto duvidoso na boca enquanto fui seu namorado. (JULLIAN, 2020, p. 09)

---

<sup>29</sup> Nunes (1992) descreve o tempo psicológico ou tempo vivido ou ainda duração interior, como uma “descoincidência” das medidas tomadas pelas marcas do tempo objetivo. E exemplifica que uma hora pode parecer tão rápida quanto um minuto ou um minuto pode parecer uma hora, tudo depende da forma como o indivíduo se encontra e conclui que o tempo psicológico nada mais é do que uma oposição ao tempo físico da natureza. Ele é na verdade, subjetivo e qualitativo, variando de indivíduo para indivíduo.

Inicialmente, parece óbvia a vontade do protagonista em não querer nominar ou apontar diretamente o seu remetente pelo nome, pelo fato dele desmerecer essa espécie de “memória”. Esse não nomear pode relacionar-se com o que foi afirmado no tópico anterior: longe de estabelecer uma discussão narrativa em torno de suas memórias afetivas com outrem, a voz protagonista preocupa-se mais com a discussão genérica do ser sujeito negro e gay do que propriamente com a intenção inicial de relatar suas dores e vivências de afeto já desfeitas com o seu ex.

Ao percorrer suas memórias, é possível observar que o narrador do romance adentra suas dores mais profundas. É compreendido ao longo da narrativa que essas dores são decorrentes do abandono, do racismo e de outras questões pessoais do protagonista que, juntamente com um relacionamento abusivo, deixaram sequelas e o tornaram receoso em se relacionar. Em relação à memória, Reis e Schucman (2010, p. 390) discorrem que “[...] não apenas traz o passado à tona, mas também, ao fazê-lo, contribui na percepção do presente e também na construção do projeto de futuro do sujeito, revelando-se, com isso, sua importante função existencial”. Compreende-se, portanto, que a memória é uma função que auxilia o narrador do romance na busca pela interpretação de sua vida e como uma forma de superar seu conturbado relacionamento.

Apesar de toda uma orientação teórica sobre as escritas literárias em primeira pessoa, tomamos emprestado a reflexão de Wander Melo Miranda (2009) sobre o que metaforicamente chama de “corpos escritos” (sem desconsiderar, também, a desconfiança que devemos ter da escrita de um texto cuja diegese se enuncia unicamente em primeira pessoa e sem a voz/interferência do outro, constituindo uma espécie de escrita monologal, não dialógica). Miranda considera o egocentrismo capitalista como fonte direta da instituição de escritas do ego, por ser uma espécie de escrita, a autobiográfica, que “aparece como uma necessidade de configuração ideológica do mundo ocidental” (p. 26). Uma vez que *Querido ex* atende ao requisito de escrita autobiográfica (não é intento enveredar por esta questão, apenas a trago à tona para tangenciar o que está sendo discutido), pode ser que a narrativa recaia no que Miranda (2009) chama de “ilusão autobiográfica”, porque as narrativas literárias, devido ao individualismo burguês que se inicia no século XIX, “desemboca posteriormente no beco sem saída do narcisismo” (p. 27).

Se a questão relacionada à identidade do protagonista no romance em estudo é relevante, é importante analisar a narrativa em si para compreender que, independentemente de qualquer questão pessoal, a história é fundamentada na apresentação de um protagonista negro e gay. É necessário que os leitores e/ou narratários extratexto valorizem e reconheçam todas as

experiências narradas pelo personagem em nome de um amor tumultuado, mas ainda assim, amor.

Nesse jogo de discussão em torno do relato das dores e das vivências emocionais intensas do protagonista em relação ao ex-parceiro, o leitor é levado a perceber como a voz narrativa revela aspectos de sua identidade e corporalidade que escapam da norma heteronormativa. As dores que afetam o protagonista são multidimensionais e convergem em um único corpo: a saudade, a memória afetiva, o amor vivido, a solidão e o abandono, a corporeidade negra e gay que desafia as normas sociais e a falta de coragem para se afirmar como protagonista negro e gay em uma sociedade que ainda é permeada pelo preconceito, a LGBTfobia e o racismo.

No início do romance, no segundo capítulo, foi possível observar como o narrador se questiona sobre a preocupação do ex acerca da impressão que poderia publicamente passar como um casal. Somente tempos depois é que, após o rompimento, em sua linguagem e sensibilidade, conclui que os medos e incertezas do seu ex-namorado eram para disfarçar o preconceito que ele tinha pelo fato do protagonista ser negro. Alguns trechos evidenciam a busca do narrador em seguir o padrão de beleza que o seu antagonista apresentava.

E é com dor no peito que eu te digo que hoje entendo que essa busca por beleza era uma busca por embranquecimento. Era uma busca por ser mais parecido com você. Era uma busca por ser mais branco, e, assim, mais belo. [...] eu me recuso a passar uma máquina zero para esconder toda a personalidade e rebeldia do meu cabelo. Eu nunca mais vou virar a noite pesquisando sobre rinoplastia ou procurando colericamente qual filtro do Instagram deixaria minha pele mais branca nas fotos em que eu estava ao seu lado. (JULLIAN, 2020, p. 15)

No trecho anterior, é possível perceber que por um tempo o narrador/protagonista acreditava que, para o namorado dele, numa visão racista e de branqueamento, como já foi moda no Brasil (ANDREWS, 1998), ser mais claro era a solução para ser mais belo para o namorado, como se sua etnia fosse a causadora de tal conjuntura negativa. O narrador entende que é negro, que tem o cabelo crespo, mas a interpretação sobre si não é o suficiente, já que buscava meios de mudar quem ele é de fato. Foi preciso compreender o processo de negação de sua identidade negra, para que pudesse se aceitar da maneira como ele é.

Esse tipo de sensação é bastante desconfortável e relatado por pessoas negras, quando compreendem que quem se coloca perto delas, com um tempo, dentro das intimidades que têm, sofrem abusos por ter que suportar em silêncio o discurso de ódio e/ou vergonha do outro que aceita a pessoa parcialmente. Para que haja uma aceitação mais plena, parece ser necessário que a pessoa opere em si, em seu corpo uma mudança que atenda ao desejo do outro que se sente

incomodado com o modo de ser do seu parceiro. Nesse sentido, faz-me lembrar que o corpo e seus atributos, na visão de Courtine (2008), não passa de uma invenção, assim como todos os discursos, metanarrativas e ideologias são invenções que servem a determinados grupos em contextos históricos distintos. O corpo negro, inventado para ser depreciado, negativo e feio, foi estudado por Nancy Etkoff (1999), que afirma ser o negro, em sociedades racistas considerado um corpo feio e abjeto.

Ainda em relação ao racismo que o protagonista sofre no romance, deve-se observar como a mãe do antagonista se comporta, já que em uma das cartas, mais precisamente na carta do dia 14 de junho de 2018, o narrador relata como a experiência de conhecer a sogra foi traumática. Ele percebe que ela tem um incômodo ao conhecê-lo, mas ele acredita que é pelo fato de o filho namorar com outro homem. Depois, sente que o mal-estar inicial diante da mãe do namorado tem mais a ver com a sua cor da pele do que propriamente com a questão da orientação sexual do filho. “No início, quando ela se recusou a apertar minha mão, eu achei que você namorar um menino fosse o problema pra ela. Mas logo ficou bem claro que namorar um menino preto era o que incomodava de verdade. Era a cor e não o gênero, o problema”. (JULLIAN, 2020, p. 98).

Torna-se interessante observar que, à medida que a diegese avança e os caminhos do protagonista para chegar ao desfecho de sua narrativa, podemos inferir, com propriedade, que a negação do corpo negro e gay na narrativa *Querido ex* tanto aponta para a depreciação da cor preta do corpo do protagonista como também a questão se envolve em uma aura que pode ser vista como positiva, na visão de Foucault (1988; 2001). Quando reflete sobre as relações de poder estabelecidas entre os setores sociais, o filósofo nos induz a pensar que o poder por si só não somente impõe, normatiza. Ele também é produtivo. No sentido das sexualidades, quando se nomeou o homossexual que inexistia, isso porque a prática nefanda era a que circulava à boca miúda, o homem homossexual foi exposto, apontado na rua, passou a ser depreciado, minorizado. Ao mesmo tempo que isso ocorria (e ainda ocorre), as pessoas passam a conviver com o estranho ou *queer* (LOURO, 2004), que circula livremente, mesmos tendo ameaçado de morte e de outros infortúnios.

Os outros infortúnios dizem respeito também a uma gama coletivo de sujeitos envolvidos na questão. Produtivamente, o homossexual (aqui usando a linguagem do texto de Foucault para referenciar o sujeito sexualmente visto fora da curva no século XIX) passa a existir enquanto espécie. A interpretação é necessária para compreender a espécie. A medicina, o judiciário e a igreja tomam conta dessa subjetividade para poder controlá-la. Tratamento, remédios, profissionais especializados, tudo isso gerado a partir do “nascimento do



homossexual” ou do “nascimento da clínica”. Homossexuais, loucos, mulheres frígidas etc. passaram a contar com toda essa pompa produtiva de que fala Foucault. Uma ala inteira de profissionais foi convocada para deliberar sobre o que é ser homossexual, louco. Todavia, como saldo positivo dessa história, pode-se dizer que os sujeitos não mais passaram a se esconder, houve tendências tolerantes deles; os espaços estavam abertos (mesmo que à noite, ou tarde da noite) para as práticas de afeto e sexo entre os iguais que, antes, não podiam circular porque eram inadmissíveis socialmente.

Essa produtividade afeta e diz respeito diretamente ao romance em estudo, mesmo quando os leitores são sabedores de que a escrita em análise carrega profundas reflexões e denúncias sobre a experiência de ser gay e negro em uma sociedade hegemonicamente de poder branco e heterossexual. Não subestimo essa questão. Pelo contrário, tratar do contexto do qual falo a partir da noção de produtividade nos coloca em uma posição que não lê o texto literário unicamente a partir de sua visão negativa, negacionista, reduzida e limitada a unicamente falar dentro de uma lógica semântica unilateral. Procurando reafirmar os lugares do negro e do gay no romance em pauta dentro dessa chave de leitura que traduz a produtividade foucaultiana como um espaço de existência que também torna os indivíduos esclarecidos, visivelmente conscientes de sua subjetividade, fortes o suficiente para circularem pelos espaços públicos de maneira confiante (em si), mesmo quando essa circulação possa envolver violência e agressão.

No que tange ao aspecto do racismo, Garcez (2021) entende que este, no Brasil, deve ser pensado a partir da formação do país; o seu contexto histórico deve ser levado em consideração, já que a sociedade brasileira é pautada, por séculos, pela escravidão. A figura da mãe do antagonista tem uma grande relevância na diegese, porque evidencia uma sociedade que considera a cor da pele determinante para segregar os indivíduos que não são caucasianos. Ao mesmo tempo o antagonista sabe que a mãe é racista, como se pode observar no trecho seguinte: “Ao meu lado, você só sorria e ditava o meu currículo em toda e qualquer oportunidade, como se o fato de eu estar aprendendo francês ou de estudar em uma das melhores universidades do país compensasse a minha cor”. (JULLIAN, 2020, p. 99)

O corpo negro do narrador do romance é violado em decorrência de sua cor de pele, como fica evidente na obra. Mas essa não é a única forma de violência que o protagonista sofre, já que pelo fato de ser gay também sofre por conta de sua orientação sexual. A imagem de um indivíduo negro e gay é associada à marginalidade e estigmatizada em decorrência de sua cor e de sua sexualidade. Costa (2018) aponta que existe duas formas de o corpo ser observado na sociedade.

[...] há o corpo que existe socialmente, que é aceitável e, portanto, respeitável, reconhecível e com direitos, mas há também o corpo que inexistente socialmente por ser inaceitável e diferente do domínio normativo. Este é o corpo sem direitos, o corpo que pode ser violado, desrespeitado e compulsoriamente machucado. (COSTA, 2018, p. 222)

Entende-se, assim, que o corpo do narrador do romance é um corpo que não é aceito na sociedade, por causa de sua forma de existir como negro e também como gay. Soa inclusive estranho essa narrativa tocar em um assunto tão sério e, ao mesmo tempo, já tão explorado, porque há estudos que mostram, em décadas anteriores ao momento atual, políticas públicas ou práticas de valoração do corpo e da beleza negras, como é o caso de Peter Frye (2007), referendando toda a sua discussão no ano 2000. Nesse estudo, o antropólogo aponta como a beleza negra ganha espaço em revistas e comerciais de produtos, sendo as pessoas negras aparecendo como protagonistas nos comerciais, assumindo papéis de gestores de si e de situações, diferentemente de antes que, na visão do antropólogo, apenas a população branca era prestigiada com o protagonismo referenciado pela beleza em revistas e comerciais de produtos.

Em algumas de suas cartas, o narrador expõe situações que ocorreram por conta de sua orientação sexual, mas não só isso, ele indaga como situações simples para um casal heterossexual é algo valioso para casais gays.

[...] Eu ficava completamente encantando quando você segurava a minha mão no meio da rua ou postava uma foto nossa no Instagram, abraçados, principalmente depois *Daquele Que Veio Antes de Você* nunca ter conseguido dar esses passos comigo. *Até porque essas migalhas sobre as quais casais heterossexuais nem sequer param para pensar são pepitas de ouro para nós*; apesar de você sempre agir de forma blasé, eu realmente encarava isso como preciosidades. Era algo deliciosamente inédito nos meus vinte anos neste planeta. Mas para você não era. E enquanto você brilhava, eu me apagava. Cada xingamento era uma oportunidade para você ganhar mais seguidores. Cada episódio de trauma (*como aquele pai que ameaçou nos encher de porrada por nos beijarmos no cinema*), uma chance para escrever um textão em uma rede social ou discursar incessantemente no coletivo. (JULLIAN, 2020, p. 39, grifo nosso)

A reflexão do protagonista evidencia marcas de um sexismo heterossexual que castra personagens ou sujeitos gays em razão da orientação sexual ser diferente da maioria. Um fato que parece incomodar o narrador é ele sofrer toda uma onda discriminatória a partir de seu próprio companheiro, que não é solidário com os dois na defesa do relacionamento LGBTQIAP+; que se escusa de defender o namorado, quando este se sente ameaçado, sobretudo pela mãe do ex, por causa da cor da pele. Trata-se de uma reflexão sobre o cotidiano dos prazeres a dois, mas esse cotidiano é saturado de pequenas derrotas no campo da raça e da sexualidade exercida. E mais uma vez Foucault (1988; 2001) possibilita a reflexão de abrir a

mente com a questão da produtividade: o poder instituído (de forma genérica tratando o poder aqui) ao mesmo tempo que torna possível a existência de sujeitos e práticas fora da norma socialmente aceita, cria, paralelamente, os discursos de ódio e de intolerância. Isso abre poros reflexivos para se pensar a existência amarga das pessoas LGBTQIAP+ e negras em sociedade e, também, a sua luta e resistência pela igualdade de tratamento, pela não discriminação e não preconceito de base estrutural. Torna a sociedade mais consciente porque ela é obrigada a discutir questões imperativas como essa.

De fato, a sociedade ainda não aceita totalmente que casais gays, e de outras orientações sexuais, demonstrem afeto em público, como acontece com os heterossexuais, estando estes indivíduos sujeitos a, inclusive, agressões físicas. Também há a deslegitimação da identidade negra. Desde cedo os corpos que não estão em acordo com o corpo branco e cis-heteronormativo, como, por exemplo, os indivíduos negros e gays já sofrem em decorrência da intolerância da sociedade, sendo a escola um dos primeiros espaços a estigmatizar estes corpos.

Hiram Campos Rodrigues (2018, p. 87) discute que “A escola atua no reforço de crenças e comportamentos e, na maioria das vezes, fortalece ideias heterossexistas, racistas e que podem gerar inúmeros problemas nas vidas dos que não se encaixam em padrões pré-determinados de cor, sexualidade e outros comportamentos”. E assim, faço a observação de que no romance em análise o narrador já sofria desde o ensino médio por ser um corpo gay, mas pode-se entender também que os atos preconceituosos não eram acometidos apenas por sua sexualidade, já que o seu principal algoz não aceitava a sua própria identidade gay. Como uma forma de não validar a própria sexualidade, praticava *bullying*<sup>30</sup> com o narrador do romance.

Kalil foi um dos meninos que estudou comigo no Ensino Médio. Um daqueles héteros que se orgulhava de fazer piadinhas comigo pelos corredores da escola. Ter sido o único viado assumido de toda aquela instituição me tornava um alvo, o bode expiatório perfeito para que eles, tão covardemente, direcionassem a mim toda sua ignorância, frustração e raiva com o mundo. Foi assim que passei três anos ouvindo da boca de Kalil e de seus amigos neandertais xingamentos extremamente criativos, tais como “viadinho de merda”, “baitola” (sério, que DIABOS É UM BAITOLA?!) e “bambi”, além das constantes associações das minhas notas altas com a prestação de favores sexuais para os professores. Sensacional, não é mesmo? (JULLIAN, 2020, p. 67)

---

<sup>30</sup> O *bullying* é uma forma de violência psicológica e/ou física perpetrada por indivíduos ou grupos contra outros indivíduos ou grupos. Ele pode ocorrer em qualquer lugar, incluindo escolas, ambientes de trabalho, comunidades e até mesmo online. Pode ser dirigido a uma ampla variedade de características, incluindo aparência física, raça, orientação sexual, identidade de gênero, habilidades e outras diferenças. A vítima do *bullying* pode sofrer danos psicológicos, como baixa autoestima, ansiedade e depressão, além de problemas de saúde física, como doenças cardíacas e estresse.

O nome de Kalil é recordado no trecho acima porque ele seria mais uma vítima da sociedade, tendo que se esconder atrás de atos preconceituosos por também ser um corpo gay. Sedgwick (2007, p. 27) entende que “A imagem do se assumir confronta regularmente a imagem do armário, e sua posição pública sem ambivalência pode ser contraposta como uma certeza epistemológica salvadora contra a privacidade equívoca oferecida pelo armário [...]”. O “armário” oferece ao corpo gay uma privacidade em relação à sua sexualidade e uma proteção contra os sujeitos que querem regularizar os corpos na sociedade. Assim, Kalil só consegue aceitar sua sexualidade e/ou entendê-la quando já é adulto, passando a se relacionar com o protagonista do romance.

O narrador começa a conhecer Kalil e percebe como ele havia mudado, deixado de ser aquele sujeito homofóbico para se tornar um rapaz atencioso e amoroso. Até que no penúltimo capítulo da obra, o personagem Kalil aproveita uma ida a um bar da praça São Salvador, um lugar já frequentado pelos dois, para pedir o protagonista em namoro. Porém, o narrador após refletir e perceber que não gostaria de no momento ter algo sério com alguém, recusa o pedido e parte, descrevendo uma sensação de liberdade ao pedalar pelas ruas do Rio de Janeiro, sem Kalil, Sem Daniel e sem o seu Querido Ex.

Na próxima seção são apontados os pontos positivos do romance, observando-o sob a ótica do ainda conceito de produtividade foucaultiana, com o intuito de emancipar este corpo negro-gay do romance em análise.

### **3.2 Emancipação do corpo negro e gay a partir do conceito de produtividade no romance Querido Ex**

Na seção anterior, foi realizado uma breve apresentação do autor Juan Jullian e de seu romance em estudo. Será feita uma análise do romance em questão, utilizando o conceito foucaultiano de produtividade, discutido anteriormente no primeiro capítulo. Foucault não tem entre suas obras uma que aborde apenas o conceito de poder, mas pode ser percebido como este tema era trabalhado pelo filósofo ao longo de suas obras. Em *Vigiar e Punir*, por exemplo, Foucault (2004, p. 25) afirma que “[...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. Porém, na mesma obra o filósofo discute que o poder produz e que não pode ser descrito sob uma ótica negativa. Permitindo a interpretação de que o poder produz e esta produção passa a ser observada como algo positivo.

Pode ser considerado que o poder, através dos conceitos apresentados por Foucault, deve ser observado com um sentido que não reprime, ou seja, que é emancipador. O conceito

de produtividade passa a ser mais amplo, não apenas ligado à produção em uma ótica voltada ao econômico, mas também como uma produtividade que disciplina, e ao disciplinar produz mais saber para os sujeitos, assim, saber e poder estão intrinsecamente ligados. Tendo como aporte os pontos especificados no capítulo anterior, acerca da produtividade foucaultiana, parto para uma análise do romance em pauta, observando como o conceito de produtividade pode possibilitar ao personagem uma emancipação do corpo negro-gay na narrativa em estudo. É possível encontrar no romance alguns trechos que evidenciam uma superação depois de alguns atos sofridos pelo narrador.

Mas sabe de uma coisa? Eu não tenho que me contentar com a infelicidade. Já me acostumei com ela duas vezes, e isso só me levou para o fundo do poço, bem do ladinho da Samara. É incrível a nossa capacidade de nos adaptar a tudo, inclusive ao que nos faz mal, não é? (JULLIAN, 2020, p. 33)

Na diegese narrativa em pauta, a figura central que escreve as cartas e que narra os acontecimentos é um indivíduo que tenta superar o término do seu último relacionamento. Nas suas primeiras cartas, o protagonista/narrador descreve algumas situações em que o seu ex-namorado lhe humilhava ou comentava algo em relação a sua aparência ou ao seu corpo. É entendido que a noção de produtividade, de certa forma, parece ser mais razoável de ser discutida no romance em estudo depois do processo de amadurecimento do protagonista. Este se vê, ao longo da estória, envolvido em questões relacionadas a preconceitos e discriminação de ordem racial e sexual. Todavia, chega um momento em que ele admite o sofrimento e encontra rotas de saída para não continuar mais sofrendo. E a produtividade se mostra, neste momento, porque aquilo que causa dor e sofrimento passa a ser visto sob outra perspectiva que não anula o preconceito, mas neutraliza o sofrimento porque o sujeito já se sente mais calejado, mais firme e experiente para evitar os dissabores de ser negro e gay.

O comportamento negativo do antagonista sobre o seu parceiro gerou no personagem central do romance o que podemos chamar tomada de consciência a partir da noção de *produtividade foucaultiana*, pois no seguinte trecho da obra, o narrador se emancipa e torna aquela situação em superação.

Não mais. *Você não está mais aqui pra tirar o protagonismo da minha história* ou o brilho das minhas conquistas. Você não tem mais o poder de decidir meus atos por mim, como se fosse o diretor da minha vida. *Eu me libertei de você*, rasguei o nosso contrato e, apesar de não ter assinado um novo que, assim como o seu, me garantisse um programa na televisão, eu tenho agora as rédeas da minha narrativa e escrevo nos meus próprios termos. (JULLIAN, 2020, p. 33, grifos nosso)

É percebido, então, que o protagonista não só supera a situação em que estava inserido, quando mantinha um relacionamento com o antagonista, como também entende que só ele mesmo tem o direito de contar a sua própria narrativa, gerando assim a ideia de liberdade e emancipação, que Foucault propõe em suas discussões acerca do poder. Desde a escravidão até os dias de hoje, o personagem negro foi subordinado e tratado como inferior. Em *Querido Ex*, (2020), é possível ver um personagem negro que luta para ser reconhecido como igual, não só pelos brancos, mas também pela sociedade em geral. Além disso, este personagem é gay - outra característica que o faz marginalizado na sociedade. Ainda assim, ele persiste e acaba se libertando das amarras da opressão.

Juan Jullian em seu romance produz uma narrativa em que apresenta um protagonista/narrador que passa por diversas situações que podem ser consideradas como estereotipadas ao corpo de indivíduos negros e gays, como, por exemplo, a não aceitação de sua etnicidade e, sobretudo, as relações sexuais entre homens de forma banalizada, mas é entendido que todo este processo negativo construído ao longo da obra produz a emancipação do seu corpo. A emancipação da qual é abordada diz respeito ao modo como ele passa a enfrentar a si mesmo, interpretando-se numa lógica não narcisista, mas egocêntrica no sentido de que precisa saber quem realmente é, assumir-se enquanto sujeito de si para poder encontrar forças de sobreviver em meio aos discursos contrários ao seu modo de ser, ao seu estilo de vida, a sua orientação sexual.

Veiga (2018) discute que a homossexualidade quando descoberta por garotos negros os retira da possibilidade de serem integrados e acolhidos por suas famílias e comunidade. É como se a cobrança do homem negro, sobre ser ou não ser gay, fosse maior do que quando se pensa no homem branco. O negro já é estigmatizado por questões de cor. Quando a este estigma soma-se o da sexualidade desviante ou fora da curva, o fardo torna-se mais pesado, e suportar esse tipo de experiência, por parte de quem a sofre diretamente no corpo, ou por parte de quem faz parte da família, parece ser demasiado grande para ser verdade. Mas é percebido que o narrador de *Querido Ex*, (2020) é acolhido por sua mãe biológica e por sua madrasta, mesmo que em uma de suas cartas ele narre sobre o pai preconceituoso, que com o passar do tempo aceita a orientação sexual do filho. A exclusão de seu corpo vem de outros indivíduos que não aceitam sua etnicidade/sexualidade.

À medida que a narrativa avança em termos de ação (narradas/descritas pelas cartas escritas e direcionadas ao Ex), outros fatores surgem para agravar ainda mais a situação do sujeito negro e gay: a questão acerca do HIV/AIDS, um tabu para a sociedade que ainda vê o portador de forma preconceituosa, mesmo tendo se passado mais de 40 anos desde a origem da

epidemia. O assunto é abordado na obra analisada porque o protagonista/narrador trai o antagonista. Ao voltar do estágio, o narrador nota um homem no ponto de ônibus e é envolvido por um desejo sexual. “Eu o notei quando estava no ponto de ônibus. Alto, com uma barba grisalha levemente desgrenhada, braços fortes salientados pela camisa social e uma bunda bem marcada pela calça preta”. (JULLIAN, 2020, p. 105). O protagonista descreve que ao entrar no ônibus, os dois ficam próximos e aquele homem que lhe despertara um desejo que já não sentia por seu namorado, fica roçando seu órgão genital no cotovelo do narrador. Logo em seguida, o homem (que também não é nomeado na obra) escreve uma mensagem no bloco de notas do celular convidando o narrador para ir à sua casa.

O protagonista do romance começa o ato sexual com o homem desconhecido, até o momento que algo acontece, deixando-o desesperado.

O estupor que seguiu o gozo foi interrompido pelo pavor. A camisinha tinha estourado, e o fluido daquele homem sem nome escorria de dentro para fora de mim. Eu não sabia o que fazer. Comecei a perguntar aos gritos se ele tinha alguma doença, se ele tinha HIV. Ele disse que não. Eu não acreditei. Dos pés à cabeça, tudo tremia. Não era possível que aquilo estivesse acontecendo. (JULLIAN, 2020, p. 107)

Após esta exposição, pode ser observado que o autor traz informações pertinentes através das falas do narrador, já que o mesmo começa a pesquisar na internet um local que possa lhe oferecer o uso da PEP<sup>31</sup>, e completa “[...] um serviço oferecido gratuitamente pelo governo brasileiro, um coquetel de remédios que, se ingerido em até 72 horas após a exposição ao sêmen com carga viral, ou cuja carga viral fosse desconhecida [...] impediria a contaminação” (JULLIAN, 2020, p. 108). Deste modo, é perceptível que o autor tem uma preocupação de também conscientizar o seu leitor sobre possibilidades de gozo desesperado que poderia acabar em tragédia e, ao mesmo tempo, aponta para algo bastante real da sociedade que ajuda pessoas que entram em contato com o sexo não seguro: drogas que podem ser ingeridas após o sexo desprotegido e suspeito. Não é que o autor induza o leitor a um caminho afirmativo desse tipo de prática sexual, mas coloca em evidência a emancipação do corpo gay diante da AIDS, mal tão temido pelas pessoas que se aventuram em suas experiências sexuais de rodízio.

Como é possível de se ver, Juan Jullian não se limita unicamente a narrar uma estória a partir de cartas endereçadas à figura de um ex-namorado. À medida que desenvolve a narrativa, assuntos relacionados ao tema central são postos em diálogo como o modo de ampliar as

---

<sup>31</sup> A Profilaxia Pós-Exposição é um tratamento que a ajuda na prevenção após um comportamento considerado de risco, como relação sexual sem preservativo, estupro ou acidentes com materiais perfurocortantes que possam ter sido usados por outras pessoas.

discussões sobre corpo, negrura, soropositividade, beleza. Entendo que embora não se trate de uma obra literária de extensão considerável, é possível que alguns críticos literários, acostumados a um determinado modelo de análise textual, possam avaliá-la segundo seus próprios critérios. Abraçando o literário como aquilo que se aproxima da arte de reconstrução da linguagem (DURÃO, 2016). É notório que a escrita de Juan Jullian é bastante lugar-comum, todavia como texto que deve ser consumido pelo leitor (ABREU, 2006), independentemente de sua filiação a um grupo de poder literário, serve-nos como escrita que está disponível e se mostra capaz de refletir sobre determinados assuntos de grande importância para os sujeitos de hoje.

Ainda desesperado com a possibilidade de ter contraído alguma IST, o protagonista parte na busca de tratamento na Fiocruz<sup>32</sup>, o narrador conhece Daniel, um rapaz negro e gay que ganha uma grande importância na obra, já que ele é soropositivo e conduz com maestria as conversas que esclarecem ao narrador e lhe tiram a percepção negativa acerca da doença.

Daniel convivia com o vírus havia oito anos. Tinha contraído de um ex-namorado. Já fazia o tratamento havia muito tempo, e sua carga viral era indetectável. Me contou sobre sua vida. Sobre a reação dos seus pais e de seus amigos e sobre como havia decidido abrir um canal no YouTube, do qual tirava todo o seu sustento, através de propagandas e palestras. Nos seus vídeos falava abertamente sobre o HIV/AIDS, em uma cruzada para conscientizar jovens que, assim como eu, vivem com o estigma e com o imaginário acerca da doença. Uma doença que, no fim das contas, acaba sendo só mais uma das inúmeras coisas que qualquer um de nós pode pegar nos dias de hoje. Uma doença que não define ninguém ou muito menos é uma sentença do futuro. No final do dia, você ainda tem a vida inteira. (JULLIAN, 2020, p. 111)

No romance em questão, o narrador trai seu namorado pela segunda vez ao beijar Daniel, com quem havia mantido uma amizade durante o período em que precisou realizar a PEP. Após receber a confirmação de que não era portador de HIV/AIDS, o protagonista se afasta de Daniel com o objetivo de deixar para trás os últimos acontecimentos e retomar seu relacionamento com o antagonista.

Nesse contexto discursivo, é possível perceber que a sociedade ocidental construiu a AIDS como uma doença exclusiva dos homens gays. No entanto, a produtividade dessa construção foi evidenciada pela corrida quase bélica que a ciência, em conjunto com os grandes investidores da indústria farmacêutica, teve que enfrentar para desenvolver medicamentos capazes de controlar a propagação do vírus entre a população sexualmente ativa. Essa situação não traria apenas prejuízos em termos de perdas humanas, mas todo o sistema econômico e de

---

<sup>32</sup> A Fundação Oswaldo Cruz é uma instituição brasileira de pesquisa e desenvolvimento em ciências biológicas, criada em 1900. Tendo a zona norte do Rio de Janeiro como sua sede.



saúde entraria em colapso com a disseminação desenfreada e sem um elemento neutralizador do vírus, como aconteceu recentemente com a pandemia de Covid-19.

Embora a carga negativa da AIDS tenha sido projetada nos homens gays, o mesmo poder que estigmatizou essa população buscou fórmulas capazes de superar esse evento para os mesmos sujeitos portadores e disseminadores do vírus mortal, segundo a perspectiva hegemônica.

Mas é preciso deixar “descansar” os pontos negativos e revelar também, e talvez principalmente, as questões que podem ser afirmativas nessa lógica social que conserva unicamente o aspecto ruim “da coisa”. O conceito de produtividade, que advém das discussões sobre o poder nas obras de Foucault, deve ser levado em consideração na análise do romance presente nesta dissertação, com o intuito de evidenciar um corpo que a sociedade tende a marginalizar, mas que, à medida que o acusa como feio e fora da norma, torna-o evidente, não mais fora da cena discursiva: o introduz no cerne das discussões e, paulatinamente, ele adquire mais vida, fortaleza e se emancipa. Um trecho do romance que corrobora a superação e emancipação do corpo do protagonista, como também pode ser tomado nota de que é a voz emancipatória do autor é quando o narrador diz que “Uma narrativa tem o poder de agregar pessoas, de fazer com que problemas sejam amenizados através da identificação mútua, de superar a solidão e de nos ajudar a encontrar a libertação”. (JULLIAN, 2020, p. 121).

Outro ponto afirmativo da obra é a relação estabelecida entre o protagonista e a ex-sogra, previamente apresentada como uma mulher racista, que não se opunha à relação do filho com outro homem, mas sim com um homem negro. Durante a troca de cartas entre o protagonista e Kalil, a mãe deste último é apresentada, e embora não haja um relacionamento amoroso formal entre os dois, a relação entre Kalil e o protagonista é narrada em diversas cartas. Nesse contexto, a personagem Tânia pode ser interpretada como uma figura de futura sogra, que, diferentemente da mãe do antagonista, aceita a orientação sexual do filho e seu relacionamento com um rapaz negro.

Essa diversidade de pontos de vista tratados no romance em estudo denotam um valor político da obra que se constrói numa discussão franca sobre questões que, se não são tabus, ainda permanecem no ideário dos leitores como de difícil acesso porque ainda causam vergonha, preconceito, discriminação. As personagens apresentadas elaboram para si diferentes modos de conceber o homem negro e gay. Isso resulta em uma proposta de interpretação que conduz os indivíduos a relacionar o texto ao cotidiano real, porque são vários pontos de vista que interagem socialmente e alguns deles querem se tornar superiores, únicos, e nisso resultaria o “mal-estar” da sociedade. Quando aponta o preconceito, Juan Jullian, ao mesmo tempo,

equilibra essa visão de forma cativante e acolhedora, distante de impactos de intolerância, da beligerância de gênero e racial.

Nesse sentido é possível falar em emancipação do corpo negro e gay, porque o protagonista passou por um processo de amadurecimento de si que se inicia com a vergonha, a quase não aceitação de sua orientação sexual somada à cor da pele. Não propriamente por parte dele, mas por internalizar, ser educado e ter que passar a conviver diariamente com pessoas que o afetaram direta ou indiretamente com o levantamento dessas questões. Inicialmente, o protagonista dá seus primeiros passos em meio a hesitações e ocultamentos, tendo que aprender a lidar com as hostilidades e preconceitos que constantemente enfrentava por ser uma pessoa negra e gay. Nesse contexto, ele se deparava com questionamentos acerca de sua beleza e merecimento em relação a diversas situações. Ao longo do tempo, esses desafios o ajudaram a se desenvolver e confrontar sua sombra, buscando sua própria identidade e lugar na sociedade.

Quando se sente calejado dessas questões arbitrárias sobre seu corpo negramente homossexualizado, passa a refletir de modo mais profundo e adota posturas emancipatórias ou mais libertas das amarras que o punham como uma vítima social. Na verdade, o protagonista sempre se viu como uma vítima social. Contudo, a diferença agora é que ele consegue, por meio de suas próprias forças, manter a cabeça erguida, os ombros firmes e seguir adiante em sua jornada, como costuma-se dizer, superando os obstáculos um a um. O protagonista do romance em estudo evolui em seu modo de pensar e agir, corroborando uma prática libertadora de que falou Foucault (1988; 2001), quando apontava sobre a noção de produtividade das relações de poder criadas pelo poder central ou hegemônico. Essa produtividade pode ser resgatada também a partir da leitura que Leonardo Mendes (2000, p. 211) faz de Amaro e Aleixo, personagens de *Bom-Crioulo*: “Na versão brasileira, se o homossexual não pode ser feliz, ao menos ele pode existir”. Construir-se a si a partir de sua corporeidade, de sua orientação não heterossexual, como falava Alain Touraine (2013) sobre a emancipação das mulheres através do corpo e do sexo. À medida que circula pelos espaços vigilantes; que enfrenta os percalços da vida e encontra formas mínimas de sobreviver, tudo isso o ajuda a emancipar-se enquanto sujeito de si, do seu corpo. Leiamos o trecho que segue:

Afirmar que não iria escrever mais merda de carta nenhuma, que isso não serve para nada; remexer o passado só faz tudo piorar, só machuca, é um dedo enorme e sádico cutucando uma ferida, impedindo de cicatrizar. O que passou, passou! Não é isso que ela deveria me dizer?! Afinal, se ela se importasse comigo deveria se preocupar com o que vem pela frente e não com o que ficou para trás! (JULLIAN, 2020, p. 54)

Nele, o processo de emancipação corporal – que significa, em nossa leitura, uma emancipação de si, uma autoafirmação do sujeito que se encara e vive como um corpo negro e gay de modo consciente e sem medo – tem início quando admite para si a desimportância que seria parar de escrever cartas memorialísticas para o seu ex, modo encontrado de refletir sobre os relacionamentos conturbados das pessoas que se envolvem com outros do mesmo sexo e que ainda não se encontravam preparadas para a explosão de emoções e sentimentos descarrilados pelas experiências vividas. Admitir não escrever, no momento epifânico que teve, seria a melhor atitude a tomar e isso faz do protagonista um sujeito que encontra o seu ponto de equilíbrio para encontrar as felicidades no seu dia a dia.

A escrita de primeira pessoa, no gênero epistolar, retomando toda uma trajetória afetiva e amorosa parece ser um caminho doloroso para quem saiu de uma relação de casal. Ao mesmo tempo, pode ser uma experiência benéfica na medida em que o sujeito escrevente desenvolve modos catárticos de superar a dor da separação quando o afeto ainda parece vivo na carne. Soa também como modo de amadurecimento ao reviver cenas passadas para, depois, numa fase de maturidade de consciência, descartá-las ou desprovê-las de sentido para quem escreve, pelo muito aprendido na rememoração. O remetente das cartas conclui que o ir ao passado já é fato superado: passa para outra fase, aquela que exige um aprendizado pela experiência. A experiência passada foi a da dor, da separação, do sofrer preconceito e discriminação por ser gay e negro. Agora é hora de avançar com o corpo liberto dessas amarras, como diz a fala do protagonista, deixada para trás aquilo que é conjugado no passado.

O protagonista, depois de passar por todo um processo de dor, afirma-se como homem negro e gay que não especula mais sobre o ser ou não aceito ou bem-visto pelos outros. Caminha espontaneamente apenas como corpo negro e gay, vivendo as experiências a dois já liberto de medos e pesadelos que o atormentaram no passado.

E não tem sido por falta de tentativa. Assim que a gente terminou eu baixei todos aqueles aplicativos de pegação, onde homens buscando por sexo casual aparecem na tela do celular tal como um cardápio de restaurante. Naquele mesmo dia à noite eu fui para um motel com o ‘ativo 33 anos’. Na semana seguinte, um ménage com o ‘casal liberal’. Dois dias depois, um boquete no carro do ‘sigilo 20 cm’. Eu não queria parar porque parar significaria dar atenção para a falta que você faz, parar seria me permitir sentir. Então o que eu fiz foi preencher o vazio. (JULLIAN, 2020, p. 35)

Observemos que o caminho tomado pelo protagonista, logo após a separação, foi o de preencher o vazio em que estava como forma de esquecer o outro, lembrar-se de si, de que estava vivo, de que era possível ser feliz sendo negro e gay sem a pecha do preconceito, sem o ranço homofóbico. Apostar em relacionamentos sem âncoras não foi de um todo negativo,

porque proporcionou ao narrador a experiência para o seu amadurecimento enquanto pessoa. Mas as atitudes tomadas pelo protagonista como forma de esquecer o sujeito de quem gostava proporcionou a ele uma reflexão de que o caminho tomado, por mais prazeroso que pudesse ser, estava equivocado em suas bases. Serviu para um sentimento de autoafirmação, de que é possível encontrar corpos sem a sombra do preconceito, disponíveis para o encontro a dois unicamente pelo desejo do outro.

A busca por outros relacionamentos efêmeros cuja dinâmica se dá unicamente do ponto de vista do prazer imediato parece ser uma estratégia usada por diversas pessoas em sociedades como a brasileira. Uma expressão comum após o término de um relacionamento é a ideia de seguir em frente e não ficar preso ao passado, quer dizer, ficar parado e sofrendo seria masoquismo exagerado. Uma saída encontrada para evitar torrentes de sofrimento, de reflexão negativa e de diminuição da pessoa é ir em busca dos prazeres como fórmula de escape. O narrador, por estar discursando numa perspectiva um tanto real, verossímil, assemelha-se, em comportamento, a esses sujeitos que assim direcionam suas vidas para o campo dos prazeres sem a máscara efetiva do sentimento, do afeto. Apesar de resultar em uma tendência que não supre a ausência que o outro de quem se gosta faz, de alguma forma é um modo imperativo de sair da autodepreciação, da autonegação ou da autossabotagem.

No caso do narrador em foco, ele orienta seus passos e pensamentos para a aquisição de um movimento que transforme a sua dor em liberdade, isso porque estava meio intimidado enquanto sujeito de si por causa dos preconceitos que rondavam o relacionamento dele com o ex. O término parece ter sido o estopim para que o protagonista desse uma guinada em sua vida e partisse para um processo de autoconhecimento e libertação do que soava como negativo em sua vida e para si, considerando a cor da pele e a orientação sexual. O corpo negro, agora, passeia livremente pelos recantos sociais com a liberdade que antes era apenas sonhada. Os tropeços com as pessoas negacionistas foram deixados de lado, ao assumir a postura de quem se ama, de quem se enxerga e valoriza o si mesmo, independente da relação a ser estabelecida com os outros. O que entra nesse processo de transformação do narrador protagonista é o fato de ter havido um avanço no campo da imagem que ele constrói de si: uma imagem afirmativa, longe dos estratagemas de depreciação, inferiorização e envergonhamento do outro.

Ao longo desse romance epistolar, é visto como a dicção política (política racial e de sexual) é bastante presente como um modo de refletir sobre aspectos importantes e ainda não pacificados no contexto de Brasil. A literatura, por esta perspectiva, avança em discussão porque não promove unicamente a leitura de deleite, a leitura com aspecto de letramento. O que entra em jogo, por assim dizer, é o modo como o autor-narrador intenta produzir um

discurso de verdade sobre o que pensam as pessoas não negras e heterossexuais sobre as pessoas negras e não heterossexuais. O centramento da discussão nesse aspecto caracteriza aquilo que estudiosos como Silva (2012) e Veiga (2018) chamam de literatura gay e seus modos de representação fora da caixinha, respectivamente.

Na perspectiva do primeiro, textos como o de Juan Jullian adentram ao universo da literatura gay ou de temática homoerótica porque se preocupa em traçar um perfil narrativo e literário de personagens unilateralmente gays para que elas, as personagens, evoluam nas narrativas defendendo seus pontos de vistas, enfrentando ideologias contrárias ao seu modo de existir no mundo. Quando um texto de ficção envereda por esse caminho, segundo Silva (2012), estamos diante de uma literatura gay que encarna a defesa de minorias, principalmente de minorias que ainda não tem lugares e tratamento iguais nas instâncias sociais, apesar de haver leis e órgãos governamentais que fiscalizam e, em alguns momentos, punem a transgressão do convencionado.

Já o segundo, em acordo com toda uma tradição da denúncia e reflexão sobre a ausência de protagonistas negros e gays na literatura e sobre a negrura sofrer com o modelo de beleza aceitável centrar-se unicamente no perfil branco cis-heteronormativo, acirra uma discussão que eleva o romance de Juan Jullian a um patamar de valor político, como é possível observar através dos Estudos Culturais. Veiga (2018) coloca em xeque vários aspectos da política brasileira que minoriza as pessoas pretas e homossexuais, fato que converge para o trecho que segue, do romance em estudo:

Sua visão é completamente distorcida pelos seus preconceitos, de forma que você não é sequer capaz de ver que, na verdade, é só mais um biscoiteiro esquerdomacho disfarçado de ativista. ATIVISTA DE TELÃO, ISSO, SIM. Do que adianta fazer a Taylor Swift e ir toda segunda-feira em hospital visitar crianças com aquela ONG se não perde a oportunidade de fazer um comentário gordofóbico e machista sobre a sua amiga? Sua própria amiga! De que adianta falar sobre direitos LGBTQ+, passar seus dias enfiado no coletivo de uma faculdade que você nem frequenta mais e pegar minha mão no shopping como um “ato político”, quando depois de cada briga você deixava subentendido que era bonito demais pra mim? Que as pessoas estranhavam a gente como casal, já que você era quase uma versão brasileira do Jake Gyllenhall? (JULLIAN, 2020, p. 13-14)

O trecho é bastante emblemático desse tipo de tomada de consciência da pessoa que sofre os estigmas sociais imputados a ela. O protagonista, enraivecido, cria uma narrativa um tanto rancorosa sobre o seu ex. Mas o rancor sendo dispensado, percebemos que, conforme Veiga (2018), houve para ele, o protagonista-autor, uma dificuldade em se relacionar “linearmente” com o seu ex porque era negro e gay, fato aceitado pelo ex, pelo que narra, unicamente em momentos que atendessem a demanda do seu parceiro, sendo considerado

sujeito de baixa categoria para circular livremente pela economia dos desejos. Sua imagem era como se não despertasse o desejo nos outros, mas a repulsa. No trecho citado, a confissão do narrador parece causar estranhamento a quem lê: ele só poder ser enxergado pelo namorado nos lugares privados, às escondidas, porque ser negro e gay não era uma condição confortável para o namorado branco, boçal e preconceituoso.

Implicitamente, o narrador-personagem é colocado em uma posição de constante vigilância, como diria Foucault (2004), sendo passível de punição por transitar ou desejar um tratamento igual ao dado às pessoas brancas. O namorado, por assim dizer, o punia, dentro desse processo de vigilância. Como o ex fazia o jogo do grupo e da parte social hegemônica, manter o narrador nos ambientes sombreados, não iluminados, privados é um modo de não o assumir publicamente, de não o assumir para o casal. O corpo negro gay, nesse sentido, é interpretado tanto como matéria como também cultura: o corpo do narrador é objetificado<sup>33</sup> no atrito corporal desejado pelo ex, ao mesmo tempo que é interpretado como indigno de pertencer ao corpo social mais amplo e do qual o ex fazia parte.

Se o corpo como matéria natural (MEDINA, 1994) é interpretado nos estratos culturais com valores que tendem para o afirmativo ou o não afirmativo, como assim observa um dos estudiosos dos Estudos Culturais (CASTILHO, 2004), ele hoje é reinterpretado à luz de diversos segmentos apoiadores da lógica que vê o universo plural e diverso como baliza para as políticas públicas e culturais que devem se unir para somarem práticas ativistas em favor dos que ainda lutam com todas as garras para garantirem sua existência, visibilidade e tratamento igual. Isso tudo mantendo-se as diferenças, como já apontaram Miskolci (2006) e Louro (2004). Partindo do trecho abaixo, é possível refletir sobre o tema proposto pelo título deste tópico.

O mundo era meu. O mundo era só meu. Meu para fazer o que quiser. Meu para que eu desse o rumo que eu bem entendia para a minha vida, para a minha história. Foda-se Kalil. Foda-se você. Ali estava eu, sozinho, em uma bicicleta, na madrugada da cidade mais mágica do mundo inteiro, capaz de tomar a rota que eu quisesse, parar e seguir na hora que eu bem entendesse. (JULLIAN, 2020, p. 158)

O processo de emancipação, libertação de amarras anteriores e dolorosas parece chegar ao fim, com o anúncio, pelo narrador, da quebra das cadeias. A voz protagonista assume para si um modo empoderado de falar que o satisfaz, que faz bem. Mesmo com a dicção rancorosa,

---

<sup>33</sup> Objetificar é o processo de tratar uma pessoa ou grupo de pessoas como objetos, em vez de como seres humanos com sentimentos, pensamentos e desejos próprios. Isso envolve desumanizar as pessoas e vê-las como coisas, com as quais é possível realizar ações sem se preocupar com suas necessidades ou desejos. A objetificação é prejudicial porque desumaniza as pessoas e as torna mais vulneráveis a abusos e opressões. Além disso, perpetua estereótipos negativos e discriminatórios sobre grupos sociais marginais, e pode afetar negativamente a autoestima e a autoimagem dessas pessoas.

com o uso do “foda-se”, é sentido em seu discurso uma tranquila paz que denuncia um amadurecimento quanto às questões que levantou. Acertara em admitir que era o dono do mundo, uma vez que, metaforicamente, algumas pessoas acreditam que têm o poder de se libertar de situações que as mantêm presas em diferentes áreas da vida, afirmando que são capazes de alcançar o que desejam. E isso ele faz, mesmo sem ter a garantia de que pode o que quer, ou que pode ser fácil ser o que quiser. Todavia, estabelecer rotas para o seu caminhar, isso, sim, ele poderia fazer.

A seguir, será discutido sobre a busca do protagonista em afirmar a sua identidade e o seu reconhecimento como um homem negro e gay, pontuando-se a solidão enfrentada pelo narrador. Também será observado como a memória se relaciona com o luto, a melancolia e o desejo, temas presentes na obra que conduzem o protagonista a uma valorização de si próprio e de sua identidade.

#### 4. NEGRO-GAY: DA SOLIDÃO À VISIBILIDADE EM QUERIDO EX

No capítulo anterior, Juan Jullian (2020) representou, de forma crível, um protagonista negro e gay, colocando-o no centro de uma narrativa que aborda diversos momentos problemáticos e que são, por vezes, situações vividas por negros e/ou gays, como, por exemplo, o racismo e a homofobia. No entanto, ao utilizar o conceito foucaultiano de produtividade, é possível observar como este corpo se torna um corpo emancipado, superando as mais diversas mazelas que a sociedade lhe impõe. Neste capítulo, discorro sobre como o corpo negro-gay do narrador do romance superou o abandono e buscou a afirmação de sua identidade. Para isso, será necessário abordar a solidão negra e gay, pontos de partida para a interpretação do narrador acerca do reconhecimento de si próprio. Além disso, serão discutidos outros temas presentes no romance, como a memória, o luto, a melancolia e o desejo, temas estes que são norteadores para a construção da valorização e da visibilidade de sua narrativa.

##### 4.1 Corpo solitário: em busca de afirmação da identidade negra-gay em *Querido Ex*

O corpo e a identidade dos indivíduos negros e gays configuram em desacordo com a brancura e a cis heteronormatividade da sociedade contemporânea que segue intolerante às diferenças. Sobretudo, de uma parcela da população, que invisibiliza os sujeitos que fogem de um padrão imposto pelos mais variados meios midiáticos, a exemplo da TV e *Internet*. Medina (1994, p. 82, grifo do autor), por exemplo, discute que “[...] nosso corpo vai sendo modelado por regras socioeconômicas domesticadoras, sufocantes, opressoras, repressoras, ‘educativas’: as *courças musculares* vão surgindo, segundo as características socialmente impostas às pessoas”.

Considerando essa afirmação, pode-se compreender que o abandono sofrido pelo narrador do romance *Querido Ex* (2020) por seu parceiro não é apenas decorrente do caráter individual de seu ex-namorado, mas sim de um histórico de negação invisibilidade de corpos negros, que é intensificado no caso do narrador por ele também ser gay. Fica evidente que o companheiro do protagonista, possivelmente impulsionado pelo racismo estrutural ou por suas próprias atitudes racistas, influencia na forma como o narrador se comporta diante dos outros, levando-o a desejar mudanças em seu corpo como forma de se encaixar no círculo social do namorado branco.

A narrativa em questão não tem como objetivo central discutir a solidão e o lugar do homem negro-gay na sociedade. Entretanto, é possível realizar reflexões a respeito do



protagonista sob essa ótica. Embora a proposta inicial do romance seja simplista, com um jovem negro-gay enfrentando um término de relacionamento através da escrita de cartas, a obra apresenta um personagem que, além de lidar com as dificuldades comuns de alguém de sua idade, sofre com questões estigmatizadas pela sociedade, que somente um indivíduo como ele, negro e gay, poderia vivenciar e relatar.

A partir da leitura do romance, é possível observar que o protagonista é retratado em um estado de solidão, mesmo que outros personagens tentem ajudá-lo. O narrador, por vezes, volta voluntariamente a esse estado, o que pode ser interpretado como uma validação do seu sofrimento ao estar sozinho. No entanto, na sua narrativa, ele é capaz de contar com outros personagens para auxiliá-lo na superação de seus conflitos e dor. Isso corrobora o fato de que “[...] aspectos da solidão negra estão diretamente vinculados à história da diáspora negra e à construção de uma identidade étnica individual e grupal [...]” (SOUZA, 2008, p. 60).

Veiga (2018, p. 84) aponta que “com a autoestima enfraquecida, a bixa preta tenta lidar com a solidão e com o desejo de ser amada, ainda que por vezes creia, inconscientemente, que não merece receber amor”. Esta afirmação é notada durante boa parte da narrativa do romance em estudo, já que fica evidente como o narrador é posto neste local de solidão. Um dos momentos que evidenciam a solidão do protagonista é em seu relato sobre o dia dos namorados, em que ele já tinha certa dificuldade em pensar na data, tendo em vista que não teria a companhia do seu amado. E pontua: “Eu estaria só, e a solidão em uma data que demanda companhia é apavorante” (JULLIAN, 2020, p. 84).

É perceptível que o protagonista do romance sabe que socialmente ele está sujeito a ser deixado em uma posição em que não há um pertencimento, já que, muitas vezes, sujeitos como ele são excluídos ou marginalizados em ambos os grupos que deveriam apoiá-los, o que pode levar a uma sensação de não pertencimento, um não lugar do homem negro-gay, de sua identidade, neste caso, de si mesmo. Isto porque, ao acessar suas memórias, o narrador entende que é posto neste local de solidão até mesmo quando está acompanhado. E é notório quando se lê o trecho que segue:

Naquela mesa, no canto ao seu lado, enquanto você dedicava uma animação forçada para falar com seus amigos, *eu estava sozinho*. Depois de todo o meu esforço para fazer comentários sobre os filmes que vocês citavam, dar palpites clichês sobre a situação política do país e sempre tentar rir das piadas para me sentir parte do seu dia, parte da sua vida, eu desisti. (JULLIAN, 2020, p. 79, grifo nosso)

Diante do reconhecimento de que sua identidade o coloca em uma posição de não pertencimento, o protagonista do romance persiste em manter um relacionamento que

inevitavelmente fracassará. Isso ocorre porque ele compreende que a narrativa dos homens negros-gays frequentemente se desenvolve a partir de uma posição marginalizada de solidão e abandono. Para Veiga (2018), um homem negro-gay possui dificuldade nas relações amorosas por conta do seu amor-próprio. Já que ao sentir que não tem um lugar ou não pertencimento, o indivíduo vive com a sensação de rejeição. E o protagonista sabe dos riscos em engatar uma nova relação amorosa, é possível observar quando ele é convidado para sair com Kalil. Durante o encontro, o narrador, talvez por conta do histórico de *bullying* que sofrera na época da escola, questiona Kalil para entender o porquê de ele ter marcado um encontro entre eles ou se a intenção era praticar mais *bullying*.

Você não falou nada, mas olha pra mim! Na moral, tô esperando algum dos seus amigos aparecerem aqui pra me jogar sangue de porco. Na real, isso seria ótimo, porque eu poderia me fazer de coitado e tentar virar uma subcelebridade, quem sabe um youtuber. Mas só corta esse papinho e pula pra parte em que [...] (JULLIAN, 2020, p. 72)

Neste momento, na narrativa, é possível identificar que o narrador, por conta de sua baixa autoestima, tem um embate consigo mesmo, porque para ele um rapaz como Kalil, forte, belo e atraente, jamais poderia sentir algo por alguém como ele, ou seja, o protagonista do romance já tão caído por viver em uma sociedade adoecida e preconceituosa, acredita que não pode ser fruto de desejo e admiração de uma pessoa branca, porque ele não se sente “bom o suficiente”, entrando em um processo quase de autossabotagem. Essa baixa autoestima de homens negros-gays é um problema complexo e profundo que está enraizado na intersecção de diversas formas de opressão e discriminação. Esses homens enfrentam uma dupla marginalização por serem negros e gays.

O narrador consegue enxergar, por exemplo, a beleza de Daniel, o rapaz que lhe ajudara quando pensou ter contraído HIV, descrevendo-o como um “[...] rapaz negro, forte e com um sorriso claro [...]” (JULLIAN, 2020, p. 110). Mas o protagonista da obra, também sendo negro, não consegue se reconhecer belo, por conta dos comentários de seu ex-namorado. Por isso, faz-se necessário a discussão em relação ao empoderamento de homens negros-gays, para se criar a interpretação de sua importância e valorização de sua cor e de sua orientação sexual, fugindo dos estigmas mantidos pelos próprios sujeitos em processo de sabotagem e depreciação de si.

Isso ocorre porque uma parcela da sociedade, quando observa estes indivíduos fora das páginas dos livros, não consegue, no mais das vezes, admirá-los, devido a fatores históricos e a poucas políticas públicas voltadas para a valorização das minorias. Faustino (2014, p. 06) afirma que “[...] dificilmente, quando queremos eleger atributos positivos aos negros ou aos

africanos, conseguimos ultrapassar essas prerrogativas racializadas criadas pela sociedade colonial”. Mesmo sendo um sujeito pouco valorizado na sociedade, o indivíduo negro-gay tem seus corpos separados uns dos outros, já que alguns têm mais “prestígio” na sociedade, devido a existência de uma hipersexualização dos seus corpos, algo que acompanha a sociedade contemporânea desde o período escravocrata, excluindo-se os corpos de negros-gays gordos, afeminados, deficientes e aqueles outros que são postos mais à margem por homens que não têm interesse em manter uma relação afetiva.

Outro fator importante a ser observado é que a sociedade criou ao longo de muitos séculos um hipervalorização da beleza branca. Essa hipervalorização culminou na ideia de que os indivíduos que não são brancos não são possuidores de beleza, mesmo havendo uma erotização do corpo negro<sup>34</sup>, assim, pode ser compreendido que o protagonista do romance de Juan Jullian, tem a sua baixa autoestima em decorrência destas crenças arcaicas, mas que se fazem presentes na contemporaneidade.

As imagens relacionadas à beleza estão predominantemente ligadas à branquidão. Dos deuses gregos às passarelas de moda, incluindo a publicidade, o cinema e a televisão, o branco ocupa o protagonismo da beleza e do ideal de consumo para o amor romântico. Crescer numa sociedade em que a beleza está no outro, e as marcas que o constituem física e historicamente são preteridas, tem um efeito subjetivo dilacerante sobre a constituição do senso de valor próprio, da autoestima. (VEIGA, 2018, p. 83)

Essa hipervalorização da beleza branca é uma questão séria e persistente que está profundamente enraizada na história e na cultura de muitas sociedades ao redor do mundo. A idealização da beleza branca tem sido usada como uma ferramenta de opressão e supremacia branca, perpetuando a desigualdade e a discriminação contra pessoas que não se encaixam neste padrão. Esta hipervalorização da beleza branca é reforçada pela mídia, publicidade e entretenimento, que frequentemente apresentam padrões de beleza baseados em atributos físicos associados às pessoas brancas, como pele clara, cabelo liso e estrutura óssea menor. Além disso, a indústria de beleza e cuidados pessoais também perpetua esta ideologia,

---

<sup>34</sup> A erotização do corpo negro é uma forma de racismo sexual que envolve a sexualização e a objetificação dos corpos negros, especialmente dos corpos de mulheres negras. Isso pode ser refletido em representações de mídia, na indústria do entretenimento e nas relações interpessoais. A erotização do corpo negro é uma forma de perpetuação da opressão histórica dos negros, incluindo o escravagismo e a discriminação sistêmica. As mulheres negras, especialmente, são frequentemente retratadas como sexualmente ativas e disponíveis, enquanto os homens negros são frequentemente estereotipados como sexualmente violentos e perigosos. Essas representações são prejudiciais e têm consequências negativas para a saúde e bem-estar dos negros, incluindo aumento da autoestima e da autoimagem negativa. Além disso, a erotização do corpo negro pode contribuir para o aumento da violência sexual e outros tipos de abuso contra pessoas negras.

oferecendo produtos e tratamentos que visam corrigir ou camuflar características físicas associadas a outras raças.

A hipervalorização da beleza branca tem implicações graves e amplas na saúde mental, autoestima e bem-estar de pessoas de diferentes raças e etnias, especialmente para os jovens, que são frequentemente expostos a estereótipos de beleza excludentes e opressivos. Além disso, a perpetuação desta cultura de beleza prejudica a promoção da diversidade, da equidade e da inclusão em nível social e cultural. Não estar dentro de um conjunto de fatores hegemonicamente favoráveis às pessoas pode causar efeitos colaterais como a solidão, a rejeição de si, a autodepreciação.

Este processo de não-aceitação da própria imagem e de sua própria identidade ainda é fruto de uma parcela da sociedade que nega o corpo de negros, gays ou de qualquer outro sujeito que não seja branco, cis-hétero e de classes mais privilegiadas. Introjeta-se, dessa forma, ideias nas mentes das pessoas negras e gays que elas não são aceitas, por não pertencerem aos grupos étnicos e de gênero padrão nas sociedades. Fortalece-se, dessa forma, políticas contrárias à construção de si de sujeitos autônomos, empoderados, cidadãos. Kabengele Munanga (2010, p. 02) afirma que “[...] todos os problemas da sociedade são sociais, inclusive os preconceitos e discriminações raciais que constituem apenas uma das modalidades do social”.

Durante o processo de análise da obra, foi possível constatar que o narrador do romance buscava relacionamentos com homens brancos, tendo em vista que o único personagem descrito como negro foi o amigo Daniel. É curioso notar que o único homem negro que demonstra interesse pelo narrador é rejeitado. Dessa forma, diversas questões podem ser levantadas, tais como o fato de o personagem ser portador de HIV ou o fato de o narrador ainda estar envolvido com o antagonista da trama. Essa problemática torna-se ainda mais evidente quando o narrador reconhece sua atração por homens com perfis questionáveis.

Era como se todos os meses tentando me livrar de você e da necessidade de me modelar para que alguém gostasse de mim tinham ido para o ralo. [...] na primeira oportunidade de encontrar com alguém que, de fato, eu pudesse me interessar romanticamente, eu jogava tudo pro alto, na ânsia de parecer perfeito para um homem?! E não era qualquer homem. Sendo mais específico, era o homem que havia me tratado como lixo humano por anos e cujo convite não indicava, pelo menos não explicitamente, nenhuma investida de cunho sexual ou romântico. *Aparentemente tenho um padrão e estava, mais uma vez, repetindo os mesmos erros.* (JULLIAN, 2020, p. 70-71, grifo nosso)

Fato é que o protagonista tinha conhecimento, como mostra ao longo do romance, acerca de métodos eficazes de prevenção de ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e que Daniel tinha uma carga viral indetectável, o que pode permitir descartar um dos

questionamentos levantados anteriormente. Mesmo ele traçando vários elogios a Daniel e já tendo traído o namorado com outro homem, negou-se a viver algo diferente com um indivíduo que como ele, sabe o que é ser negro e gay em uma sociedade racista e homofóbica. Claro que todos os indivíduos apresentam suas particularidades, atraindo-se geralmente por pessoas que seguem um mesmo perfil. Mas se a relação com o seu namorado não lhe fazia bem, uma possível solução era terminar e conhecer com mais entusiasmo o personagem Daniel, podendo assim ter nascido uma relação mais harmoniosa e aberta as diferenças.

Contudo, essa partida em busca de relacionamento, que certamente pode ser tão conturbado quanto o anterior, é cominado em decorrência de uma tentativa frustrada de sanar a solidão, é uma forma na contemporaneidade de afagar as tristezas de um término, tendo em vista a facilidade em obter encontros na internet através de aplicativos de namoro. Para Zygmunt Bauman (2004) a busca de relacionamento é uma expectativa de aliviar a insegurança, fruto da solidão. Esta insegurança mencionada por Bauman é encontrável na narrativa do romance *Querido Ex*, (2020), porque em diversos momentos o protagonista transparece essa sensação, seja ainda enquanto casal ou em busca de uma nova relação.

Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantias de segurança e solução de seus problemas, eles parecem um jogo de cara-ou-coroa. A solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade. (BAUMAN, 2004, online)

Não é apropriado afirmar que todos os homens gays buscam constantemente novos parceiros, como sugerido pelo narrador do romance analisado. Esse tipo de representação pode reforçar o estereótipo discriminatório de que pessoas gays são promíscuas, algo amplamente difundido na sociedade. A orientação sexual de uma pessoa não determina sua promiscuidade e generalizar um grupo inteiro com base em sua orientação sexual é inadequado e preconceituoso. Contudo, se um indivíduo optar por manter relações com vários parceiros, isso deveria ser normalizado e deixar de ser um tabu social.

No romance em análise, o narrador começa a obra contextualizando o início do relacionamento com o antagonista, período muito conturbado por sinal, já que o protagonista estava em outro relacionamento, traído o seu companheiro com aquele que ele chama de querido ex, que viria ser o grande vilão de sua narrativa.

Você não me viu pegando um ônibus que não me levaria pra casa. Não me viu aparecendo com ombros erguidos, sem nenhum aviso, na porta daquele que veio antes de você. Você não me viu finalmente cortando a teia em que eu me enfiei com ele

(sem saber que, quase dois anos depois, iria me emaranhar em outra teia bem similar).  
(JULLIAN, 2020, p. 20)

O romance analisado apresenta um protagonista que, ao longo de sua narrativa, busca estabelecer relacionamentos amorosos, sejam eles duradouros ou casuais. Isso me leva a refletir que, assim como em qualquer outra comunidade, existem diferentes comportamentos, atitudes e desejos quando se trata de relacionamentos amorosos na comunidade gay. Enquanto alguns homens gays estão sempre em busca de novas conexões, outros estão satisfeitos com seus relacionamentos atuais ou optam por permanecer solteiros. É essencial respeitar as escolhas e as preferências de cada indivíduo e não estereotipar ou generalizar uma comunidade inteira, pois a diversidade é uma característica valiosa da humanidade e deve ser celebrada em todas as suas formas.

No entanto, é possível notar que o narrador da obra parece ter dificuldade em se desvincular rapidamente de seus companheiros, devido à sua intensidade e tendência a se apaixonar facilmente. Esse comportamento pode ser problemático, como observado pelo próprio narrador em sua história. Dessa forma, seria benéfico para sua saúde emocional e bem-estar que houvesse um período de tempo maior entre um relacionamento e outro, permitindo que ele possa processar suas emoções antes de buscar novas conexões, algo visto no trecho a seguir:

Eu deveria ter respeitado meu tempo. Deveria ter crescido antes de engatinhar até você. Deveria ter encarado o meu luto, curado minhas feridas e enfrentado os meus demônios antes de desbravar um novo amor. E também antes de afogá-lo com esse mar de questões que ainda não tinham sido resolvidas, que ainda não foram resolvidas, dentro de mim. (JULLIAN, 2020, p. 21)

Uma outra questão que pode ser considerada problemática na narrativa é a forma como o narrador se descreve ao longo da obra. Apesar de ser um homem adulto, ele se refere a si mesmo como um menino em vários momentos. Essa autopercepção pode ser interpretada como uma forma de justificar comportamentos vistos como imaturos ou inadequados, tanto por ele como por outras pessoas. Essa atitude pode levar a um tratamento infantilizante, como ser desconsiderado em suas opiniões, ser tratado com condescendência ou ser excluído de decisões importantes. Essa situação reflete estereótipos de gênero e expectativas sociais sobre o que é considerado um comportamento masculino adequado. É importante notar que a forma como o narrador se autodescreve pode ter implicações nas suas relações interpessoais e na forma como é visto pela sociedade.

Bem, de nada adianta lamentar ou imaginar como teria sido nossa história se eu tivesse feito as coisas de maneira diferente. [...] e também não tenho que exigir nada do menino que eu era há quase dois anos. Aquele menino que, depois do primeiro beijo, pensava em você no ônibus, na faculdade, em casa, na psicóloga, nas sociais de Game of Thrones... O menino que precisava te ver de novo e de novo. Meus dias eram resumidos em ansiar pelo verão que sua presença trazia para mim. (JULLIAN, 2020, p. 21)

Ao ler as cartas presentes no romance, é perceptível que o protagonista apresenta sinais de adoecimento mental. São diversas as questões que ele precisa lidar e compreender, o que pode ser uma tarefa difícil para uma mente jovem e marcada por experiências sociais dolorosas. O subtítulo da obra revela com clareza a condição do narrador, ao mencionar *que acabou com a minha saúde mental, ficou milionário e virou uma subcelebridade*. A expressão "acabou com a minha saúde mental" sugere que o protagonista passou por inúmeras dificuldades, algo que é confirmado ao longo da narrativa, que trata de temas como o término de relacionamentos e outras questões com sinceridade e autenticidade.

Todas estas questões de cunho racial e sexual, além do término do relacionamento, refletem no psicológico do protagonista, que recorre aos tratamentos de sua psicóloga e de um psiquiatra. Entendo, através da psicanálise (o campo científico que investiga a mente humana, sobretudo o inconsciente, levando em consideração, dentre vários aspectos os sentimentos, os pensamentos e as emoções do indivíduo), como um jovem rapaz negro e gay precisa lidar com as particularidades que a sociedade inflige em suas vivências.

Vale ressaltar que durante a obra, muitas cartas narram questões que afetam o psíquico do protagonista. Observando a relação do narrador do romance com as suas vivências e com a sua mente, o indivíduo passou a ter problemas que afetaram a sua saúde mental, já que os seus desejos estavam sendo reprimidos em seu inconsciente, a exemplo da superação do término, que certamente era um desejo, ou ainda, uma conciliação enquanto casal.

Freud (1923; 2011, p. 13) ainda explica que “o reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente. Mas é visto que as pessoas possuem dois tipos de inconsciente: o que é latente, mas capaz de consciência, e o reprimido, que em si e sem dificuldades não é capaz de consciência”. Pode ser entendido que o protagonista do romance tem uma repressão latente, pois ao manifestar os seus desejos, parte em busca de saciá-los, como por exemplo, a traição que ele comete ainda enquanto namorava. Ora, o narrador já não se sentia completo como casal, o desejo em saciar seus desejos sexuais, mas o peso em sua consciência fez com que ele tivesse pesadelos relacionados com o ato de trair.

Eu andava por uma rua em um parque tão ensolarado que fazia arder meus olhos. Casais com os rostos borrados caminhavam despreocupadamente por toda a minha volta, eu ouvia suas vozes, mas não entendia suas palavras. Ao meu lado, segurando minhas mãos, havia alguém. Um homem com a face disforme, sem rosto, assim como todos os outros ao meu redor. (JULLIAN, 2020, p. 118)

O narrador descreve, em um dos capítulos, mais um de seus pesadelos. Nele, é possível observar que um homem, que ele não consegue identificar, o leva para um quarto mofado que só tem um colchão sujo, e lá consegue praticar atos sexuais sem o seu consentimento. “O cérebro ordenava o movimento, mas o corpo ignorava. Eu continuava imóvel no colchão bolorento enquanto ele penetrava, brutal e desajeitadamente, minha carne” (JULLIAN, 2020, p. 119). O protagonista consegue, ao final do sonho, identificar que o seu agressor é seu “ficante” atual, Kalil. Mas a imagem dele se mistura com a imagem de Daniel. Ou seja, pode-se observar que ao mesmo tempo que o narrador queria algo novo com Kalil, não conseguia se desligar do fato de seu amigo Daniel ter morrido, e que este queria se relacionar com ele.

Na obra *Interpretação dos sonhos*, Freud (2018, online) explica que “Todo o material que compõe o conteúdo de um sonho é derivado, de algum modo, da experiência, ou seja, foi reproduzido ou lembrado no sonho [...]”. Por exemplo, o protagonista narra alguns sonhos que tivera ao longo do processo de superação. Além disso, Freud acreditava que os sonhos são uma expressão dos desejos inconscientes da mente. Ele argumenta, por exemplo, que os sonhos são uma forma da mente subconsciente processar e resolver conflitos emocionais, desejos reprimidos e traumas. De acordo com o pai da psicanálise, os elementos simbólicos dos sonhos são códigos para o inconsciente e podem ser decifrados através da análise.

Pode-se constatar que o protagonista do romance não foi capaz de superar seus sentimentos por seu ex-parceiro antes de iniciar um novo relacionamento, apesar de saber que essa atitude não era eticamente correta, utilizando outra pessoa como uma "válvula de escape". Sua busca por validação através de outros indivíduos o levou a um ciclo interminável de relacionamentos que o deixavam inseguro em relação a si mesmo e ao que estava sendo construído.

Você fodeu com a minha cabeça, querido ex. estou completamente apavorado com a perspectiva de esse mesmo comportamento fazer parte da personalidade de Kalil. Estou apavorado com a perspectiva de passar o resto da minha vida nas mãos de homens que vão usar minha abalada autoestima e saúde mental para a manutenção do próprio ego, como você fez por mais de um ano. Mas, sobretudo, estou morrendo de medo de finalmente perceber que na vida de pessoas como eu não há nada de cinematográfico. (JULLIAN, 2020, p. 133)

Esse medo e insegurança podem surgir em qualquer relação amorosa e são comuns, mas em uma relação entre dois homens, sendo que um deles já é inseguro por conta de sua cor, estes



sentimentos são potencializados. O medo pode estar relacionado a vários aspectos, como é possível observar: o narrador tem medo de ser rejeitado, medo de perder a pessoa amada (que, de acordo com o último trecho, se trata de Kalil), medo de não ser correspondido, entre outros. A insegurança pode vir de questões como baixa autoestima e experiências passadas de relacionamentos fracassados.

Esse medo e insegurança podem afetar negativamente a relação, criando barreiras e obstáculos na comunicação, intimidade e conexão emocional, algo visto no decorrer do romance, favorecendo o isolamento da pessoa. Posso dizer que o narrador reconhece esses sentimentos e trabalha para superá-los, seja através de autorreflexão, terapia ou comunicação aberta e sincera com o seu parceiro. Por conta de sua vida tumultuada, o narrador precisou recorrer a outras formas de lidar com tudo que estava passando, inclusive em relação aos sonhos constantes, já que o processo de escrita das cartas não estava conseguindo suprir todas as questões que lhe afligiam.

O que mudou foi que agora, como se não bastasse uma psicóloga, eu tenho também um psiquiatra. Uma versão ainda mais velha do Capitão Gancho que me prescreveu uma medicação com nome estranho, na esperança de que com a terapia eu consiga, pelo menos, voltar a ter uma noite inteira de sono. (JULLIAN, 2020, p. 134)

Como observado, o ato de escrever cartas destinadas ao seu ex foi uma medida altamente eficaz que possibilitou ao protagonista mitigar seu sofrimento, aceitar o término do relacionamento, abandonar a amargura, compreender a sua singularidade, emancipar-se enquanto jovem rapaz negro-gay e superar outras adversidades descritas ao longo do texto. Este processo conduziu-o a uma recuperação de sua saúde mental, como evidenciado no desfecho do romance.

Idonézia Collodel Benetti e Walter Ferreira de Oliveira (2016) entendem que a escrita tem um grande poder terapêutico. E refletem sobre como é possível, através da linguagem, traduzir experiências traumáticas, permitindo que se tornem mais visíveis, palpáveis e compreensíveis.

Apesar de ser a escrita utilizada há milênios para explorar e expressar emoções, só recentemente pesquisas têm fornecido evidências de que a saúde pode ser influenciada quando as pessoas transformam seus sentimentos e pensamentos em palavras grafadas. (PENNEBAKER; CHUNG, 2011, apud BENNETTI; OLIVEIRA, 2016, p. 69)

Este processo de escrita se assemelha à escrita de um diário, pois não há julgamentos em relação aos traumas vividos pelos sujeitos. Por isso, no romance previamente analisado, o

protagonista descreve suas inseguranças, traumas e segredos em suas cartas. É possível que ele não conseguisse fazer o mesmo diante de outra pessoa, por medo da exposição e dos julgamentos, conforme mencionado anteriormente.

Lucilene Cardoso e Sueli Aparecida Frari Galera (2010, p. 688) explicam que “[...] o cuidado em saúde mental [é] decorrente de uma intrínseca relação entre os serviços de saúde, seus profissionais, o paciente e sua família, considerando as particularidades de cada contexto cultural, social e econômico”. Essa afirmação pode ser comparada com a busca do narrador do romance por ajuda, tanto profissional como de sua família. Em relação à família, pode ser visto, por exemplo, que sua avó Abigail, nos últimos momentos do romance, teve um poder transformador na sua vida, e assim, através de seus conselhos, ele consegue refletir sobre como sua vida estava limitada às normalidades que ele estabeleceu. Assim, partem pela cidade, aventurando-se juntamente com sua avó. “— Meu filho, cometa os erros que quiser cometer, mas viva. Para de se segurar tanto, de pensar tanto, pare de tanta vergonha. Viva! Se segure na vida o máximo que puder” (JULLIAN, 2020, p. 146).

É partir do conceito de produtividade, defendido por Foucault (1988; 2001), que entendo que quanto mais poder é exercido em relação ao sujeito, mais produtividade será alcançada por ele, gerando mais saber, devido ao processo do poder disciplinar tais indivíduos, e, aqui defendo, a partir do que Foucault diz, que se deve deixar de entender os efeitos do poder apenas de forma negativa, ou seja, pode-se entender o conceito de poder de forma positiva.

Isso me permite pensar de que, a partir deste conceito de produtividade, que não é negativo, é possível observar que o protagonista do romance *Querido Ex*, (2020) vai mudando sua forma de se relacionar com os problemas, já que no decorrer de sua narrativa, o leitor percebe que ele se torna um sujeito que excede as problemáticas do fim do relacionamento, tornando-se um indivíduo emancipado. Isto porque pode ser observado uma evolução de como ele se comportava, enquanto um homem negro e gay, e como ele passou a si enxergar no mundo. A sua vivência com sua avó e toda a experiência adquirida ao longo da diegese romanesca fez com que ele repensasse em suas atitudes e as superassem.

Culler (1999) entende que as obras literárias oferecem variados modelos de perceber como se forma a identidade de um personagem. Seja essencialmente determinada pelo nascimento do personagem, com o decorrer das mudanças em seus destinos ou em suas qualidades pessoais que são mostradas a partir das viravoltas de sua vida. A narrativa, nesse sentido, progride para mostrar mudanças de comportamentos e atitudes do protagonista.

A literatura sempre se preocupou com questões de identidade e as obras literárias esboçam respostas, implícita ou explicitamente, para essas questões. A literatura narrativa especialmente seguiu os destinos dos personagens à medida que eles se definem e são definidos por diversas combinações de seu passado, pelas escolhas que fazem e pelas forças sociais que agem sobre eles. (CULLER, 1999, p. 108)

De acordo com as ideias defendidas por Culler (1999), entende-se que Juan Jullian traçou, por meio de sua escrita, a jornada do narrador em busca de superar o fim do relacionamento, um fator determinante para a compreensão da identidade do personagem. Esse processo resultou na emancipação do narrador, como explicado através do conceito de produtividade foucaultiana. Os capítulos funcionam como espaços e tempos internos de maturação do personagem, permitindo que ele se aventure na ideia de superação de seus conflitos e evolua como sujeito.

É possível discutir o tema da solidão no romance de Jullian, já que o protagonista se vê neste lugar em vários momentos de sua narrativa. Para contextualizar este espaço de solidão do homem gay, em *Solidão e Homoafetividade em Mosaicos Azuis Desejos*, de Antonio de Pádua, Jhonatan Leal da Costa (2014, p. 15, grifos do autor) disserta que “quando se trata de sujeitos homoafetivos, as condições de *ser* ou *estar* sozinho podem ser potencializadas pelo simples fato de eles serem quem são: transgressores das normas sexuais definidas como modelo pela hegemonia social”.

Observo que a solidão é um sentimento universal, que pode ser experimentado por pessoas de todas as idades, gêneros, classes sociais e orientações sexuais, no entanto, aqui destaco os indivíduos que são negros-gays. Em relação à solidão negra, uma realidade enfrentada por muitos membros desta comunidade, ela se refere à sensação de isolamento e exclusão experimentada por esses indivíduos em uma sociedade predominantemente branca e excludente.

A solidão negra pode ser exacerbada por diversos fatores, como a falta de representatividade nos meios de comunicação e espaços públicos, o preconceito racial, a perda de entes queridos para a violência policial e o racismo estrutural. A comunidade LGBTQIAP+ pode enfrentar obstáculos adicionais que contribuem para a solidão, tais como a intolerância e a falta de aceitação social. Na obra *Gênero, Sexualidade e Direito: uma introdução*, a solidão negra-gay é explicada da seguinte maneira:

A solidão do homem negro e gay é individual e também com reflexo na coletividade, pois decorre de uma construção histórica, social, política e econômica. Isso com o peso de ser negro e gay numa sociedade que é predominantemente negra, contudo, é também racista e homofóbica. A solidão é algo imposto pela rejeição do corpo negro para determinadas ações ou lugares, por exemplo, num ato de carinho público, quando

for uma situação segura. A consequência disso é o adoecimento desse corpo e também a sua anulação por meio da adoção de um ideal de branqueamento. (FRANCISCO, 2016, p. 280)

Dessa forma, compreendo que, para homens negros que são gays, a solidão pode ser ainda mais intensa devido ao preconceito e à discriminação que enfrentam em virtude de sua raça e orientação sexual. Uma vez que a homofobia e o racismo continuam sendo problemas recorrentes na sociedade, esses homens acabam se sentindo isolados e rejeitados, mesmo em seus próprios ambientes comunitários. Isso leva a uma sensação de não pertencimento e à ausência de suporte social, o que agrava ainda mais a solidão. Ademais, muitos indivíduos pertencentes a esse grupo podem também se deparar com estereótipos e discriminação dentro da própria comunidade, o que pode resultar em uma falta de conexão e na sensação de não haver um espaço para eles em lugar algum.

Considerando que a discussão em torno da solidão experimentada por homens negros e homens gays é um tema pouco explorado na sociedade, torna-se relevante para o estudo da compreensão da identidade negra-gay, e Jullian (2020) é capaz de abordá-lo de maneira eficaz em sua obra. Por conseguinte, é necessário reconhecer que a literatura desempenha um papel inegável na sociedade. Trata-se de um dos pilares da cultura e possui grande poder de influência sobre as pessoas: “[...] a literatura como um produto social, é parte do real e objeto final do escritor, que produz e reproduz a realidade social em que está envolvido” (SOUZA, 2014, p. 27). Além de tratar de temas delicados e significativos, a literatura pode auxiliar os indivíduos a compreender e lidar com tais assuntos.

Ainda em relação à solidão presente no romance de Jullian (2020), pode ser vista ao longo da obra que esse tema gera desconforto no narrador, mas é justamente a solidão que ele acolhe ao final do romance, uma solidão que de certa forma lhe completa, porque estar sozinho é percebido como uma liberdade, é uma forma de se libertar das amarras de relacionamentos tóxicos e da desvalorização do seu *eu*, de sua identidade. Por isso, no término de sua última carta, o narrador ao não aceitar Kalil como o seu namorado, percebe que, estando sozinho, ele é livre, dono de sua própria história.

No caminho para o ponto de ônibus, lá estava. O bicicletário laranja onde eu e Kalil havíamos alugado as bicicletas para nossa primeira aventura juntos um mês antes. Em um impulso, peguei uma e, sozinho, no meio da noite, comecei a pedalar sem rumo. E enquanto o vento gelado da noite batia na minha pele, levando as lágrimas que saíam pelos meus olhos, fui tomado mais uma vez por aquela tão rara sensação de liberdade. Uma esquisita e voraz alegria. (JULLIAN, 2020, p. 158)

O que observo é que a identidade do narrador negro-gay é uma construção complexa que abrange ambas as dimensões da raça e da orientação sexual. Indivíduos negros-gays, como o protagonista em questão, frequentemente enfrentam dupla discriminação, resultante de sua raça e orientação sexual. Em muitos contextos sociais, a homofobia e o racismo são amplamente disseminados, o que pode tornar a experiência de ser negro e gay difícil, marcada por estereótipos negativos, exclusão e violência. Contudo, no romance em análise, o protagonista, por meio de sua narrativa, se reconhece como negro-gay, em uma jornada singular e pessoal, encontrando aceitação e apoio de sua família e amigos, fatores essenciais para a sua construção identitária. Tais experiências motivam a luta contra a discriminação e o preconceito.

Juan Jullian, por meio de seu enredo sobre o término de uma relação afetiva, explorou diversas problemáticas que afetam pessoas que enfrentam dupla discriminação, como o protagonista negro-gay de seu romance. Em sua obra, o autor fornece ferramentas para a superação e emancipação desses indivíduos. Entretanto, é notável a falta de visibilidade e representação de personagens marginalizados na literatura contemporânea, mesmo em um contexto de ampla disponibilidade de ferramentas digitais que poderiam contribuir para a exposição desses sujeitos. Esse silenciamento é uma forma de tecnologia de opressão, que mantém grupos em situação de vulnerabilidade e invisibilidade.

A leitura de obras literárias pode desempenhar um papel significativo na ampliação da perspectiva dos indivíduos em relação ao mundo que os cerca. Por meio da exposição a diferentes realidades, a literatura possibilita a compreensão mais abrangente do mundo e das pessoas. Além disso, a representação de experiências pode gerar uma sensação de comunidade, pois os leitores podem se identificar com os personagens e encontrar semelhanças com suas próprias vidas. Por fim, a literatura permite que os leitores tenham acesso a diferentes perspectivas, permitindo que sejam representados por outras vozes e outros corpos.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas [...]. Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2000, p. 17)

É importante observar também que essa representação feita por Juan Jullian é uma espécie de (auto) representação, como dito anteriormente. Foi justamente a falta de histórias que lhe representava como um homem negro e gay que despertou sua inspiração em compor esta narrativa. Nos últimos anos, tem-se assistido a uma mudança significativa na forma como os gays são representados na literatura brasileira. Isto se deve, em parte, às mudanças sociais

que estão ocorrendo no país, com o crescente reconhecimento da diversidade sexual e a luta pelos direitos da comunidade.

Silva (2014) reitera que a expressão homoafetiva se constrói longe do discurso preconceituoso, do estereótipo e da discriminação. Assim, entendo que o fazer literário, que tem como tema o indivíduo gay, não deve colocar em seus textos expressões e/ou discursos que reiteram o preconceito com a comunidade LGBTQIAP+. A importância em representar estes indivíduos que por tanto tempo foram/são marginalizados, é um ato de resistência frente a uma parcela da sociedade que segue com pensamentos arcaicos em relação aos corpos não heteronormativos.

A representação do negro na literatura brasileira, por exemplo, é frequentemente problemática, reforçando estereótipos e negligenciando uma parcela da sociedade que há muito tempo sofre com a exclusão e o desprezo. Personagens negros são geralmente relegados a papéis secundários, coadjuvantes ou vilões nas obras literárias. A representação do negro como protagonista é rara, e quando ocorre, muitas vezes cai em lugares-comuns, perpetuando as visões estereotipadas do autor sobre a experiência do negro.

Jullian (2020) incorporou em seu texto um protagonista que por um tempo narra que buscava aparentar ser mais branco, por meio de filtros do *Instagram*, como uma forma de parecer mais bonito para o namorado. Ainda em seu romance, o autor descreve como o preconceito racial era mais voraz no passado, já que através da voz de Abigail, avó do protagonista, pode ser visto como a família dela, uma mulher branca, tratava o avô do narrador. “Me contou como se apaixonara por aquele homem com a pele da cor da noite que foi o meu avô [...]. A família dela não aceitava o namoro com ele, por ser preto e pobre. Eles fizeram as malas e fugiram para Minas sem um tostão no bolso” (JULLIAN, 2020, p. 145).

Claramente, o histórico de preconceito com a comunidade negra era algo muito mais evidente na sociedade, devido à falta de leis e políticas públicas que protegessem as pessoas negras. Assim, o texto de Jullian agrega muito mais realismo, isso acontece porque certamente o racismo é algo presente na vida do autor, já que a literatura carregou por muito tempo o fardo de ser produzida por grupos específicos, estas produções geralmente condicionavam-se a serem apreciadas por grupos muito semelhantes de leitores. O ato de escrever tornou-se um forte aliado para pensar e operar sobre os temas acerca da política e do social. Pois, é mais comum observar produções literárias que apresentam vozes que antes se mantinham nas margens, surgindo, assim, a reivindicação por espaço.

Na próxima seção será observado como a memória, o luto, a melancolia e o desejo estão presentes ao longo do texto de Juan Jullian. Temas estes que podem ser vistos como norteadores para a valorização do protagonista do romance.

#### **4.2 Memória, luto, melancolia e desejo: diegese de um millennial pós-moderno**

No romance em análise, o protagonista se autointitula um “millennial pós-moderno” quando ele diz “Finalmente entendo que eu não deveria ter sido a criança que, aprendendo a andar, cambaleia de um lado para o outro, dos braços do pai para os da mãe (ou para os do outro pai, já que sou um millennial pós-moderno e preciso ser inclusivo em tudo que eu escrevo)” (JULLIAN, 2020, p. 20-21). O termo millennial, também conhecido como *geração Y*, é o período em que nasceram as pessoas entre os anos 80 e 90, indivíduos que, desde o nascimento, assistiram há um grande desenvolvimento em todo mundo, avanços na tecnologia, incluindo o acesso aos computadores e à *internet*, e isso possibilitou que essa geração tivesse mais embasamento para discussões, que até então eram consideradas como tabus por seus pais e avós.

Por isso é que o narrador se considera um *millennial*, porque ele sabe, de acordo com o trecho acima, que na atualidade uma criança pode ter dois homens como seus pais. A literatura, por exemplo, permite para as pessoas, através de suas variadas narrativas, sejam elas ficcionais ou não, outras formas de viver, ajudando-as a compreenderem as diferentes experiências de vida, como também, diferentes perspectivas de outras pessoas na sociedade, o que pode ajudar a reduzir o preconceito e aumentar a tolerância.

Amaral, Inácio e García (2020), porém, destacam que, com o advento da pandemia de Covid-19, tem ocorrido um aumento de atitudes preconceituosas e discriminatórias, bem como de outras problemáticas, como o sexismo, a homofobia e o ressurgimento da supremacia branca. Tal situação tem evidenciado ainda mais a divisão entre ricos e pobres. De fato, essas questões têm sido amplamente discutidas na sociedade contemporânea, motivadas, em parte, pela crença equivocada de que as pessoas podem se expressar livremente na internet sem sofrer consequências criminais. Por exemplo, a supremacia branca é uma ideologia que promove a superioridade racial dos brancos e justifica o sistema de dominação branca sobre outras raças. Essa forma de racismo sistêmico manifesta-se em instituições, políticas e práticas sociais que perpetuam desigualdades raciais. A ideologia é fundamentada na crença de que os brancos são superiores em termos de cultura, inteligência, moralidade e valores. Historicamente, essa

ideologia foi utilizada para justificar a escravidão, a colonização, a opressão de minorias raciais e a perpetuação de desigualdades econômicas.

Infelizmente, a supremacia branca ainda é uma realidade em muitas sociedades, e tem um impacto profundo na vida de pessoas de raças minoritárias. O racismo institucional, a discriminação sistêmica e a falta de representação e oportunidades para minorias raciais são exemplos de como a supremacia branca ainda afeta negativamente a sociedade. A luta contra a supremacia branca requer a conscientização e a mudança de atitudes individuais, bem como a transformação sistêmica das estruturas e instituições que perpetuam a desigualdade racial. Isso inclui a promoção da diversidade e da inclusão, e a igualdade de direitos e oportunidades para todas as raças.

Uma das formas de luta que podemos travar, nós, que lidamos com a palavra, reside em criar poéticas de resistência que acomodem políticas sexuais e combatam a exclusão. Fazer uma poética da resistência significa fazer política social. Porque fazer política social é fazer política contra a exclusão e fazer política contra a exclusão é fazer política sexual. (AMARAL; INÁCIO; GARCÍA, 2020, p. 08)

No âmbito do fazer literário, é crucial que haja espaço para a inclusão de autores e personagens que se encontram à margem da sociedade, a fim de permitir que tais indivíduos afirmem suas potencialidades e compartilhem suas experiências. Em sua obra literária, por exemplo, Jullian (2020) incorpora aspectos de si mesmo, que podem ser interpretados como uma (auto)representação. Linda Hutcheon, em sua obra *Poética do Pós-Modernismo* (1991), entende a parcela da sociedade tida como “marginal”, os indivíduos à margem, como ex-cêntrico.

[...] "ex-cêntrico" (seja em termos de classe, raça, gênero, orientação sexual ou etnia) assumem uma nova importância à luz do reconhecimento implícito de que na verdade nossa cultura não é o monólito homogêneo (isto é, masculina, classe média, heterossexual, branca e ocidental) que podemos ter presumido. (HUTCHEON, 1991, p. 29)

O acesso à textos produzidos e protagonizados por indivíduos denominados “ex-cêntricos” descentraliza a ideia do dominante, dando importância a fala e escrita do sujeito à margem. São obras como a de Jullian (2020), atuais, que validam o discurso de um grupo de pessoas, aquelas que se encontram nas páginas, que refletem a respeito do tema e do modo de ver o mundo, que sabiamente é explorado no personagem principal da trama. E é este fazer literário que contribui para a formação de indivíduos críticos e reflexivos, capazes de compreender o mundo a sua volta.



Percebo a trama contendo quatro temas principais que a norteiam, sendo a memória a principal delas, já que está presente ao longo de todo texto. Além da abordagem da perda, comparada ao luto, tem-se também a melancolia e o desejo, seja o desejo por superação ou sexual, são temas que aproximam o público leitor ao narrador do romance, tendo em vista que são assuntos, que por vezes, fazem parte do cotidiano das pessoas.

Cátia Silene Kupssinskü e Juracy Assmann Saraiva (2018, p. 01) discutem que uma “[...] verossimilhança das tramas ficcionais se sustenta pela memória que, na literatura, interliga passado, presente e futuro – caráter tridimensional do tempo, descrito por Santo Agostinho – que se conjugam na motivação do ato criador, na produção da obra e na leitura”. No romance em análise, o leitor é conduzido por lembranças de diferentes períodos da vida do narrador, antes, durante e depois do término do relacionamento.

A memória é um tema recorrente em muitos textos literários, e pode ser entendida de diversas maneiras, tornando-se uma importante ferramenta para compreender questões pessoais, sociais e históricas. Na literatura, é comum a representação da memória como um processo subjetivo, no qual o narrador ou personagem principal reflete sobre suas próprias lembranças, permitindo a revisão de eventos passados, de traumas, ou a busca por significado e propósito. Além disso, ela também pode ser utilizada como um meio para a compreensão de outras questões, tais como a memória coletiva de uma comunidade ou de uma época histórica.

Os textos literários frequentemente se utilizam da temática da memória para explorar a fragilidade da mesma, sua tendência a se distorcer ou a ser influenciada por fatores externos. Esta abordagem pode incluir a representação da memória como fonte inconsistente de informação ou a investigação sobre a influência de questões políticas, culturais ou sociais na formação da mesma. Ademais, a memória é frequentemente utilizada como recurso narrativo para criar suspense, tensão ou conflito na trama. Dentre esses recursos, pode-se citar a revelação de lembranças ocultas ou a descoberta de verdades surpreendentes.

Ivan Izquierdo (2002, p. 16) entende a memória como “[...] um mecanismo que tem sempre algo de misterioso por trás, algo que diz respeito a quem somos. Nossa individualidade existe porque temos memória. São nossas memórias que irão nos guiar e nos darão suporte para as reflexões sobre o que somos e de como seremos”. É a partir do acesso as suas lembranças, que o narrador consegue refletir e lidar acerca da falta do ex, com o preconceito racial e com a homofobia.

Assim, as memórias se tornam aliadas para a escrita das cartas e para se fazer entender sobre como a identidade e o corpo do protagonista são tratadas ao longo da narrativa. É a partir do processo de recorrer a elas que o narrador consegue expor os sentimentos e

consequentemente ser tratado por sua psicóloga. Mesmo quando a sua tentativa é esquecer: “O problema é que agora todos os sentimentos e memórias que joguei pra baixo do tapete estão vindo a luz do dia, e, ao finalmente tentar lidar com eles, me vejo incapaz de impedir que meu pensamento voe até você quando tem outro ao meu lado” (JULLIAN, 2020, p. 37).

Primo Levi (2016), por exemplo, explica que “As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos” (LEVI, 2016, p. 17). Assim, pode ser entendido que as memórias/recordações se constituem em um jogo de ir e vir, algo que acontece na narrativa do romance em análise, tendo em vista que não segue uma linearidade<sup>35</sup> dos momentos vividos pelo narrador.

O término do relacionamento é o “ponta pé” inicial para ser visto e entendido o estado de saúde mental do protagonista. Primeiramente, ao buscar ajuda de uma psicóloga, o leitor do romance é inserido em um contexto para a compreensão do porquê de suas aflições e de suas angústias. De maneira implícita o narrador faz uma saudação ao seu leitor: “Seja bem-vindo ao conto de fadas do garoto carioca pós-moderno” (JULLIAN, 2020, p. 10). A partir daí a perda do namorado é tratada da mesma forma que o luto.

A Luciana [...] me contou que, quando quebramos nossas expectativas, quando nos frustramos e perdemos algo importante, devemos passar pelo luto. E não importa se o luto for por causa de morte, término ou reprovação em alguma cadeira da faculdade. Segundo ela, o processo geralmente tem cinco fases: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Aparentemente, ainda estou preso na segunda. (JULLIAN, 2020, p. 10)

Como é possível observar, das cinco fases do processo de luto, o narrador considera que ainda se encontra na segunda. De fato, durante a leitura da obra, é perceptível que ele, de certa forma, aceita o término, mas não consegue se desapegar das lembranças e do que acaba tendo acesso na mídia, já que seu ex se torna uma subcelebridade, aparecendo com frequência nas redes sociais e na Tv. Assim, o leitor pode perceber, em sua leitura, que o narrador passa pelas demais fases do luto no decorrer de sua narrativa.

---

<sup>35</sup> A linearidade é um conceito relacionado à estrutura narrativa de uma história. Refere-se à forma como a história é contada, ou seja, se ela segue uma sequência temporal clara e linear de eventos. Em outras palavras, uma história linear é uma história que segue uma ordem cronológica, desde o início até o fim, sem saltos temporais ou *flashbacks*. A linearidade é frequentemente usada em narrativas simples e diretas, onde o foco é na história em si, sem interrupções ou distrações. No entanto, muitos textos literários não seguem uma estrutura linear rigorosa. Eles podem incluir saltos temporais, *flashbacks*, perspectivas alternadas de personagens, e outros recursos narrativos que desafiam a linearidade. Essas estruturas não-lineares são usadas para explorar a complexidade da história e dos personagens, e para enriquecer a narrativa de várias maneiras.

Ao analisar as cartas, é evidente que o protagonista manifesta sentimento de raiva pela perda do amado e um forte senso de culpa. Esse comportamento pode ser explicado pela experiência pregressa do narrador e de outros indivíduos, que ao enfrentar diversas questões sociais, tendem a internalizar um sentimento de culpabilidade por terem sido trocados, o que resulta em um aprofundamento do sofrimento psicológico.

Eu me odeio por permitir esses pensamentos. Odeio porque você está direcionando todo o seu desejo e toda a sua potência para esse instaboy, enquanto nenhuma boca consegue me deixar de pau duro. Odeio porque vocês devem estar fodendo em todos os cômodos da sua mansão na Barra da Tijuca, ao som das músicas que escolheram para o casamento, enquanto o idiota aqui começa a ficar meia-bomba só de lembrar dos nossos quadris juntos e das nossas bocas em comunhão. (JULLIAN, 2020, p. 37)

As perdas que o protagonista sofre ao longo de sua narrativa, ao qual considerarei e chamarei a partir de agora de luto<sup>36</sup>, assim como a psicóloga do narrador, foram essenciais para o crescimento do personagem principal do romance, devido à interpretação e à experiência adquirida com o processo de superação. Tal processo inicia-se com o exercício que Luciana, a psicóloga, passa ao narrador.

Escrever estas cartas é tudo que me resta. Colocar nossa história no papel é minha última tentativa de *superar* tudo o que passou, de deixar para trás você por inteiro. Deixar para trás as memórias boas, as ruins, a saudade, a mágoa e a *melancolia* que me perseguem toda vez que pego escondido o celular da minha mãe pra ver suas novas postagens no Instagram. (JULLIAN, 2020, p. 10, grifos nosso)

Freud (1915/2010<sup>37</sup>), em seu texto *Luto e Melancolia*, correlaciona os dois estados, atribuindo diferenciações e semelhanças. Em síntese, Freud considera o luto como uma reação normal e saudável como sintoma da perda de uma pessoa significativa ou objeto importante. Ele acredita que o luto é uma forma de superar o vínculo afetivo com a pessoa ou objeto perdido e de se adaptar à mudança. No entanto, segundo Freud, o luto também pode se tornar patológico, se o indivíduo ficar preso nesse processo e não conseguir superar a perda. Nesse caso, o sujeito pode experimentar sintomas como ansiedade, depressão e sintomas físicos.

Já a melancolia é observada por Freud como um estado de tristeza profunda e desesperança resultante da perda de um objeto de amor ou da frustração de uma libido (desejo sexual) insatisfeita. De acordo com ele, a melancolia é um aspecto da neurose, que pode ser causada por conflitos inconscientes ou por uma perda real. A pessoa melancólica tende a recusar

<sup>36</sup> Utilizarei o termo pensando na tradução, a partir da palavra *Trauer*, do alemão. Significando tanto “luto” como “tristeza”, termo presente na obra original de Freud (1915/2010).

<sup>37</sup> Ano da edição publicada pela editora Companhia das Letras.

consolo e a ficar presa em sua tristeza, rejeitando o mundo externo e, por vezes, se aprisionando para dentro de si mesma, algo observado no protagonista do romance em análise. Considero que o estado de melancolia ao qual o narrador é posto advém do término de sua relação e de como as suas vivências são colocadas em xeque. Considere-se que ele não só investiu tempo, como também tentou “se moldar” para estar ao lado de um homem com um perfil bem diferente do seu: “Passei dois anos tentando me encaixar em você, na sua vida, nos seus planos, nos seus desejos, e do que adiantou?” (JULLIAN, 2020, p. 09).

Em seus estudos, Freud (2010) considera que a melancolia faz com que o indivíduo tenha um “rebaixamento da autoestima”, algo visto no romance em análise, o narrador não só perde o namorado, como também entende que foi “trocado”, essa troca por um rapaz com um perfil mais próximo ao do seu ex, homem branco e musculoso, lhe gera ciúmes, que ele descreve em uma de suas cartas, porque o novo namorado do seu ex parece ter saído de uma revista masculina. Mas, além do ciúme, é perceptível também uma baixa estima em relação ao seu corpo. Deste modo, Freud (2010, p. 175-176) observa que “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio eu”.

Ainda sobre a melancolia, o estado que, por vezes, se encontra o narrador da obra, tende a ser modificado ao longo de sua narrativa, em razão dele voltar a este lugar de tristeza e solidão, o que popularmente é conhecido como “recaída”. Em relação à melancolia, Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998) explicam que:

Hipócrates define pela primeira vez os sintomas da melancolia. São eles: tristeza e medo. A teoria hipocrática dos quatro humores permitiu a definição dos sintomas da melancolia de uma maneira mais ou menos idêntica: “ânimo entristecido, sentimento de um abismo infinito, extinção do desejo e da fala, impressão de hebetude, seguida de exaltação, além de atração irresistível pela morte, pelas ruínas, pela nostalgia e pelo luto” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 506).

O estado de melancolia é sentido pelo protagonista, por causa da alteração do sono, o que lhe causa problemas para dormir, tratando a melancolia como uma velha amiga. “O sono que me persegue durante toda a manhã parece fugir para bem longe quando finalmente posso me deitar na cama, deixando espaço para minhas velhas amigas: a ansiedade e a melancolia” (JULLIAN, 2020, p. 117). Na verdade, a melancolia, como a vejo nesse romance, é o meu modo de interpretar os fatos, a partir do referencial teórico que uso.

Percebe-se assim que o narrador atribui um sentido bom a algo que de fato não é, tratando a ansiedade e a melancolia como velhas amigas. O que pode ser entendido como uma forma dele afirmar para si mesmo que é familiarizado com estes sentimentos. Vale ressaltar que

este sentimento, na literatura, se torna uma espécie de nostalgia, de acordo com Mendes (2013): uma forma do personagem acessar as suas memórias, de transitar pelo passado e por imagens e acontecimentos elaborados mentalmente como boas lembranças, momentos de felicidade ou de prazer ou, por outro ângulo, imagens de sofrimento, pesadelo e rebaixamento do ser.

São estas memórias que denunciam o passado do protagonista e, ao mesmo tempo, engloba as suas vivências como um homem negro-gay, como também, a sua vontade em viver liberto de suas amarras sentimentais. No romance, o leitor se depara com duas formas do protagonista enfrentar o luto, além de perder o homem que acreditava ser o seu amado, o seu famoso querido ex, ainda se depara inesperadamente com a morte de seu amigo Daniel.

Apesar de Daniel ser descrito como sendo portador de HIV/Aids, a sua morte não tem nenhuma relação com o vírus. E mesmo assim, ainda a morte do personagem não é relacionada ao vírus que transformara a vida dos homens gays em um tormento, nas décadas de 1980 e 1990: a AIDS. Na versão original do romance de 2019, publicado em formato e-book, o autor denuncia o racismo estrutural, já que Daniel é morto por um policial ao ser confundido com um bandido, algo visto com certa frequência nos noticiários. Mas na versão impressa, que está sendo analisada, Daniel tem o seu carro roubado e é morto pelo assaltante.

O cara que durante um mês inteiro me mandou mensagens todos os dias, que me acompanhou quando eu estava sozinho, que tomou café e sorvete comigo quando eu não conseguia conversar com mais ninguém e que eu havia descartado tão friamente depois de tê-lo usado, como se ele fosse um produto com prazo de validade vencido, estava morto. (JULLIAN, 2020, p. 116)

Ao mesmo tempo que o leitor do romance vai tendo acesso às memórias do protagonista do romance, aos poucos é possível conectar-se com ele e entender os motivos que vão levando-o a buscar ajuda de uma profissional da área da psicologia. Sua narrativa percorre diferentes épocas de sua vida. Além do seu enfrentamento em relação ao luto, o narrador também relata, através de suas cartas, o despertar de variadas formas de desejo. Aqui, excluo o desejo em superar o término, já que anteriormente foi visto que ele não só superou, como emancipou-se. Tal emancipação, segundo o conceito de produtividade de Michel Foucault (1988; 2001), é entendida como um processo de libertação das formas de poder que controlam as pessoas e suas ações.

Nesta perspectiva, o poder é entendido como uma força que exerce em todas as relações sociais e que é produzido e reproduzido pelas práticas sociais. A emancipação, portanto, implica numa mudança nas práticas sociais que produzem e reproduzem o poder, permitindo a libertação dos indivíduos das formas de controle que os governam. Em síntese, a emancipação

é vista por Foucault como um processo de libertação das formas de poder que controlam as ações e comportamentos humanos. Silva (2014, p. 66) entende “[...] o desejo gay como o indutor para problematizar um estilo de vida próprio e que também possa ser percebido na urdidura ficcional”. Por isso, considero importante que o fazer literário, através da escrita criativa, possibilite discussões acerca do tema sobre o desejo gay.

Após o término do relacionamento afetivo, o narrador do romance tenta sentir novamente o desejo em se relacionar com alguém, desejo este que ninguém consegue despertar, talvez porque o protagonista ainda se deixava levar pelas memórias do último homem que tivera consigo. “A verdade é que ultimamente tenho tido dificuldade em encontrar desejo. Os beijos têm todos o mesmo gosto. Os corpos têm todos a mesma textura. Os gêneros parecem todos os mesmos” (JULLIAN, 2020, p. 35). Quem experiencia o luto ou a melancolia não encontra motivos para viver, de forma espontânea, em curto prazo de tempo. O mundo e a pessoa em si desmoronam e demoram para encontrar caminhos firmes pelos quais transitar.

Essa falta de desejo ainda é explicada por Freud (2010) em decorrência do luto, que afasta do sujeito qualquer relação com a libido. “O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto” (FREUD, 2010, p. 173). Mas enquanto namorava, o protagonista sentia desejo por outros homens além de seu namorado e acabava se martirizando porque acreditava que não era certo tais sentimentos. Ao descrever a ida em casal para um bloco de carnaval, o narrador expõe, até como uma forma de confessar o que ele acreditava ser um erro, como os homens, de diferentes corpos, lhe excitavam.

[...] eu não conseguia deixar de olhar e desejar todos aqueles homens. Barbies com seus corpos milimetricamente depilados e moldados pelo sofrimento diário nas academias. Ursos com seus largos ombros, braços e peitorais cobertos por uma camada de pelos que urgiam pelo toque. Twinks com sua aparência esguia e olhares atentos. Toda aquela efusão de caras sufocantes do Rio de Janeiro, me excitava. (JULLIAN, 2020, p. 59)

É possível perceber a sensível e sensibilizada do protagonista, por causa do acontecimento maior que experimentara e, também, como fruto de sua pouca idade da época, em relação ao desejo e ao mesmo tempo pela culpa em ter feito sexo com o seu namorado, imaginando um homem que lhe olhara no bloco de carnaval. Em seu relato, ele descreve a forma que via a atitude em desejar outros homens enquanto namorava, como algo ruim. “O universo havia me agraciado com um homem que personificava tudo que sempre desejei, e, mesmo

assim, eu via meu interesse desviar dele para inúmeras outras pessoas. Uma puta, uma vadia que realmente não merecia o homem que tinha” (JULLIAN, 2020, p. 59).

Assim, é possível perceber novamente que o narrador, após refletir sobre os desejos por outros homens, acredita não ser merecedor do namorado que tinha, o que permite entender sua insegurança em relação ao seu namorado e sua crença de que o antagonista era perfeito demais e que por isso deveria “andar na linha”. Maria Rita Kehl (1990, p. 363) explica que “[...] todo sujeito é sujeito de um desejo, ou melhor, todo sujeito é sujeito porque é desejante”. O desejo é essa emoção complexa e poderosa que motiva as pessoas à ação. É a sensação de querer algo com intensidade e determinação. Pode ser relacionado a coisas materiais, como posses ou bens, mas também pode ser relacionado a experiências, relacionamentos, realizações pessoais e outras coisas imateriais.

O desejo é um aspecto essencial da natureza humana, que sofre influência de diversos fatores, tais como necessidades biológicas, culturais, experiências prévias e expectativas futuras. O caráter positivo ou negativo do desejo é determinado pela natureza do objeto ou situação desejados. Embora a realização do desejo possa trazer satisfação e felicidade, a sua não realização pode gerar frustração e insatisfação, caso o objeto ou situação desejados não possam ser alcançados, ou se a realidade não corresponder às expectativas. Essa última situação ocorreu com o protagonista, quando ele se envolveu com um homem que conheceu na rua, resultando em exposição a uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST). O intenso desejo do narrador o torna mais humano e tangível, permitindo que os leitores se identifiquem com a sua realidade.

Tal noção de realidade que é encontrada no romance, amplia as discussões em relação aos homens negros-gays, que precisam enfrentar as adversidades da vida real, por estarem presentes em uma sociedade que nega a existência destes corpos. A superação, seja por conta do status social, do racismo, da homofobia, ou como visto no romance, de um término, se configura em um ato de validar o *eu*, é possível que ao falar destes sujeitos é que eles passam a existir e serem reconhecidos por uma parte da sociedade.

Através da memória, do luto, da melancolia, do desejo e de todos os outros temas apresentados ao longo do romance contemporâneo *Querido Ex*, (2020), o narrador entende o seu corpo e a sua identidade. Esta interpretação de si é percebida por ele a partir do momento que ele supera o término. Todo o aprendizado, que construiu ao longo de sua narrativa, é validado no trecho a seguir:

Eu preciso te agradecer porque foi só depois de você me bagunçar e sair da minha vida que eu pude realmente saber quem sou, saber o que eu quero e para onde vou, e por mais que as respostas não venham fáceis e embrulhadas em belos pacotes de presente como nos filmes a que tanto assisto, elas se mostraram e estão se mostrando para mim das formas mais inusitadas. (JULLIAN, 2020, p. 152)

A busca por entender o seu lugar no mundo, que considero como uma busca por sua identidade, fez com que o protagonista do romance de Juan Jullian experimentasse uma catarse, sentimentos que antes lhe reprimiam, condicionaram-no para uma nova visão de mundo, o encontro de seu lugar, sentiu-se pertencente. É gratificante entender que em sua estória, foi apresentado ao longo de várias cartas/capítulos, um rapaz mentalmente adoecido, na busca de ser amado por outro homem, mas na verdade, percebeu-se que a sua libertação viria com o entender de que sua felicidade depende de si próprio. “[...] só posso ter a pretensão de cuidar e controlar as coisas que acontecem nessa minha cabeça. Não posso e não consigo controlar nada nem ninguém além da maré que existe em mim. Preciso olhar pra mim, e isso finalmente significa deixar para trás a memória e a ideia de nós” (JULLIAN, 2020, p. 152)

É evidente que o protagonista reconhece que também teve culpa no término do relacionamento, assim, expressa “[...] que eu não sou só a vítima, que eu também errei [...]” (JULLIAN, 2020, p. 104). Ao acessar suas memórias e sentir que também cometeu erros em relação ao relacionamento, faz com que o leitor compreenda o aprendizado que o tempo lhe proporcionou. Izquierdo (1989, p. 89) afirma que “[...] a memória dos homens [...] é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias denomina-se *aprendizado*”. Reconhecer os próprios erros passa para o leitor a ideia de que ele está adquirindo uma maturidade que não tinha, já que ele mesmo notava a sua imaturidade. “[...] eu tenho lutado muito, muito mesmo, para não ser esse garoto. Esse garoto que vive pelo ex-namorado. [...] Esse garoto recalcado, invejoso ou cheio de mágoa” (JULLIAN, 2020, p. 151).

Ao final, percebe-se que o narrador deixou de ser um garoto, este que ele mesmo sugere, para se tornar um homem. Sua jornada lhe trouxe amadurecimento, compreensão e interpretação sobre si próprio. A representação deste protagonista por Juan Jullian garante ao leitor momentos divertidos, tristes e de reflexão, é uma poderosa arma para a crescente intolerância da sociedade brasileira. Por isso, a importância de autores contemporâneos como Jullian (2020). Antônio Candido, por exemplo, (2006) em seu livro *Literatura e Sociedade*, discute que o escritor é alguém que desempenha um papel social, numa determinada sociedade, além de observar que o autor só toma consciência da sua obra, quando ele percebe a reação de terceiros, ou seja, dos leitores.



Deste modo, o escritor tem uma função importante: além de depender do leitor, sua escrita dialoga e cria relações com o seu público. Vale ressaltar que a produção literária pode ultrapassar a bolha a qual seu autor pertence, já que “[...] a posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não corresponde necessariamente ao seu próprio. Este fator exprime o reconhecimento coletivo da sua atividade, que deste modo se justifica socialmente” (CANDIDO, 2006, p.85).

Djamila Ribeiro, escritora negra, em sua obra *O que é lugar de fala?* (2017, online) explica que “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como modo de refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”. O lugar de fala nada mais é do que possibilitar ao sujeito a visibilidade que lhe foi negada ao longo da história. Sendo assim, garantir o lugar de fala significa promover a inclusão social e tirar do anonimato aqueles que foram invisibilizados, passando, eles mesmos, a serem senhores de si, do seu discurso, de sua trajetória discursiva.

A escrita de Juan Jullian (2020) faz diversas menções à cultura Pop: uma linguagem mais informal, com a presença de gírias e expressões presentes nas conversações de jovens pela *internet*, pode não ser apreciada como deveria pela crítica especializada ou simplesmente ignorada, tendo em vista que “O crítico tem a bagagem acadêmica, o respaldo de grandes veículos de comunicação e o reconhecimento de livreiros e de leitores mais tradicionais” (CASARIN, 2015, online). Mas o texto de Jullian (2020) é atual e necessário, auxiliando no reconhecimento da visibilidade de homens negros-gays. Souza (2014) reflete que a literatura é uma produção que faz parte da necessidade humana em criar, como também é uma prática social, presente em diferentes épocas e sociedades, através de textos escritos ou de forma oral, a exemplo das contações de história.

Nota-se que Jullian (2020) ao escrever uma (auto) representação de si, empregou em seu texto um pouco das experiências que certamente viveu, por ser um homem negro-gay e ao mesmo tempo conseguiu empregar um pouco de cada indivíduo, que assim como ele é negro-gay, em sua narrativa. O autor fez com que, em seu romance contemporâneo, o seu narrador passasse a existir. Sua escrita proporciona um acolhimento a estes indivíduos, porque problematiza questões gerais sobre preconceitos raciais e de gênero, assim como modos de superar esses dois grandes estigmas que ainda assolam parte da população brasileira no dia a dia.

A condição gay e negra que antes lhe fora uma espécie de tropeço – não porque era, mas porque a sociedade e o seu ex faziam questão de que assim fosse – agora é sublimada. Talvez sublimada. Ou superada. Superar de um todo, parece que não acontece de forma rápida, mesmo

em se tratando, aqui, de uma narrativa literária longa. O que o maltratou, o feriu e causou dores e sofrimento, agora é relevado, é transposto para uma outra existência ou esfera, com a qual dialoga, mas com a qual não digladia mais, porque deixou de incomodá-lo, de torná-lo menor. Agora, como visto anteriormente, o narrador é grande, maduro, consciente. Por isso estudiosos como Calegari (2012) e Dalcastagnè (2008) se colocam nesse campo de discussão para problematizar esses tipos de questões levadas para o campo do literário e materializadas em escritas criativas ou ficcionais que induzem a uma reflexão profunda sobre o assunto da marginalização de indivíduos, seja por questões de gênero, raça, classe social ou outras formas de discriminação. Eles buscam compreender como a escrita literária pode contribuir para o enfrentamento dessas desigualdades e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, ao mesmo tempo em que questionam o papel da arte na reprodução ou subversão de padrões e estereótipos sociais. É possível observar que após o recebimento do convite do casamento do seu ex, o protagonista tem uma atitude positiva em relação ao casal. O trecho a seguir demonstra tal conjuntura:

Essas cartas continuam sendo uma forma menos dolorosa de dizer seu nome, de conversar com você, de reviver o que tivemos. Uma forma de me despedir de nós. Eu precisava de uma final de verdade. E esse final de verdade veio há duas horas, quando embrulhei um presente para vocês. [...] Um presente que carrega um bilhete dizendo: “Boa sorte e obrigado.” (JULLIAN, 2020, p. 125)

A sublimação, conforme entendo, parece estar presente também no trecho dado. O narrador, já finalizando a sua história de vida, dirige-se ao ex. Entende-se que, talvez, os dois poderiam ter tido a chance de falar abertamente de todos os problemas pelos quais passaram, ou pelos quais ele, o protagonista, teve que passar junto ao outro. As mágoas foram guardadas como em sublimação: passou por um processo em que a matéria (dores e sofrimento) se volatilizou, sublimou-se. Isso não se aniquila, apenas processa-se de forma a não mais se tornar visivelmente presente. Além disso, o rancor também é abandonado e cede lugar, nesse fim de narrativa, à saudade. À memória.

O narrador afirma que nunca deixou de sentir o ex através das lembranças. Logo, o romance enquanto gênero parece ter funcionado também como atividade catártica que promoveu a sublimação e amadurecimento do narrador. Dessa forma, pode ser aprendido com a escrita que se coloca dessa forma. Acredito que Juan Jullian se propõe a promover exatamente esse tipo de sensação nos leitores.

Percebe-se que o protagonista do romance *Querido Ex*, (2020) foi apresentado de forma crível, havendo no texto poucos estereótipos em relação às vivências de um homem negro-gay,

o seu corpo e sua identidade foram respeitados ao longo da escrita de Jullian, certamente este feito advém do cuidado em construir um narrador que conta mais do que sua própria história, já que ele representa tantas outras vozes silenciadas na sociedade, incluindo a do próprio autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor do romance *Querido Ex* (2020) ao desenvolver um personagem que representa os homens negros e gays, demonstrou extrema competência na sua abordagem de temas sensíveis, como o racismo, a homofobia e o HIV. Apesar de a narrativa poder incomodar alguns leitores mais sensíveis, a construção cuidadosa e realista do personagem central permitiu que o autor abrisse um espaço de reflexão sobre as marginalizações e discriminações enfrentadas por essa parcela da população. Dessa forma, a obra contribui para uma discussão importante e necessária sobre as questões sociais que afetam a vida desses indivíduos.

A escrita criativa permitiu que a história fosse narrada de forma envolvente e emotiva, atraindo a atenção de um público mais amplo e tornando a mensagem ainda mais impactante. Nesse sentido, é possível afirmar que o autor não apenas produziu uma obra literária de qualidade, mas também contribuiu para uma discussão importante e necessária sobre as questões sociais enfrentadas pelos homens negros e gays. A mensagem principal da obra é perceptível, uma vez que destaca o processo de desenvolvimento humano e a evolução do indivíduo na sociedade, abordando questões contemporâneas como a busca por *likes*, as relações homoafetivas em aplicativos de pegação, o imediatismo, entre outros temas.

Um aspecto da obra que chama atenção e que é explorado em diversas narrativas é a morte prematura do protagonista, tema que frequentemente aparece em histórias com personagens LGBTQIAP+. Como exemplo, pode-se citar a obra literária *O Quarto de Giovanni* (1956), de autoria do escritor norte-americano James Baldwin, na qual o protagonista é acusado de um crime e condenado à morte. Da mesma forma, no filme *O Segredo de Brokeback Mountain* (2005), um dos protagonistas morre vítima de um ato homofóbico. O uso recorrente dessa temática pode ser interpretado como uma forma de representação das dificuldades e injustiças enfrentadas por esses grupos sociais, bem como uma denúncia da violência e do preconceito ainda presentes em nossa sociedade.

Considero que narrativas com desfechos trágicos para personagens LGBTQIAP+ podem transmitir a ideia de que essas pessoas não são capazes de serem felizes e estão destinadas a mortes prematuras. No entanto, é possível compreender que esse tipo de final é utilizado em algumas obras com a finalidade de transmitir uma mensagem específica. No caso da obra analisada, entendo que a utilização desse desfecho pode ter ocorrido para justificar a apresentação das cartas que compõem o livro, as quais são utilizadas para narrar a história e construir a trajetória do protagonista. Nesse sentido, é válido mencionar que, recentemente, foi

publicada uma continuação da obra, intitulada *Maldito Ex* (2021), na qual o ex-namorado do protagonista apresenta sua versão dos fatos, em uma narrativa ficcional.

Vale ressaltar que a obra ficcional de Jullian (2020) apresenta semelhanças com a vida do autor, que é um indivíduo negro e gay, bem como filho de uma mulher lésbica. É possível argumentar que a utilização do "eu" por parte do autor confere ao romance uma série de características que o diferenciam de outros romances contemporâneos, tais como o tratamento dado aos sentimentos, às angústias e à emancipação de indivíduos negros-gays.

Minha intenção é que, por meio da análise crítica do romance *Querido Ex* (2020), possamos refletir sobre a representação do corpo negro e gay na sociedade atual, que muitas vezes é objetificado, silenciado e maltratado. Contudo, essa reflexão não deve se limitar apenas ao sofrimento desses indivíduos, mas também deve destacar a possibilidade de superação e emancipação, com o reconhecimento de sua identidade. É fundamental que obras literárias escritas por autores que são marginalizados pela sociedade, como no caso de Juan Jullian, ocupem um espaço cada vez maior nas prateleiras das livrarias, a fim de que essas narrativas tenham o poder de inspirar e impactar positivamente a vida de outros indivíduos que se identificam com essas experiências.

Nesse sentido, a obra em análise configura-se como uma evidência da possibilidade de retratar indivíduos marginalizados como protagonistas em narrativas, explorando romances e transportando o leitor para contextos diversos daqueles presentes em seu cotidiano. Ademais, a análise da obra permite identificar a superação do protagonista e como este, alinhado à perspectiva foucaultiana de produtividade, consegue emancipar-se ao longo da narrativa. É salutar frisar que, apesar de eventualmente haver críticas em relação à qualidade literária da obra, a escrita criativa pode circular e alcançar um público amplo, independentemente do valor conferido por uma elite de especialistas em literatura. A obra pode suscitar sensações, ensinar e fomentar reflexões significativas para seus leitores.

A literatura brasileira é composta por uma vasta variedade de histórias, cada uma delas única e relevante. A obra em análise ganha destaque por representar sujeitos marginalizados, como homens negros-gays, e atribuir a eles voz e protagonismo. Nesse sentido, a literatura se torna uma ferramenta importante para enriquecer a visão de mundo dos leitores e promover a compreensão de que todos merecem o mesmo respeito e consideração, independentemente de sua posição social.

Embora sejam notáveis os avanços na literatura produzida por indivíduos silenciados socialmente, em razão de questões de raça e/ou sexualidade, é importante enfatizar a relevância dessas obras. Elas possibilitam que outros sujeitos se identifiquem com narrativas que antes não

eram escritas, dando voz a quem não a tem e representando sujeitos que são invisibilizados pela sociedade. Em suma, a literatura é uma importante ferramenta para garantir a visibilidade e o reconhecimento de sujeitos marginalizados.

A obra literária analisada evidencia o protagonismo do indivíduo negro e gay, um sujeito que historicamente não recebeu a devida valorização na sociedade moderna e que, em grande parte, não é retratado em posição de destaque nas obras literárias. A leitura crítica deste romance é essencial para quebrar paradigmas e contribuir como uma forma de resistência na luta contra a discriminação. Ademais, o trabalho analítico da obra possibilita uma reflexão sobre a empatia, estimulando a promoção de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora, que reconheça e valorize a diversidade.

É importante ressaltar que a baixa autoestima de homens negros-gays deve ser reconhecida e abordada de forma adequada, uma vez que tal condição pode ter implicações graves na saúde mental e no bem-estar geral desses indivíduos. Nesse sentido, a promoção de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora, que valorize a diversidade, é fundamental para ajudar a melhorar a autoestima desses homens e garantir que se sintam valorizados e respeitados em seus direitos e dignidade.

Há uma crescente conscientização e mobilização contra o racismo e a homofobia em diversas sociedades, evidenciando a necessidade constante de lutar por direitos, justiça e igualdade para todos. Essa tarefa deve ser prioridade em todos os níveis da sociedade, incluindo a transformação de atitudes individuais, a promoção da diversidade e da inclusão, e o enfrentamento sistêmico das desigualdades.

Este estudo representa uma importante contribuição para a reflexão sobre temas relacionados à raça/etnia, sexualidade, identidade e literatura contemporânea. Ao enfatizar a presença de múltiplos sujeitos e narrativas literárias, essa pesquisa permite que a sociedade compreenda com mais empatia as diferentes formas de ser. Dessa forma, acredito que este estudo contribui efetivamente para os estudos em literatura, memória e estudos culturais do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.
- ALBINO, Hugo Seghessi; MÍGUEZ, Antón Castro. **Literatura Gay? Literatura Homoerótica? Afinal, o que é a Literatura Queer?: Desbordamentos e Circunscrições Conceituais da Literatura Queer**. Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2021.
- AMARAL, Ana Luíza; INÁCIO, Emerson; GARCÍA, Paulo César. **GÊNERO E SEXUALIDADES: DISSIDÊNCIAS E RESPIRAÇÕES. Pontos de Interrogação** – Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), v. 10, n. 2, p. 07-17, 2020.
- ANDREWS, Georg Reid. **Negros e brancos em São Paulo**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: EDUSC, 1998.
- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BELIN, Matheus de O. **História da homossexualidade no Brasil**: abusos, perseguições, repressões e o avanço do movimento LGBT+. 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16212>. Acesso em: 02 de dez. 2021.
- BENETTI, Idonézia Collodel; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, [S. l.]**, v. 8, n. 19, 2016. DOI: 10.5007/cbsm.v8i19.69050. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69050>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Orgs.). **Homofobia e Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres/EdUnB, 2009.
- BUIM, Arena, D., & Rufino Lopes, N. (2013). PNBE 2010: personagens negros como protagonistas. **Educação & Realidade**, 38 (4), p. 1147-1171, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/38158>. Acesso em: 24 fev.2022.
- CALEGARI, Lizandro. A perspectiva queer na literatura brasileira: Aretusa Von e o “Triunfo dos Pelos”. **Revista Literatura em Debate**, v. 10, p.73-87, 2016. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/2082>. Acesso em 24 de nov. 2021.
- CALEGARI, Lizandro. O cânone literário e as expressões de minorias: implicações e significações históricas. **REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS**, v. 2, n. 5, 29–44, 2012. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/354>. Acesso em 24 de nov. 2021.

CAMPELLO, Eliane; SCHMIDT, Rita Terezinha. Apresentação: corpo e literatura. **Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, v. 68, n. 2, p. 9-12, 2015.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARDOSO, Lucilene; GALERA, Sueli Aparecida Frari. O cuidado em saúde mental na atualidade. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** [online], v. 45, n. 3, p. 687-691, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000300020>. Acesso em: 23 de nov. 2022.

CARVALHO, Endrio Gabriel; LIMA, Heider Costa. **Política de cotas raciais no Brasil e seus desdobramentos**. 2021. Artigo científico (graduação em Direito) – Centro Universitário Una Betim, Minas Gerais, 2021.

CASARIN, R. Mercado literário: Os booktubers vão substituir os críticos especializados?. **Uol Entretenimento**. Publicado em: 15 de agosto de 2015. Disponível em: <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/08/15/mercado-literario-os-booktubers-va0-substituir-os-criticos-especializados.htm>. Acesso em: 02 jan. 2023.

CASTILHO, Suely Dulce. A Representação do Negro na Literatura Brasileira. **Novas Perspectivas Olhar de Professor**, vol. 7, núm. 1, p.103-113, 2004.

CASTRO, Mably Lopes. Um breve histórico da literatura homoerótica no Brasil. In: **XII JOGO DO LIVRO E II SEMINÁRIO INTERNACIONAL LATINO-AMERICANO**, Minas Gerais, 2017.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2000.

Costa, Jhonatan Leal da. **Solidão e homoafetividade em Mosaicos azuis desejos, de Antonio de Pádua**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade), Universidade Estadual da Paraíba, 2014, 184 p.

COURTINE, J.J., CORBIN, A., VIGARELLO, G. (Orgs). **História do corpo: As mutações do olhar. O século XX. Vol.III**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. **História do corpo III: as mutações do olhar. O século XX. 2. ed.** Petrópolis: Vozes, 2008.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2123/1687>. Acesso em: 05 out. 2022.



DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, v. 31, p. 87-110, 2008. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2021/1594>. Acesso em: 25 nov. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. **Diálogos Latinoamericanos**, n. 3, p. 114-130, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. **Iberical**, Paris, n. 2, p.13-18, março, 2012. Disponível em: <https://iberical.sorbonne-universite.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em: 25 de nov. 2021.

DOURADO, Cláudia de Souza et al. Corpo, cultura e significado. **Journal of Human Growth Development**, v. 28, n. 2, p. 206-212, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822018000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822018000200013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 20 jun. 2022.

DOVER, Kenneth James. **A homossexualidade na Grécia Antiga**. Trad. Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.

DUARTE, E. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 31, p. 11–23, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430>. Acesso em: 24 abr. 2022.

DUARTE, E. A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, v. XIII, p. 113-138, 2010.

DURÃO, Fábio. **O que é crítica literária?** São Paulo: Nankin/Parábola, 2016.

ETCOFF, Nancy. **A lei do mais belo**: a ciência da beleza. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

FARHAT, Damian Guimarães Konopczyk Maluf. **As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje**. 2008. 30 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/118970>. Acesso em: 23 mai. 2022.

FAUSTINO, D. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, E. A. **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75-104.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance** Trad. Sergio Alcides; prefácio Luiz Ruffato. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2005.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992, p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais:** Curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRANCISCO; Rafael. Et al. **Gênero, sexualidade e direito:** uma introdução. Belo Horizonte: Initia Via, 2016.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. A Interpretação dos Sonhos. vol. IV. **Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Obras completas, volume 16:** O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FRY, Peter. Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção de beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu e vestido:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 303-326.

FUNDO BRASIL. **Significado da sigla LGBTQIA+.** Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>. Acesso em: 03 de abr. de 2022.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora.** Comunicação & Cultura, n. 1, p. 21-35, 1 jan. 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.; Trad.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo:** história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos Avançados, [S. l.]**, v. 3, n. 6, p. 89-112, 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522>. Acesso em: 17 nov. 2022.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** 22.ed. Trad. Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

JULLIAN, Juan. **Querido ex.** Rio de Janeiro: Galera Record, 2020.

KUPSSINSKÛ, C. S.; SARAIVA, J. A. Literatura, memória e identidade em ‘Infância’, de Graciliano Ramos. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 40, n. 2, p. e41030, 1 out. 2018.

L.L. **Um homem gasto:** Episódio da história social do XIX século – Estudo Naturalista. Rio de Janeiro: Editores Matheus Costa e Cia, 1885.

LACAN, Jacques. **O seminário 1. As escritas técnicas de Freud**. Trad. Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LAJOLO, Marisa. Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores. **Matraga**, n. 14, p. 61-75, 2002.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LIMA, A.; CERQUEIRA, F. de A. Identidade homossexual e negra em Alagoinhas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 1, n. 01, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2262>. Acesso em: 7 jun. 2022.

LIMA, W. A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O NARRAR INTERNO. **Revista Saridh – Linguagem e Discurso**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/RevSaridh/article/view/25107>. Acesso em: 26 jun. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** - ensaios sobre sexualidade e teoria queer I. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MACIEL, Maria Cristina. **Literatura: a voz da escritora negra**. Revista Papéis, Campo Grande, v. 21, n. 42, p. 230-241, 2017.

MALAFAIA, E. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. **Congresso Brasileiro de Pessoas Negras**. Uberlândia, 1-15, 2018.

MEDINA, J. **O brasileiro e seu corpo**: educação e política do corpo. 4 ed. Campinas: Papyrus, 1994.

MENDES, Elzilaine. Domingues. **Da perda das ilusões à melancolia**: um estudo psicanalítico em Balzac. 2013. 258 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultural) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENDES, Leonardo. **O retrato do imperador**: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

MENDONÇA, Gabriela Alves Brandão de. **Importância da literatura contemporânea de temática LGBT para a educação**. 2018. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) —Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas**, vol. 14, núm. 3, p. 681-693, 2006.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: nota introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Teoria Queer. v. 1 n. 2, p. 08-25, 2014.

MORAIS, Fernando Luís. **Diamantes negros sob um arco-íris multicolorido**: as identidades negras-gay na poesia de Thomas Grimes. 150 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, n. 12, p. 169-203, 2010. Tradução. Disponível em: [biblio.fflch.usp.br/Munanga\\_K\\_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf](http://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf). Acesso em: 25 out. 2022.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1992.

OLIVEIRA, Rubenil; SIMÕES, Maria. Do sodomita ao homoafetivo: estereótipos gays na literatura. Interdisciplinar-**Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 30, p.145-161, 2018.

PEREIRA, Edir. **Resistência Descolonial**: Estratégias e Táticas Territoriais. Terra Livre, Ano 29. n. 43, v.2. p.17-55. São Paulo, 2017.

REIS, Alice Casanova; SCHUCMAN, Lia Vainer. A constituição social da memória: lembranças de uma testemunha da II Guerra Mundial. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 388-408, ago. 2010. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682010000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 jul. 2022.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Biblioteca Nacional, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIZZO, Lia. Vidas invalidadas: saúde mental de negros e LGBTQIA+ é pauta prioritária. **UOL**, 2021. Disponível em: [Vidas invalidadas: saúde mental de negros e LGBTQIA+ é pauta prioritária - 21/10/2021 - UOL VivaBem](https://www.uol.com.br/vivabem/2021/10/21/vidas-invalidadas-saude-mental-de-negros-e-lgbtqia-e-pauta-prioritaria/). Acesso em: 20 de out. de 2022.

RODRIGUES, Hiram Campos. Jovens Negros LGBT's no ambiente escolar: como trabalhar a sexualidade na escola na perspectiva das relações étnico-raciais?. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**. V. 2 n. 2. p. 86-96, maio/agosto, 2018. Disponível em: <https://educacaoe psicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/65> Acesso em 08. out.2022.

ROMANI, Flavio. A importância das relações gays afrocentradas na valorização da identidade negra na atualidade. **Seminário FESPSP**. 2016. Disponível em: [https://www.fespsp.org.br/seminarios/anaisV/GT7/Importrelagaysafrocentradas\\_FlavioRomani.pdf](https://www.fespsp.org.br/seminarios/anaisV/GT7/Importrelagaysafrocentradas_FlavioRomani.pdf). Acesso em: 21 de nov. de 2021.

Roudinesco, E. & Plon, P.. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTANA, Bruna da Paixão; SILVA, Everton Melo da; ANGELIM, Yanne. Negro(a)s na mídia brasileira: estereótipos e discriminação ao longo da formação social brasileira. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol. 22, n. 40, p. 52-66, 28 dez. 2019.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 28, p. 19–54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SENA, J. O protagonismo da linguagem na produção de corpos, discursos e práticas de resistência. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 10, n. 25, p. 123–143, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/30695>. Acesso em: 24 jul. 2022.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos**. Maceió: Editora, 2012, p. 83-108.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. DE AFETOS ROMÂNTICOS A PERFORMANCES NEONATURALISTAS: UMA REFLEXÃO SOBRE PRÁTICAS HOMOAFETIVAS NA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Pontos de Interrogação** – Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), v. 10, n. 2, jul.-dez., p. 205-222, 2020.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **O ensino de literatura hoje: da crise do conceito à noção de escritas**. Campina Grande: EdUEPB, 2016.

SILVA, Claudicélio. Por uma epistemologia da sexualidade na literatura contemporânea. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 5, n. Especial, p. 16–35, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/21798>. Acesso em: 24 mar. 2022.

SILVA, Rodrigo; CARVALHO, Tamires. O homoerotismo na perspectiva da literatura brasileira. **Anais XI CONAGES**. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10753>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

SOARES, José; Lima, Karoline; Conceição, Ludmila. Resistência negra e pós abolição no Brasil. **Revista Emblemas. Dossiê “Questões Agrária na Contemporaneidade” (volume II)**. v.16, n.2, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/52669>. Acesso em: 30 de nov. 2021.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra**: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOUZA, Eliabe Gomes de. **Literatura marginal e periférica**: Práticas educativas na periferia de São Paulo. 134f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 2014.

SOUZA, Warley Matias de. **Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. 142 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ECAP-8BRF39>. Acesso em: 05 de mai. 2022.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. **Valter Hugo Mãe**: filho de mil homens e mil mulheres. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Recife, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Petrópolis: Vozes, 2013.

VEIGA, Lucas Motta (2018). As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. *Revista Tabuleiro de Letras*, 12(1), 77-88. Disponível em: <https://doi.org/10.35499/tl.v12i1.5176>. Acesso em: 25 abr. 2022.

WINNER, Langdon. “Do Artifacts Have Politics?” In WINNER, L. **The Whale and the Reactor – A Search for Limits in an Age of High Technology**. Chicago: University of Chicago Press, 1986 p. 19-39.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.